

REVISTA EDIÇÃO Nº 90 | DEZEMBRO DE 2022

CONEXÃO LITERATURA™

PORQUE AMAMOS LIVROS



Distribuição Gratuita

ISSN 2448-1068

www.revistaconexaoliteratura.com.br



CONHEÇA O NOVO
LIVRO **BEM PERTO**,
DA AUTORA
ELIANE BODART,
PÁG. 06



CONFIRA

ARTIGOS, RESENHAS
CONTOS, POEMAS, CRÔNICAS,
ENTREVISTAS, DICAS DE LIVROS
E MUITO MAIS...

ÍNDICE

CONTÉÚDO

- Expediente, pág. 03**
- Editorial, por Ademir Pascale, pág. 04**
- Conheça o livro *Bem Perto*, da autora Eliane Bodart, pág. 06**
- Flores e plantas da moda, por Bert Jr., pág. 08**
- Poema: "O seu nome é Gal", por Bert Jr., pág. 11**
- Rabelais, vanguarda e escatologia, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 13**
- Poema: "Amiga-irmã", por Meire Marion, pág. 17**
- Dicas para leitura, pág. 19**
- Poema: "Quando o menino chegar", por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 21**
- Se eu morresse amanhã, por Ivete Rosa de Souza, pág. 23**
- Poema: "Cedo", por Lilian Ferraz, pág. 25**
- Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 27**
- Poemas de Wanda Rop, pág. 33**
- Tens ondas curtas, ozônio e tudo mais, por Maria Eugênia Vieira, pág. 37**
- Poema: "Nova idade média", por Roberto Schima, pág. 42**
- As flores de Laura Pausini, minha querida! (inglês/português), pág. 44**
- Consciência, negritude e literatura, frente ao preconceito racial brasileiro, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 46**
- A magia do Natal, por Míriam Santiago, pág. 54**
- Lançamentos: Livro "O insólito caso dos desaparecidos" e "Primeira revista eletrônica da OAB-Méier, por Joelina Cândida, pág. 57**
- Entre luzes, sombras, penumbra, névoa ou escuridão?: o Brasil em retrospectivas e prospectivas - (breves) notas históricas, por Marcos Pereira dos Santos, pág. 62**
- Entrevista com Carla Di Mancuso, pág. 70**
- Entrevista com Anna Oliveira, pág. 73**
- Entrevista com Edson Corrêa, pág. 78**
- Entrevista com Elisabeth Sene-Costa, pág. 82**
- Entrevista com Georgina Martins, pág. 88**
- Entrevista com Marcelo Brambilla, pág. 93**
- Entrevista com Sargon Da-Ryavus, pág. 98**
- Entrevista com Maria Conceição Lustosa, pág. 102**
- Entrevista com Arnaldo Chagas, pág. 105**
- Citações de grandes autores, pág. 111**
- Conto: "A menina mecânica", por B. B. Jenitez, pág. 116**
- Conto: "Lida de menina", por Idicampos, pág. 122**
- Conto: "Revelação", por Iraci J. Marin, pág. 125**
- Conto: "Homo sinteticus", por Ney Alencar, pág. 129**
- Conto: "Carta ao Jupteriano, por Mónica Palacios, pág. 133**
- Conto: "Confronto", por Roberto Schima, pág. 136**
- Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 149**



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

LUIS FERNANDO VERÍSSIMO

"A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer "escrever claro" não é certo mas é claro, certo?"

CHICO BUARQUE DE HOLANDA

"Eu canto a dor que eu não soube chorar."

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

CONTATO:  ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA-NOS NAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd

Editor



Ademir
Pascale

EDITORIAL

Queridos leitores!

Dezembro chegou com a nossa edição de nº 90, completando 12 edições em 2022, recheadas de informações sobre livros, poemas, contos, dicas de livros e entrevistas com escritores.

Desejamos um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo. E que 2023 seja repleto de conquistas, saúde, dinheiro e principalmente: MUITO AMOR.

Tenha uma ótima leitura!

Ademir Pascale

CONTATO:

e-mail: ademirpascale@gmail.com
site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

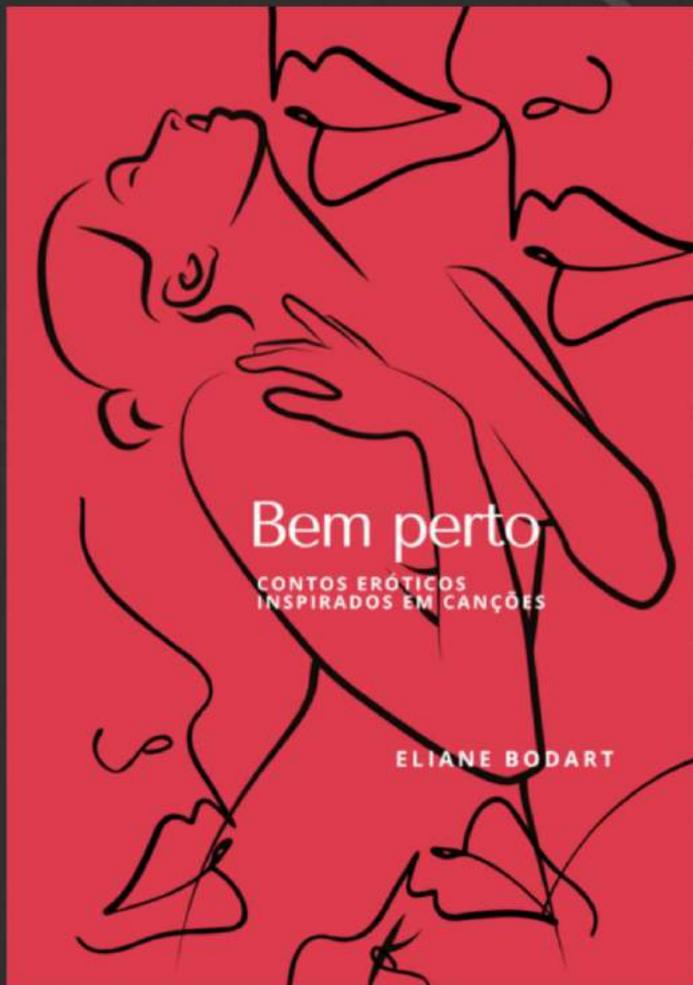


FELIZ
NATAL

E PRÓSPERO ANO NOVO

São os votos da equipe da
REVISTA CONEXÃO LITERATURA





BEM PERTO

POR ELIANE BODART



Eliane Bodart



Eliane Bodart,
ex-juíza de direito,
escritora, Master Love
(Conselheira para
Relacionamentos
Amorosos e
Sexualidade) e
Consultora de Bem
Estar

Sabe quando toca aquela música na rádio e você se lembra de alguém que foi importante em sua vida? Sem querer lhe vem um sorrisinho bobo e seus lábios se sentem beijados, sua nuca fica aquecida com o calor daquelas mãos que você conhece tão bem e um arrepio lhe percorre o corpo como uma doce carícia? Nesse livro você vai encontrar várias dessas canções e vários desses momentos.





ELIANE BODART

LANÇAMENTO

BEM PERTO

POR ELIANE BODART

SINOPSE

Sabe quando toca aquela música na rádio e você se lembra de alguém que foi importante na sua vida? Sem querer lhe vem um sorrisinho bobo e seus lábios se sentem beijados, sua nuca fica aquecida com a lembrança do calor daquelas mãos que você conhece tão bem e um arrepio lhe percorre o corpo como uma doce carícia? Nesse livro você vai encontrar várias dessas canções e vários desses momentos. São quinze contos eróticos, com a elegante escrita da autora, inspirados por músicas clássicas da MPB.

Sobre a autora

Bacharela e pós-graduada em Direito, pelas Faculdades Metropolitanas Unidas de São Paulo e atuou como advogada.

Exerceu a Magistratura Paulista por vinte anos, de 1999 até o ano de 2019.

Manteve o blog de crônicas semanais, Divagação Cultural, sob o pseudônimo Mariana de Mattos.

É autora do projeto Leitura Falada, curtos vídeos de leituras diversas e do Momento Leitura do Tarot Zen de Autoconhecimento.

É autora dos livros: Um caso de bipolaridade, A roda-viva de se conviver com o transtorno bipolar; A Senhora Depressão, o relato sincero de quem atravessou a noite escura da alma; Todas as Formas de Amor, crônicas e contos; Deixe-se levar pelo prazer, contos eróticos; Estilo Ageless, histórias da mulher +.

Em 2022 assumiu a cadeira nº 28 da Academia de Letras e Artes de Jundiaí.

Atua como Master Love, Conselheira para Relacionamentos Amorosos e Sexualidade.

Acredita que a leitura é um ato absolutamente democrático.



PARA ADQUIRIR: CLIQUE AQUI

FLORES E PLANTAS DA MODA

POR BERT JR.

N

o ano que ora vai se encerrando, presentear flores voltou a ser um hábito corrente na vida social. O declínio da pandemia de Covid-19 parece haver retirado de

seu intervalo letárgico o desejo de celebrar encontros e datas especiais mediante a oferta de flores. Mas não apenas flores. Também algumas plantas passaram a ocupar vasos embrulhados em papel de presente, quer por possuírem valor ornamental, quer por apresentarem propriedades úteis ou de interesse para alguma ocasião. Assim, o cultivo de certas espécies ganhou particular relevância ao longo do ano, tornando-se fenômeno digno de nota. Estranhamente, contudo, pouca atenção tem sido dada a essa tendência da atualidade, ainda não devidamente registrada e analisada nos canais da imprensa e das mídias sociais.

Atrevo-me, em tal contexto, a preencher a lacuna existente, oferecendo ao estimado público leitor as flores e plantas do momento; não fisicamente, bem entendido, e sim elencando-as na forma de um listado das espécies vegetais mais frequentes, ou pervasivas, no campo da vida social cotidiana. Seguem seus nomes e características principais:

Fanaticácias. Utilizadas tradicionalmente por seitas fundamentalistas na decoração de ritos e mensagens, as fanaticácias vêm tendo o seu uso fortemente ampliado nos tempos correntes. Sua produção é das mais fáceis, pois proliferam abundantemente em terrenos incultos, não exigindo nenhum cuidado especial. Pelo contrário, as fanaticácias se ressentem de qualquer tentativa de poda ou trato ao seu crescimento, que tende a ser desgovernado, e costumam reagir acelerando ainda mais o seu ciclo metabólico e reprodutivo. Portanto, ao presentear fanaticácias a alguém, certifique-se de que essa pessoa irá ignorar solenemente o presente e, mais ainda, o que é fundamental, deverá livrar-se dele na primeira oportunidade, de modo a evitar problemas num futuro que poderia estar bem próximo.

Agressilvas. São as flores mais facilmente encontráveis na atualidade. Florescem em todas as estações do ano, proliferando nos mais diversos ambientes, desde uma pobre calçada de rua a escritórios modernos e climatizados. Talvez por essa sua natural e excessiva distribuição na sociedade, que as torna comuns e baratas, as agressilvas não costumam ser apreciadas por quem é com elas presenteado.

Consequentemente, têm sido usadas em arranjos na decoração de lugares públicos de alta frequência, tais como corredores, saguões e balcões de atendimento em aeroportos, rodoviárias e, mesmo, hospitais.

Nadacontras. Aparentadas com as avencas, são popularmente utilizadas no tratamento das desavenças. Aplicando-se o emplasto de nadacontras sobre uma ferida, evita-se a evolução do problema para um quadro grave, o que poderia colocar em risco a vida do paciente. O chá de nadacontras é muito recomendado para prevenir irritações ou ulcerações na pele ou no humor. Seu uso decorativo nos ambientes domésticos tem uma história mais antiga que a tradição do Feng Shui, remontando aos primórdios do período neolítico, anterior à civilização. Exalam um perfume adocicado, levemente embriagador, que tem propriedades calmantes. Não deve ser cultivada junto com agressilvas, nem fanaticácias.

Amargoridas. Florescem, tradicionalmente, nos outonos das paixões. Seus botões podem surgir em locais de trabalho, estudo ou diversão. Depois de desabrochar, as flores das amargoridas veem suas pétalas se metamorfosearem em tentáculos parasitários, que se enrolam no caule da planta, fazendo-a sucumbir. Para evitar o desfalecimento, convém regá-la diariamente com uma infusão de cachaça e mel, administrada no período da manhã. Deve-se cuidar, porém, para não exagerar na dose, o que poderia transformar a planta de amargorida num pé de cana.

Vilipêndias. Afamadas pelo veneno de seus espinhos, as vilipêndias sempre foram empregadas nos rituais da política, como oferenda preferencial aos inimigos encarniçados. O protocolo manda atirá-las sobre a pessoa que se quer presentear, a qual, via de regra, já se encontra preparada para reciprocitar o ato em igual medida. A demanda por vilipêndias cresceu sobremaneira nos últimos tempos, o que fez a planta tornar-se conhecida do grande público. Atualmente, sua faixa de uso começa a ser alargada, passando a incluir ambientes escolares e órgãos colegiados.

Obsedânias. A tradição popular afirma que a planta ajuda a expulsar espíritos malignos em rituais de exorcismo. Difíceis de cultivar, as obsedânias requerem condições climáticas e atmosféricas especiais: devem ser semeadas na seca, florescendo apenas durante as tempestades que apresentam incidência de raios. O uso dessa planta tem crescido bastante no meio psicoterápico, especialmente como coadjuvante em terapias de casal.

Papoditoulas. Suas flores grandes e vistosas produzem um pólen abundante, utilizado como matéria-prima na indústria cosmética. Além de sua presença em cremes e óleos, o extrato de papoditoulas também pode ser ingerido via oral, por meio de balas de goma mastigáveis. Com propriedades que estimulam a conversação, as papoditoulas têm presença assegurada em spas, *reality shows* e programas de auditório na televisão. O consumo exagerado de papoditoulas pode levar a uma progressiva alienação frente a questões de ordem prática, com efeitos prejudiciais para a vida doméstica e profissional dos usuários.

Juvenilindrosas. Tardam treze anos para florir e sua flor perdura, em média, pelos treze anos seguintes. Muito suscetíveis a correntes de ar e de opinião, as juvenilindrosas necessitam

ser criadas em estufas onde vigorem condições ideais de temperatura (climatizada), pressão (próxima do zero) e, sobretudo, expressão (próxima do máximo). São plantas epífitas, assim como as orquídeas, e costumam crescer sobre camas, sofás e almofadas. Embora sejam encantadoras, e sob certos aspectos curiosas e engraçadas, deve-se evitar colocá-las na sala quando há convidados, pois a frequência sonora das vozes adultas estimula a emissão de substâncias tóxicas pelas folhas das juvenilindrosas, o que poderá comprometer o ambiente da reunião.

Interessante será observar como o mercado das flores e plantas irá comportar-se no próximo ano. É provável que algumas dessas espécies, se não a maioria, continuem ocupando a preferência do público. De minha parte, peço apenas que não me presenteiem com nenhuma delas, especialmente vilipêndias. Mas se fizerem muita questão, então, por favor, tragam-me nadacontras.



Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, *Do Incisivo ao Canino*, e acaba de publicar um novo livro de poemas, intitulado *Nevoandeiros*. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior. Facebook: Bert Jr. Site: www.bertjr.com.br.



O SEU NOME É GAL

POR BERT JR.

Seu agudo será sempre punhal
abrindo canais de luz
na selva da alma
Sábida a empunhar o grito
brandi-lo, simulá-lo brando
até que de repente: zaz
begin the beguine
leva-se o trópico ao jazz
Seu nome quase rimando com mel
mas com luau sim
e com dindi
festa do interior
chico, caetano e gil
Ela vindo do barro do chão num baião
toda cravo e canela para
como quem não quer nada
cravar-nos cândida
baby furtiva
transpirando volúpia
o cristal da voz
no coração da música

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Graduiu-se em História, pela UFRGS, e Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a vários países. Estreou na ficção em 2020, com Fict-Essays e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: Eu canto o ípsilon E mais. Em 2022, lançou um segundo volume de contos, Do Incisivo ao Canino, e acaba de publicar um novo livro de poemas, intitulado Nevoandeiro. É colaborador assíduo da revista eletrônica Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior.
Facebook: Bert Jr. Site:
www.bertjr.com.br

atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



ENTRE EM CONTATO
ademirpascale@gmail.com

RABELAIS, VANGUARDA E ESCATOLOGIA



POR
GILMAR DUARTE ROCHA

François Rabelais definitivamente nasceu deslocado no tempo. O escritor francês, que veio ao mundo em Chinon, cidade situada no belo Vale do Loire, no ano de 1494, numa época em que a literatura artística se restringia aos longos poemas épicos; às trovas de cavalaria; aos sermões eclesiásticos, avançou algumas centenas de anos e publicou obras estruturadas de ficção, no formato do que hoje conhecemos por romance, com qualidade e com grau de contestação só vistos a partir da segunda metade do século XIX.

Da vida particular de Rabelais pouco se sabe, mas o que ficou registrado é que ele era inteligente e bastante eclético e que adquiriu sólidos conhecimentos sobre Direito, Teologia, Ciências Naturais, Política, Arte Militar e Navegação. Filho de um famoso advogado, Rabelais resolve trilhar o caminho da Medicina, concomitantemente com os estudos teológicos.

Polímata e errático, ingressou na ordem dos beneditinos, tornando-se, em princípio, pároco da cidade de Meudon. Depois, foi frade franciscano em Fonteny-le-Comte; médico do hospital Pont-du-Rhône em Lyon e professor de anatomia na universidade de Montpellier, onde ministrou cursos sobre Hipócrates e técnicas de dissecação de cadáver, dinamizando os estudos biológicos.

Com o caminho aberto para seguir uma sólida carreira galena, ele resolve virar radicalmente a chave da sua trajetória, deixando a medicina de lado e renunciando o nuncio apostólico, para se dedicar a viagens por aldeias do interior da França e concatenar ideias para a composição de sua futura obra literária.

De volta a Lyon, arregança as mangas e começa a escrever febrilmente as primeiras páginas daquela que viria ser a sua obra-prima: as histórias dos gigantes Pantagrue e de seu pai Gargântua, que são publicadas, em princípio, mediante o pseudônimo de Alcofrybas Nasier, a rigor, um anagrama do seu nome de batismo.

Na verdade, o conjunto dos escritos dos dois gigantes — Pantagrue e Gargântua —, são publicados de forma esparsa. Os primeiros tomos referem-se às aventuras de Pantagrue e vai a público a partir do ano de 1532.

Pantagrue foi construído a partir de um mito folclórico, cuja atividade era jogar sal dentro da boca de bebedores para beberem mais. Rabelais amplia as facetas da personagem tornando-o um glutão imparável, que estabelece um novo estilo de vida, incentivando os seus concidadãos a beberem e comerem muito e criando a filosofia do “pantagrueísmo”, que consiste em gozar a vida com muita paz, alegria, saúde e sempre comendo bem.

Tendo boa aceitação de público a partir do lançamento do primeiro volume, Rabelais, agora publicando com o seu nome verdadeiro, segue contando as aventuras do enorme glutão escatológico, acrescentando novas histórias e novos personagens, como Panurge, o anti-herói provocador, mercurial, pícaro, libertino, canalha, covarde, que se junta ao grupo de outras personagens ridículas que acompanham Pantagrue em suas aventuras.

Paralelamente às publicações de Pantagrue, Rabelais lança as histórias de Gargântua, que versam sobre o seu estranho nascimento pela orelha, sua genealogia, seu apetite gigantesco, sua precocidade, educação e muitos episódios inesquecíveis. Ele encerra essa obra com a famosa descrição de um mundo utópico, na Abadia de Thélème, onde o lema é “faça o que quiser”, reforçando ainda mais os preceitos ditados por Pantagrue, nas publicações anteriores. Nesse livro, “Gargântua”, Rabelais deixa claro nas entrelinhas a sua contestação sobre as guerras, intolerância, imperialismo, radicalização religiosa entre conservadores e reformistas, e favor de novas propostas para uma educação humanista.

Em relação ao estilo literário, em “Pantagrue”, Rabelais adota a plasticidade; criando e transformando a linguagem e emprega registros que passam rapidamente do erudito ao coloquial. Trocadilhos intraduzíveis, sintaxe, vocabulário, rimas, ritmo, voz e a

língua francesa do século dezesseis. Em “Gargântua”, ele vai mais além e acrescenta trocadilhos intraduzíveis, listas, poemas rimados, frases aparentemente sem sentido, arcaísmos e neologismos. Vale frisar que Rabelais escrevia esse conjunto de obras amparado na leitura de diversos compêndios que ele costumava abrir sobre a sua mesa de trabalho.

À guisa de exemplo de ousadia, cerca de um século depois, um dos pioneiros da arte do romance, Miguel de Cervantes e Saavedra, para publicar um dos maiores clássicos do romance de todos os tempos, “As aventuras do engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha”, um livro criativo e definitivo, mas que não contestava o status-quo vigente na época, teve que solicitar autorização estatal para publicação, com direito a carimbo e selo reais.



No caso de Rabelais e os seus escritos revolucionários, que foram lançados livremente e teve certa permissividade das autoridades francesas, conclui-se que o autor “passou da conta” e começou a sofrer as consequências disso.

Por ordem da Sorbonne, viu confiscados os seus livros e, se não fosse a proteção do cardeal Jean du Bellay, a repressão da famosa universidade da França o impediria de continuar

exercendo livremente o ofício de escritor.

Então para ficar mais à vontade no exercício do mister de escriba, ele se desligou dos vínculos com a igreja; obteve o doutoramento em Medicina e escreveu mais uma continuação da saga pantagruélica, ato que o obrigou a refugiar-se na cidade de Metz, em 1546, e a passar, na sequência, dois anos de exílio em Roma. Somente onze anos após a sua morte, em Paris, 09.04.1553, o último tomo da sua famosa criação literária pôde ser publicado.

Rabelais serviu-se da imaginação popular que herdara do espírito medieval, do estilo picaresco e da riqueza vocabular para versar alguns dos problemas mais decadentes do seu tempo, como a vivência religiosa, a justiça e o direito por liberdade de expressão.

Pretendeu libertar as pessoas da superstição e das interpretações adulteradas que a Idade Média alimentara, não indo entretanto contra o Evangelho nem contra o valor divino. A obra de Rabelais constituiu uma das mais originais manifestações da crença do homem nas suas capacidades, simbolizadas pelo gigantismo das personagens. Inimigo da Idade Média, atacou o gênio da cavalaria, a sanha do conquistador insaciável, o espírito escolástico e sobretudo o sistema arcaico de educação.

Para quem quiser viajar pela obra desse precursor do romance, existem várias edições traduzidas e publicadas por editoras brasileiras, em destaque para a pioneira “Gargântua e Pantagruel”, da Editora Itatiaia, e “Pantagruel e Gargântua – Obras Completas”, da Editora 34, ambas com ilustrações do notável Gustavo Doré. Para quem desejar conhecer ainda mais a obra completa em português, recomenda-se as edições recentes e primorosas da Ateliê Editorial, que contempla todos os tomos farsescos do genial escritor gaulês, concebidos na sequência do original em francês.



François Rabelais

Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.

AMIGA-IRMÃ POR MEIRE MARION

Mulher guerreira,
Luta pelos seus.

Mulher sofredora,
Jogada no trilho do trem.

Mulher mutilada,
Com dor ainda faz o bem.

Mulher briguenta,
Justiça tem que prevalecer.

Mulher batalhadora,
Ganha o pão de cada dia.

Mulher valente,
Todavia, doce e feminina.

Mulher singela,
Rica de fé e saúde.

Mulher de encarar os empecilhos,
Tem guerra em seu nome.

Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie* (2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2021) e *Dois Gatinhos* (2021). Também participa de diversas antologias com poemas e contos. Gosta de lecionar, ler, escrever, cozinhar, viajar e gatos.

NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



ADEMIR PASCALE

Journal em Camilo da Maré

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo.

MAFRA
EDITIONS

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

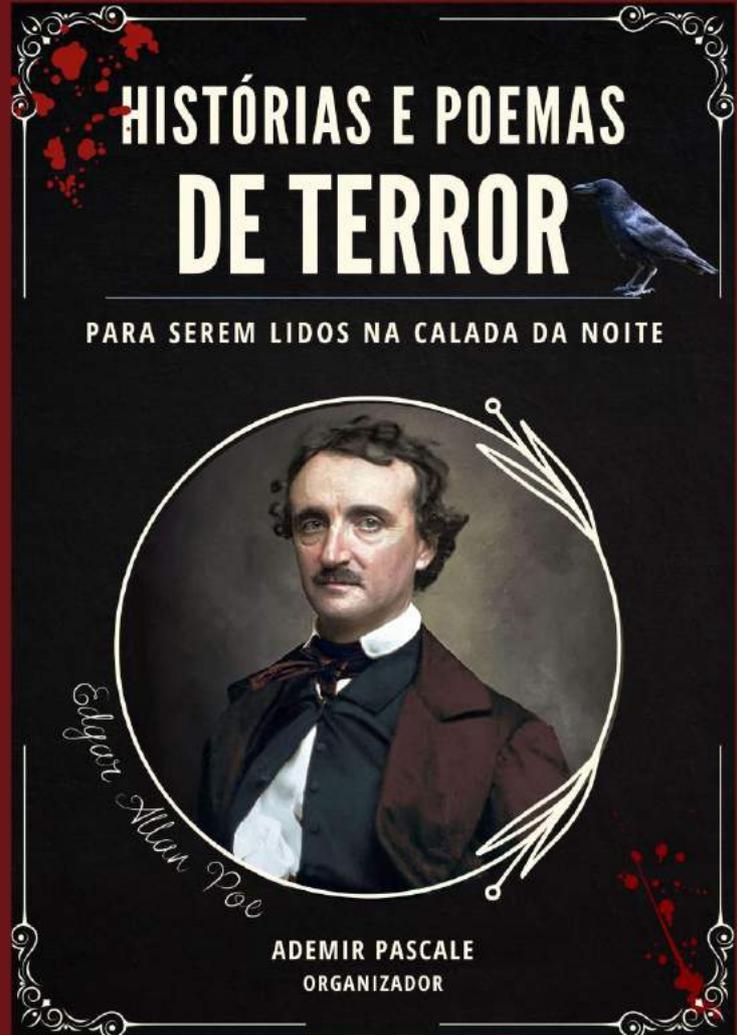
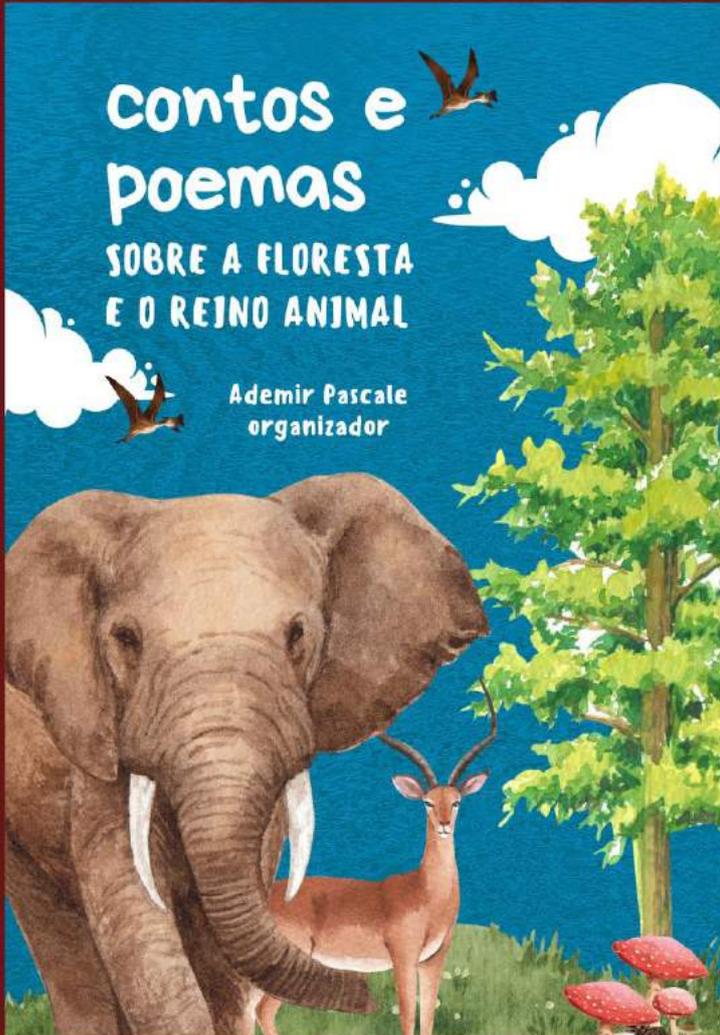
BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: [CLIQUE AQUI](#)

MAFRA EDITIONS
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



DICAS PARA LEITURA

CONTOS E POEMAS SOBRE A FLORESTA E O REINO ANIMAL, REÚNE POEMAS DE ALGUNS DOS MELHORES AUTORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



HISTÓRIAS E POEMAS DE TERROR PARA SEREM LIDOS NA CALADA DA NOITE, REÚNE POEMAS DE TERROR, COM ORGANIZAÇÃO DO EDITOR E ESCRITOR ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS: WWW.DIVULGALIVROS.ORG.

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO

× × × ×
× × × ×
× × × ×
× × × ×

- **DIVULGUE
PARA + DE
200 MIL
LEITORES**

R\$ 150

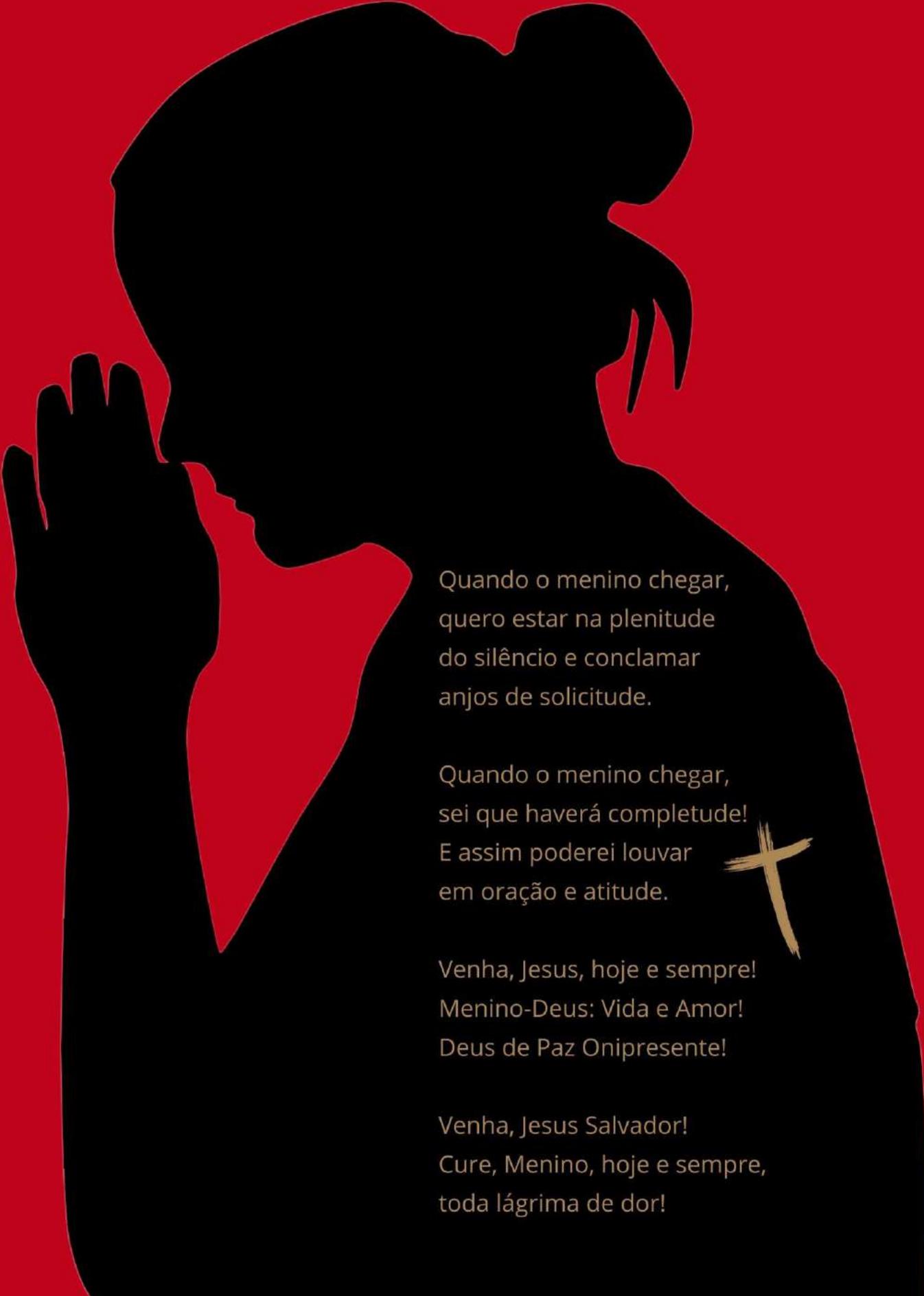
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**

QUANDO O MENINO CHEGAR

POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA



Quando o menino chegar,
quero estar na plenitude
do silêncio e conclamar
anjos de solicitude.

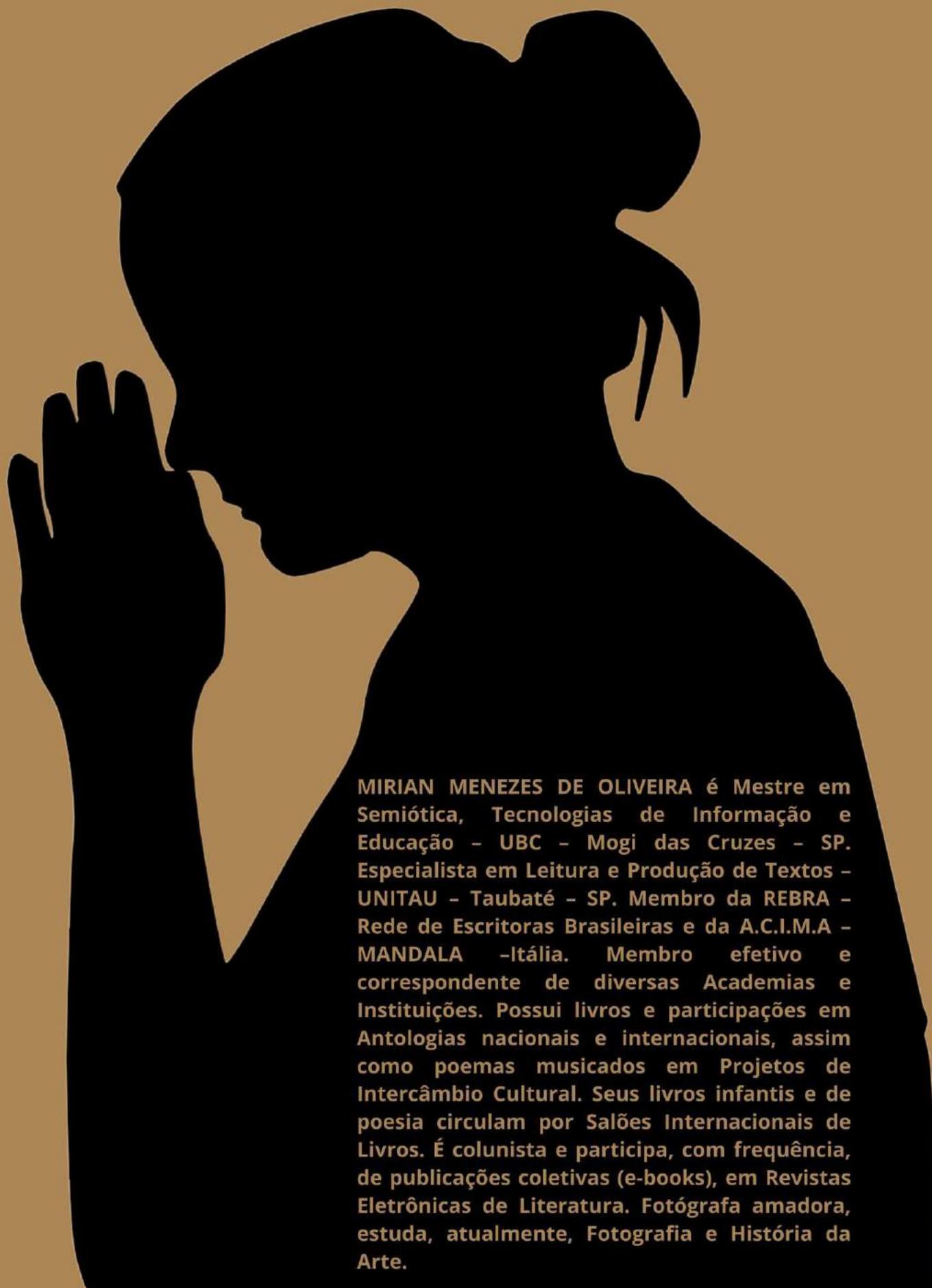
Quando o menino chegar,
sei que haverá completude!
E assim poderei louvar
em oração e atitude.



Venha, Jesus, hoje e sempre!
Menino-Deus: Vida e Amor!
Deus de Paz Onipresente!

Venha, Jesus Salvador!
Cure, Menino, hoje e sempre,
toda lágrima de dor!

BIOGRAFIA DA AUTORA



MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA é Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA –Itália. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros. É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura. Fotógrafa amadora, estuda, atualmente, Fotografia e História da Arte.

Se eu morresse amanhã

CRÔNICA

Ivete Rosa de Souza, nasceu em Santo André - SP, em 1955, adora ler e escrever. Publicou seu primeiro livro de poesia em 2020, mas escreve desde menina. Novo livro lançado: Ainda dá tempo. Participou de várias antologias poéticas e de contos. Deixou a faculdade de Comunicação Social, por trabalhar em horários alternados como Policial. Para dar mais atenção aos filhos. Adora ler e escrever histórias, buscando inspiração no cotidiano.

Por Ivete
Rosa de
Souza



Não cabe a mim saber o dia de partir? Deixar tudo em seus lugares? Não saber o quando, como ou onde, me deixa ensimesmada. Engraçado viver com uma espada sobre nossas cabeças, viver na completa incerteza do que virá.

Todos os dias morrem pessoas, deixam famílias, amigos, bens físicos, contas bancárias, mas é o resto.

Alguns dirão que o governo, quando alguém morre, a primeira ação é, cancelar o CPF. Isto encerra tudo. Não receberá mais o salário do próximo mês, mas as dívidas se houverem, por incrível que pareça, não serão canceladas, ficarão para os herdeiros se houver. E por se falar em herdeiros, estes se o morto tiver deixado um seguro de vida, um dinheirinho, vão correr para receber sua parte. Se o sovina, ou o pobre não tiver bens. Quem sabe alguém irá arcar com os custos do funeral, e não sairá barato. A mão pesada da indústria funerária, fazer deixar um rombo na conta desse alguém.

E aqui ficará, a casa inacabada, ou a reforma por fazer. Ficarão os bens pessoais, o carro novo ou velho, as roupas que serão doadas, os objetos guardados, os documentos escondidos, os segredos revelados.

Ficarão os animais sem o dono. Muitos são jogados na rua, sem ter o que comer, sem entender por que seu dono se foi, e os que ficaram não pode lhes dar um lar.

Deixamos o mundo físico como nascemos, nus e sem saber para onde estamos indo, e o que será de nós.

Somos uma matéria, dizem que mais água que massa. Seremos lançados a terra. Do pó ao pó retornaremos.

Não importa que ser um magnata ou indigente, seremos consumidos por vermes, apodreceremos, seremos matéria deteriorada, desintegrados, desaparecidos, esquecidos pelo os que aqui ficarem, que vivemos sobre a terra.

Seremos para alguns uma lembrança, que com o passar do tempo, será cada dia mais tênue até desvanecer completamente.

E se eu morrer amanhã o que deixarei? O que fiz de mim? Deixarei livros empoeirados na estante? Aqueles que passei dias, horas insones, escrevendo cada palavra, achando que tinha razão? Quem verá é entenderá? Alguém lerá? Deixarei quadros cheio de cores, onde achei que eram a tradução do meu eu, a minha alma descrita sob a palheta e as cores na tela? Não sei. Quem sabe se revelará um Shakespeare ou um novo Picasso?

É cômica a situação de um artista, que em vida é um pária, um sonhador. Depois de morto ser considerado um gênio, ou uma alma incompreendida, alguns espertos e endinheirados, receberão milhões às custas da fama daquele que se foi, tão cedo. Outros nem terão a sorte, de alguém saber que um dia existiram.

Se eu morresse amanhã o que eu seria?

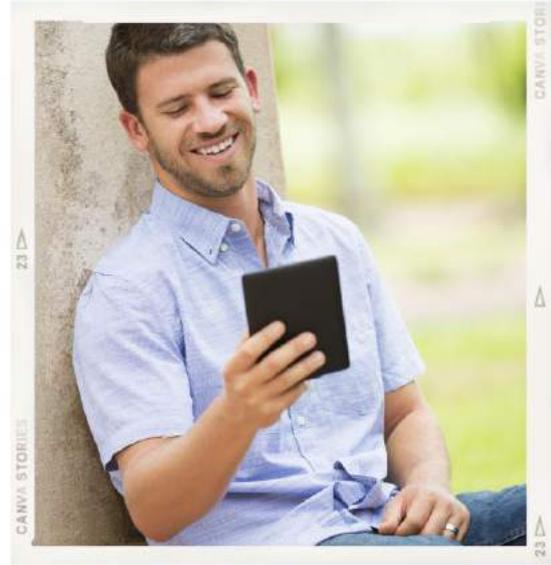
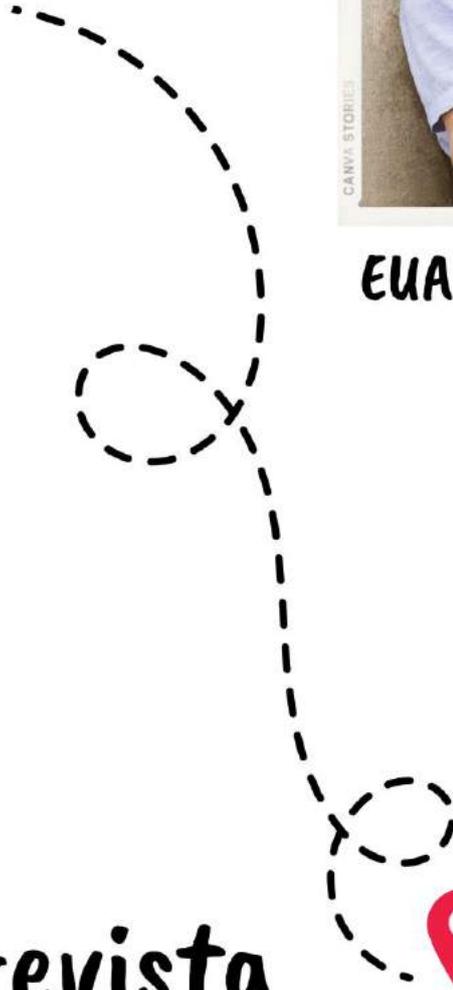
CEDO POR LILIAN FERRAZ



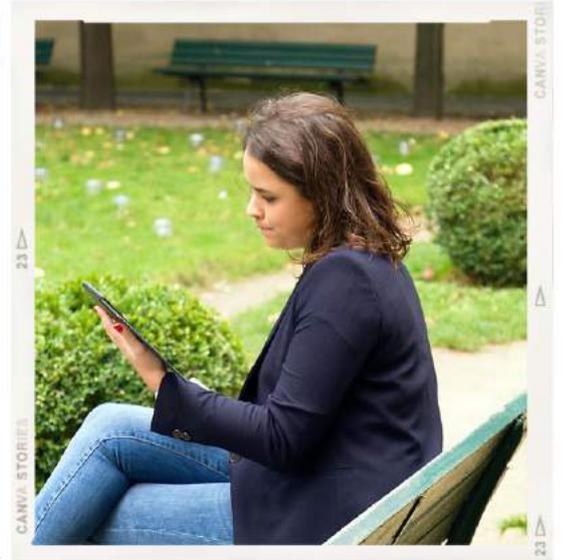
Logo cedo, te vejo!
Num instante, estremeço
Um aceno, um olá,
Não me atrevo
Coisas do passado
Que peso!
Coração atribulado
Ó amado!
Como gostaria de ter
encontrado você mais cedo
Essa diferença entre nós
Torna o ♥ arredo e desconfiado
Tempo, esse nosso algoz
Mas, cada vez que penso e recuo
Meu coração fica miúdo
E meu dia, nublado e turvo
Neste turbilhão
onde há senões e concessões
fala mais alto a emoção
que tua presença me causa
Não resisto...
e mesmo com receio,
ao seu atrevimento, cedo.

Lilian Ferraz, nascida e residente em São Paulo, formada em Psicologia e com Pós-graduação em Gestão pública. Começou a escrever, tardiamente, tendo um gosto maior pela poesia e prosa. Tem sua página no Recanto das letras, com o nome de Lia Fátima, além da Casa dos Poetas e da poesia e Meu lado poético. Mantém ativo o Blog: Palavrasnotasevivencias.blogspot.com

Revista Conexão Literatura



EUA



Portugal



A nossa revista
viaja num 
segundo até você

ATÉ QUANDO?

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Entardece!

**Saltitante... corro a me "aprontar"
Bem elegante, bonita, laços de fita, nada a esquecer
Pela juventude a ansiedade me toma por completo**

Anoitece!

**Mostrando luminosidade... prontinho e esbelto se assanha o Luar
Deixando tamanha luz sobre o Jardim prevalecer
Apreciando as flores, da revisão, me imagino preparada por certo**

**Na prece! Assusta-me ao ambiente a madrugada
Nos pensamentos, aqueles que, "de repente", uma espera por
nada**

Envolta, nos momentos a seguir coloco-me assim a pensar

Amanhece!

**No cenário, o brilhante pulverizar da Aurora sob a luz do Sol que
se põe a chegar
Ah! Mas nada importa! Irei aguardar, pois em mim mantenho a fé
de que o belo amor prevalece**

COMO? DIGA-ME!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

**Querido! Como agora dizer
Para o esquecer**

**Não levar em consideração jamais
Belas palavras, ditas por você, pouco tempo atrás**

**Como tirar do meu interior, recordações dos abraços apertados
Tão amados, sempre desejados de coração colados
Que a cada lembrança
Deixava aflorar, do amor, maior calor e esperança**

**Como olvidar o aconchego que fazia
O suave tocar ao meu corpo (plena nudez) pura orgia
Que de tanta sensação eu gritava e você sorria
Alegando ser o toque do amor verdadeiro e não fantasia**

**Como tirar da cabeça
Para que, de fato, esqueça
O Som do Amor ao aspirar por totalmente me entregar
E sentir, por igual motivo, a respiração ofegar**

**Como? Diga-me, por favor!
Abandonando esse belo Mundo dentro de mim
Deixando-me ficar em um pleno "abrigo" de amor
Ah! Mesmo assim, pelo tanto que te amo, se isto o fará feliz,
concordo com sua decisão... enfim!**

AH! "ELAS" ... PURA VERDADE

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Decepções...

Quantas tive no tempo
Mesmo com "bem" os ligados corações
Não houve, em nenhum momento, bons exemplos

Com desvios aos obstáculos continua-se a viver
Amparado pela certeza de ser a vida o grande espetáculo,
imagina-se algo novo aparecer
Desta feita, evento superior, sincero
Assim, de cada nova aproximação, espero

Como surpresa na vida

A espera de outra emoção (agora) querida
Um momento superior que irá me tocar
Tornando concreto o sonhado sonhar

Quem sabe, nessa ocasião, desabrochar, em mim, o "saber"
Assim, com todo o cuidado, dosar o "escolher"
Dando graças ao novo acontecer
E, dos novos relacionamentos, intensos em sinceridade, a todos
com carinho os receber

SOU SINCERA!

POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Ah! Fácil responder! Desencanta, em mim, "um" olhar
Trazendo no "bojo" incansáveis mudanças
Afastando do meu interior a esperança
Da continuidade em sempre aqui estar

Claro! Encanta em mim aquele outro olhar
Bem pequenino, mas esbanjando serenidade
Carinhoso, transparente como o "SOM" sabendo ao meu corpo tocar
E deste querido olhar... quanta saudade!

Não sei se consegui bem explicar as perguntas e as responder
Envolvendo nossa vida... seu comportamento
Para ser sincera, a cada dia... momentos
O melhor, para toda a emoção em você retornar, faça como antes no
antigo viver
Posto que o coração saberá como receber a prática do "resplandecer"

Joaquim Cândido de Gouvêa é Escritor, letrista de várias músicas, economista com vários Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Possuo poemas publicados no Brasil e no Exterior. Destacada participação no projeto da Editora Colibri em Lisboa-Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 autores, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, iniciando na Edição 6 e, agora, já na Edição 21.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE. E outros dois, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, em Lisboa-Portugal, com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título: SENTIMENTOS. AMOR. SAUDADE. Outro, um romance, com a Editora ASTROLÁBIO, também do GRUPO EDITORIAL ATLÂNTICO, com o Título ARDENTE ENCONTRO.

Participação da MESA DE DEBATES em Lisboa - Portugal do Tema ESCREVO POR QUÊ Menção HONROSA no Livro VII PRÊMIO ESCRITOR MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa de Literatura.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

ACADÊMICO CORRESPONDENTE DA ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, onde ocupa a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi cinco letras contando coma parceira da RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

**“LER É CONHECER O MUNDO
COM A IMAGINAÇÃO!”**

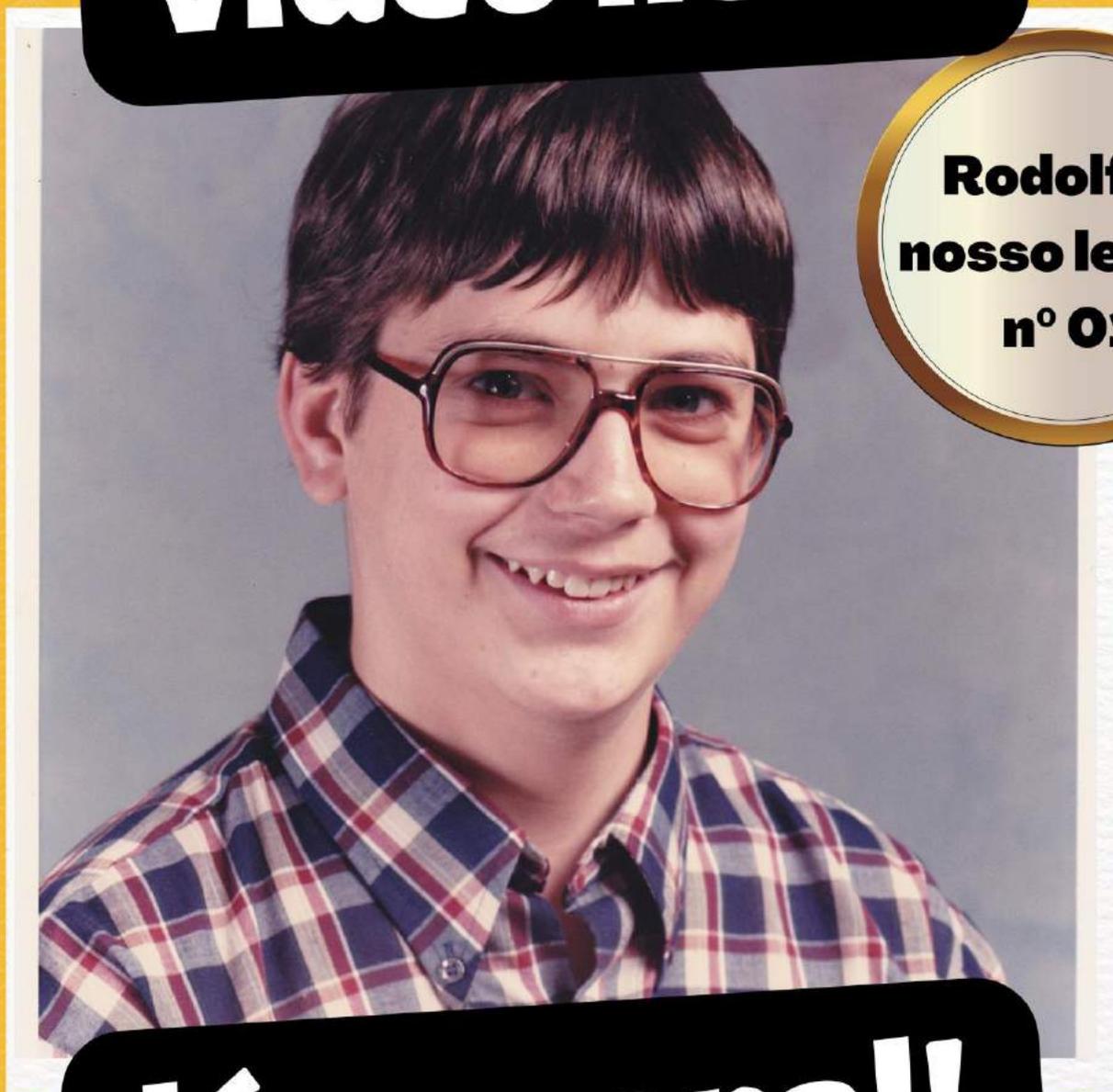
www.revistaconexaoliteratura.com.br

CONEXÃO NERD

www.youtube.com/conexaonerd



vídeo novo



**Rodolfo,
nosso leitor
nº 01**

lá no canal!

Porque somos nerds

NÃO PERCA TEMPO. CLIQUE EM



IMPRESSÕES ARDENTES

Por Wanda Rop

**Entrego-me ao amor que me cure
Inerte e em constante devaneio
Concreto, silábico e que dure
Consuma-me e acenda um fogareiro**

**Com a velocidade de um cometa
Eternizados momentos, seculares anos
Diluo-me com a ausência de sua beleza
Permitindo em meu coração a dor dos enganos**

**Ébrio em coquetéis de ressentimento
A premissa de uma noite plural
Construindo para a dor um monumento**

**Afogando-me em suas águas quentes
Dissociando da vida o que é banal
Contemplando impressões ardentes**



MEU LORDE POETA

Por Wanda Rop

Apasionada e tentando descobrir
O motivo que fez meu coração amar
Ao amor de um lorde poeta sucumbir
De tal forma, nem consigo respirar

Constatei em simples detalhes
Que sua eloquência poética me cativa
Permitindo que meu coração encalhe
Ao ouvir sua voz, a minha pele arrepia

Antes imaculada, agora com a alma desnuda
Entrego-me às loucas vontades
Paixão dominante que minha vida inunda

Lancei-me rumo às adversidades
Sobrevivendo ao desconhecido
Em sentimentos românticos e entorpecidos

DECLARAÇÃO

Por Wanda Rop

Terá amor mais ardente
Infinitamente erudito
Na sua língua sou fluente
Prazeres infinitos

O pensamento a contemplar
Inigualável natureza
Explode no peito devagar
Emoções fortes com certeza

Você é meu céu de verão
Deleito-me em suas nuances
De fato, iguais não existirão

Se já não declaro romances
Poemas recito com emoção
E observo seus olhares nos relances

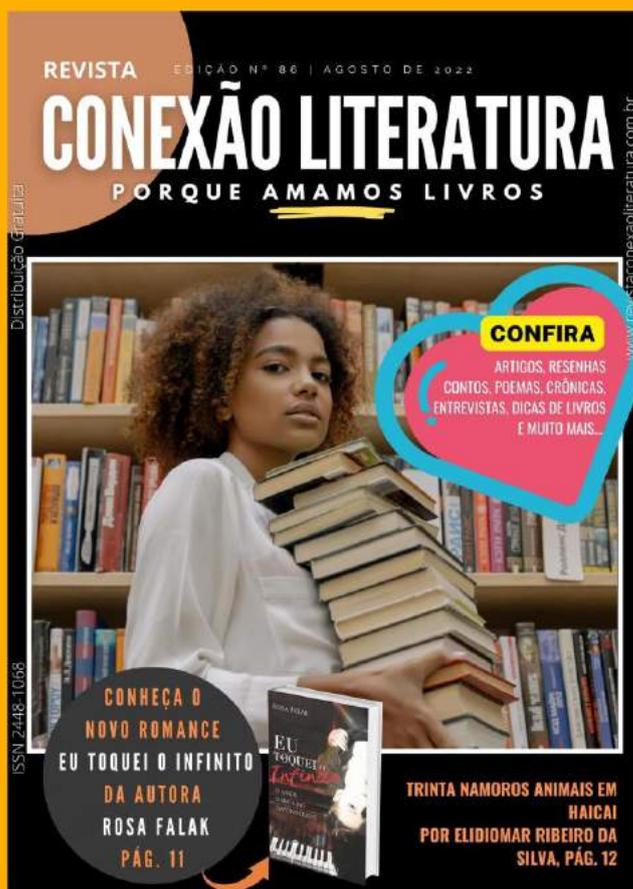
WANDA ROP, paulista, residente em Porto Velho-RO, poetisa, antologista, filósofa, cursando último período de História, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora dos Livros: "Tempo de Amar", "Desejos do Coração", "Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa" e "Minha Infância em Poesia."

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se



acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>

TENS, ONDAS CURTAS, OZÔNIO E TUDO MAIS

CRÔNICA

POR MARIA EUGÊNIA
VIEIRA



MARIA EUGÊNIA VIEIRA é uma Fisioterapeuta baiana apaixonada pela profissão que a fez desistir de uma brilhante carreira como Administradora de Empresas. Com um currículo composto, atende às demandas de seus pacientes para a melhoria da saúde física e emocional, na cidade de Salvador. Maria Eugênia conta uma experiência de 20 anos de atendimento em consultório e hospitais nas especialidades de Fisioterapia Integrativa, Osteopatia (Escola de Madrid), Microfisioterapia, Terapia Neural, Ozonioterapia, Leitura Biológica e Acupuntura, dentre outras, para um melhor tratamento dos casos apresentados, proporcionando qualidade de vida com bem-estar e eliminação da dor, em todas as suas concepções. Maria Eugênia é também Mentora de alunos e profissionais de saúde nas áreas de Terapia Neural e Manual para o equilíbrio do Sistema Nervoso Autônomo.

Contatos:

@mariaeugenia.saudeintegral

(071) 99330.5054

eugenia_osteopatia@yahoo.com.br

Se alguém acha que a vida de Fisioterapeuta é moleza, nada sabe sobre superação e dedicação, em todos os sentidos. O sacerdócio imposto pelo amor à profissão no cuidado com as pessoas que sofrem com dores e restrições de movimentos do corpo é de uma grandeza sem medidas, que exige sacrifícios quase diários, dentre tantas outras prioridades que uma profissional de saúde possa ter.

Tudo começa muito cedo lá em casa. Não é só o despertador meu inimigo natural e implacável, pois sou amante do sono, existe também a figura de Sérgio. Esse, sim, não consigo temporizar com um toque do dedo como faço com o meu despertador. O barulho que meu marido faz dentro de casa me lembra que mais um dia tumultuado vem pela frente, a começar por aprontar as meninas para a escola. Não tem jeito: Sérgio já está correndo para lá e para cá arrumando mochilas, apressando Valentina e providenciando o café da manhã. Tenho que pular da cama logo e me mexer, afinal, sou a profissional do movimento, aquela que avalia, trata, reavalia, alivia, trata e traz o resultado. Como complemento e também fundamental, sou aquela que ouve tudo, desde lamentações a momentos de alegria do paciente, com a tranquilidade para sentar ao seu lado e esquecer um mundo lá fora (o meu), embarcando no dele. Ah! Conselhos para uma vida saudável são sempre bem-vindos e todos gostam.

Neusa chega e agiliza tudo. Nossa “secretária” é muito organizada e super-rápida. Meninas a caminho da escola, o telefone logo toca: é Gislene, a secretária da clínica dizendo que o paciente das 08h já chegou. Seu João tem uma escoliose antiga e sua alegria nos infinitos meses de tratamento é ver minha cara. Acelero fundo, com cuidado para não levar uma multa e para não deixar Seu João esperando por muito tempo. Não chego atrasada. Ele foi quem chegou cedo demais na ânsia de se submeter às manobras e estalos de seus ossos com a Osteopatia para aprumar sua coluna.

Acompanho Seu João até a porta e Rita já me olha com uma cara de “tá na minha hora”. Respondo com um sorriso e um piscar de olhos. Ela ri, mas já entra no consultório se queixando muito da dor que as puxadas do RPG e seus terríveis alongamentos fizeram com ela na última sessão. Palavras dela. Dói um pouquinho, mas nem tanto. — *Você tem que me livrar dessas dores!* — Eu sou a mão santa dos meus clientes, ou quase isso. Mesmo não realizando mais sessões de RPG, trato a questão com a Microfisioterapia para deixar Dona Rita flutuando de alegria e voltar para casa radiante.

O telefone toca e o CREFITO me cobra um relatório que fiquei de enviar há duas semanas. Meus Deus! É muita coisa junta. Vou almoçar.

É meu momento de paz, quando aproveito e converso um pouco com os amores da minha vida. Sérgio sentou-se de mau jeito no sofá e não pode se curvar. Já falei que aquele sofá não presta mais. Ele sabe, mas não se mexe uma palha para comprar outro. — *Toma um relaxante muscular que mais tarde eu avalio.* — Não tenho outra alternativa a não ser indicar um Dorflex, contra minha vontade. Só recorro aos medicamentos tradicionais quando não há mais opções na Fisioterapia. Ele logo passa o telefone para Valentina que quer novos aplicativos para seu Ipad. Ellen também quer falar e choramingar um pouquinho aos meus ouvidos como chantagem para eu voltar para casa mais cedo.

Concordo com tudo para encurtar a conversa. Tenho paciente às 14h. Nem senti o gosto da comida.

Pego o carro e saio correndo para a clínica de Medicina Integrativa onde atendo regularmente. O primeiro paciente já está impaciente. Seu José Barbosa só se acalma quando sente o *Tens* “massagear” seu ombro. Eu não uso mais o *Tens*, mas para satisfazê-lo, o tranquilizo por alguns minutos após a sessão de Microfisioterapia, associada à aplicações de Ozônio, que eram as indicadas para seu caso. Ao entrar no consultório, o sorriso que empresto a ele substitui a cara feia que encontro logo ao “boa tarde”, mesmo entrando com o pé direito na clínica, para dar sorte. Enquanto uso a Microfisioterapia, ouço seus problemas com a paciência de “Jó” — que é necessária, pois estou aplicando uma técnica avançada da Fisioterapia, por isso é importante ouvir e ligar o problema aos bloqueios que encontro pelo corpo. Discretamente, aqui e ali, dou uns conselhozinhos para uma conduta adequada ao tipo de problema — quando acho conveniente, pois sei que ele vai aceitar ou, pelo menos, ouvir.

Esqueci da reunião agendada com a moça *Digital Influencer*, aquela que cuida do meu perfil e publicações na redes sociais. Tenho que ter cuidado porque ela adora oferecer novos serviços, com novas propostas de pagamento. Saio correndo para o Edf. CEO, ao lado do Salvador Shopping. Ela já está no consultório da minha amiga Nutricionista. Fizemos um “pacote” para composição de um serviço mais em conta.

De volta ao carro, tenho dificuldade para achar meu cartão de estacionamento na enorme bolsa que carrego. Bolsa, não, a sacola de feira, como Sérgio diz. Gostaria de ter um detector de cartões para achar os meus mais rápido. — *E aí, sai ou não sai?* — Grita o motorista impaciente do carro logo atrás do meu, aguardando a vez para passar pela cancela da saída. Fico nervosa e gesticulo um “ok” com o braço pela janela. Ele sabe que as paradas mais demoradas ali são por causa dos tickets ou cartões perdidos — geralmente nas bolsas, mas não tem paciência para esperar. Afinal, trata-se de uma mulher ao volante. Mas que diferença isso faz?

Chego suada na clínica onde atendo pacientes antigos, apesar do ar condicionado do carro. Acho que é o sistema nervoso abalado com tantos detalhes para administrar no dia. A tensão no trânsito é enorme e não posso perder a linha. O trânsito me mata, mas compenso com meu preparo físico consolidado após quase vinte anos na profissão que amo. Ainda tenho cinco minutos para o 1º atendimento. Sérgio está ligando, mas não vou atender. Depois explico. — *Mainha me dá uma toalha!* — Minha mãe mora ao lado da clínica, que é uma “mão na roda” para mim como suporte logístico e afetivo, pois aproveito para bater um papo com ela quando tenho tempo sobrando — *Que banho renovador!* — Visto um “guarda-pó reserva e corro para minha sala. Estou ofegante. Respiro fundo e chamo uma vizinha antiga com queixa de dores na panturrilha, além do marido, que tomou seu cartão de crédito, mas isso fica para o final da sessão. O Ultrassom é infalível. O alívio vem em seguida com uma pitada de RPG.

A secretária bate à porta. Esqueci que ela tinha me procurado alguns dias antes com queixa de uma ferida nos pés, para o que não achava solução, nem mesmo com os médicos que consultou. Estou cansada, mas vou atender. Tenho a ferramenta que pode

dar resultado. A ferida é enorme e progressiva na planta dos pés. Não há nada a fazer a não ser usar a Microfisioterapia — a técnica revolucionária de leve toques com identificação da origem mental do problema ou o bloqueio causador desse problema. Terminei a primeira sessão. O resultado só deveria ser notado dias depois, mas ela saiu aliviada, como se estivesse quase curada. Pelo menos foi a impressão que tive. Ainda bem que ela saiu satisfeita. Sua autoestima começava a dar notícias positivas.

Começava a escurecer. Já atendi quatro pacientes nesta tarde e preciso fazer um lanche ou beber alguma coisa. Talvez um “Red Bull”. Pensei, brincando comigo mesma, como último recurso para manter minha disposição. O celular diz que Sérgio está na minha cola. Vou atender. Deve ser algo importante com as meninas. Só de pensar meu coração bate mais forte e a ansiedade me faz pedir licença à Dona Maria Diniz para ligar de volta. — *Onde foi que você colocou o controle remoto da TV?* — Respirei fundo aliviada, e para não mandá-lo à M., discretamente, disse que procurasse na geladeira e que não me incomodasse mais com besteiras. — *Se não achar, use o Ipad!* — Pronto! Dei a solução. Dona Maria sorriu discretamente. Não tinha como não entender a conversa.

Olhei o relógio e já passava das 18h. Literalmente, deixei minha sala em passo acelerado, dei tchauzinho para as meninas da recepção e corri para a casa de Mainha. A maca portátil estava lá. Joguei-a na mala do carro e corri para a casa de Camila, no mesmo bairro. Camila é uma colega Fisioterapeuta que me pediu para tratar seu pai com a Terapia Neural, quando acrescento técnicas de Osteopatia e Microfisioterapia, além de aplicações de Ozônio. Na verdade, uso a Fisioterapia Integrativa, onde agrego todas as especialidades de minha formação para os atendimentos, de acordo com as necessidades de cada caso.

— *Vou te falar de novo: quando eu estiver em horário de atendimento, deixe uma mensagem no celular que eu retorno em seguida. Não posso parar uma sessão para atender besteira.* — Disse, irritada, a Sérgio que já sabe disso. Só que ele quer tudo no tempo dele e esquece o dos outros.

Na hora marcada bato na porta do apartamento de Camila, que esboça um sorriso. Seu Joaquim mostra um semblante alegre. Parece que a “salvadora da pátria” chegou. No final das contas, é isso mesmo. A Fisioterapeuta se torna uma espécie de anjo salvador, usando suas duas mãos e um coração entre elas para a alegria das pessoas, e seu amor, para entender os problemas nos seus detalhes. Pedi um copo d’água, pois estava sem ar depois de “escalar” dois andares puxando a maca, minha “sacola” e uma pequena mala com o aparelho de Ozônio. Seu João estava radiante quando fui embora.

Arrasto de novo a maca pesada dois andares abaixo. O prédio não tem elevador, mas “para baixo todo santo ajuda”, diz o ditado popular.

Sento-me no banco do motorista. Expiro aliviada e cansada. Acabou meu dia. Não, não acabou! Lavanto a cabeça e me lembro do maior estresse do dia: o trânsito caótico de Salvador perto das 20h. Respiro fundo de novo, como se tomasse ar para outro mergulho nas profundezas do oceano, pois terei que “nadar” desde a Garibaldi até o Litoral Norte, onde moro, passando pela Paralela, onde 33 km se transformam em 200, com os infernais engarrafamentos.

Quase duas horas depois, buzino da garagem de casa. Ellen ainda está acordada e corre para me abraçar. Sérgio surge como um Zumbi, cansado de correr para lá e para cá com as meninas em casa, levando e buscando na escola e cuidando delas como ele sempre faz. Valentina está desenhando no quarto e grito para ela, que corre e me beija.

Beijos e abraços, após o banho só vejo a cama na minha frente, mesmo estando na cozinha. Ellen me agarra querendo dormir. Quero uns minutos para ligar e atender ligações de alguns clientes e checar minha agenda para o dia seguinte. Loki, o cachorrinho recém-chegado, me salva: Ellen sai correndo atrás dele e Sérgio a chama para brincar na calçada com o Skate novo para que eu possa finalizar meu dia de trabalho ao telefone.

São 22h e não consigo estudar um pouquinho que seja. Vou deixar para amanhã. A atualização profissional tem que ser constante e disso eu não abro mão.

— *Vamos assistir um filme?*

— *Tá maluco?*

Deito-me com Ellen para ninar e pego no sono com ela.

— *Trimmmmmmm!* — São 6h e Sérgio grita mais que o despertador dentro de casa.



NOVA IDADE MÉDIA

Por Roberto Schima

**Anômalo, burro e hipócrita
é o tempo em que vivemos.**

**Tão alta é a tecnologia
e quão pouco compreendemos.**

**À maioria, ciência é magia.
Num dado desvio, nos perdemos.**

**Excesso de informação
ao lado da má formação,
para não dizer deformação...**

**Uma nova Idade Média nós vivemos
onde a virtude é a corrupção,
onde o "sim" vale como "não".**

**Para pés firmes como falta chão!
Injustiças transformadas em justiças.**

Prisioneiros tornaram-se carcereiros.

Tudo em nome da deusa da cobiça.

Falsidade é um programa rotineiro.

Mentiras transformaram-se em verdades.

Ignorância agora é sabedoria.

Honra e ética, alguém tem saudade?

A pílula azul... Ah, que alegria!

Neste mundo, sentimo-nos perdidos.

No final de tudo, o que é que a gente tem?

**Um reflexo no espelho encardido
achando-se, com certeza, pessoa de bem.**



Roberto Schima: Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série Trevo Negro de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio O Monstro Invisível, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record), pela história Como a Neve de Maio. As histórias Abismo do Tempo e O Quinto Cavaleiro foram contempladas pela revista digital Conexão Literatura, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital LiteraLivre, de Ana Rosenrot. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). Escrevi: Limbographia, O Olhar de Hirosaki, Os Fantasmas de Vênus, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participei de quase duzentas antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

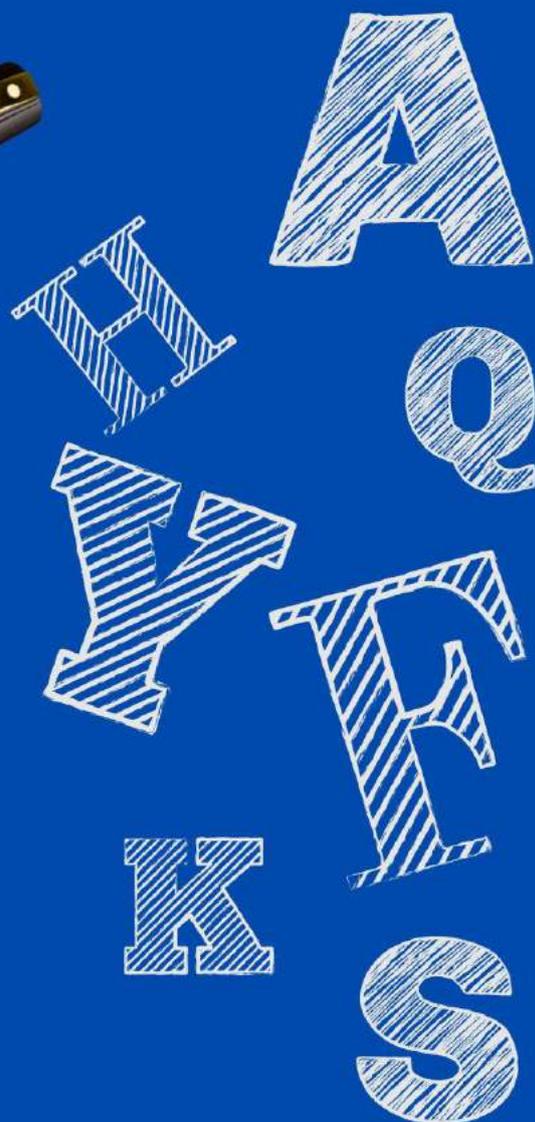
[https://www.amazon.com.br/s?](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

[k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss](https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

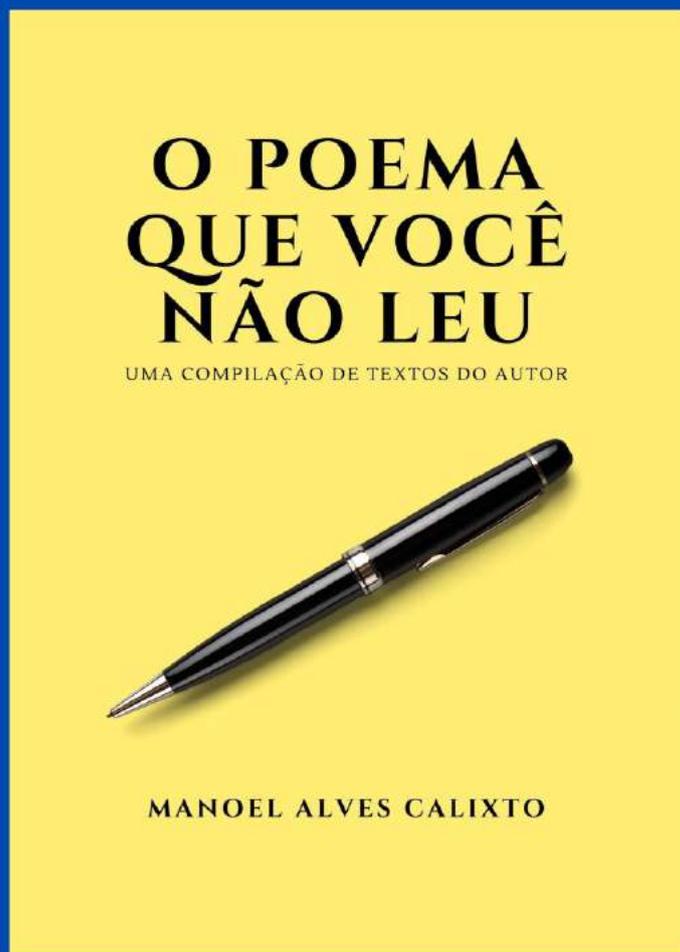


**CONHEÇA O
E-BOOK
"O POEMA QUE
VOCÊ NÃO LEU"
DO AUTOR MANOEL ALVES
CALIXTO**

O e-book reúne alguns dos melhores poemas do autor Manoel Alves Calixto, além de contar também com comentários dos leitores.



BAIXE O E-BOOK
GRATUITAMENTE:
[CLIQUE AQUI](#)



POR AUGUSTA ARAKAWA

THE FLOWERS OF LAURA PAUSINI, MY DEAR!

I miss you again
You aren't in my train
I look for you at the town
But you aren't around

You are in my brain
You are on my heart and veins
Ha! I'm very, very tired
Of living without satisfying my desire

To have you in my arms that contains
Our love that destroys the pain
Without you I feel so down
Because you are the light of my sundown

I'm crying walking on the rain
Empty heart screaming like insane:
-I want my family back to take care
Of my heartbroken without air!

Maybe God doesn't see that I can't
Live without your love again
Because you are part of me that grow
Like a flower that is part of my show

I see your eyes on the sad rain
I hear you singing the refrain:
"Don't be afraid, my dear!
I'm inside of you all the year."

"Take my hand and get out of this chain!
Clean your shadow on the rain!
Let's dressed a new flower gown!
Let's smile like a clown!"

Then I lay in your arms like an airplane
We toast to love with champagne
I know that my sad tears
Are the rain on your flower, my dear!



AS FLORES DE LAURA PAUSINI, MINHA QUERIDA!

De novo eu sinto a sua falta.
Você não está no meu trem,
Não está na cidade que salta,
Não está ao redor, meu bem.

Você está na minha mente,
No coração e nas veias que vejo.
Ah! Estou cansada de somente
Viver sem satisfazer o meu desejo

De te ter em meus braços que contém
O nosso amor que destrói a dor.
Eu me sinto para baixo sem
Você que é a luz do sol ao se pôr.

Eu choro ao caminhar pela chuva.
Coração vazio gritando como um louco,
Querendo a família de volta como a viúva
Que cuida do coração partido no sufoco.

Talvez Deus não consiga enxergar
Que eu não vivo sem o seu amor que brilhou,
Pois você é a parte de mim a ampliar
Como a flor que é parte do meu show.
Eu vejo os seus olhos na chuva triste
E escuto você cantar o estribilho:
"Não sinta medo daquilo que viste!
Estou com você o ano todo no trilho."

"Pegue a minha mão e saia dessa prisão!
Use a chuva para limpar a sua tristeza!
Vamos usar um novo vestido de flores tão
Belo quanto o sorriso do palhaço em leveza!"

Eu pouso em seus braços como um avião
E com champanhe brindamos ao amor!
Eu sei que as minhas tristes lágrimas são
A chuva sobre a sua flor.

Now I'm the rain that feeds you beyond the sea

Can you feel it? Can you hear?

I keep you in my heart and in my memory

Like the child who tells his first story:

"Flowers even appear

In the snow"!

Poema em inglês de Augusta Maria Reiko.

Agora eu sou a chuva que te nutre para além do mar.

Você consegue sentir isso? Consegue ouvir?

Eu te guardo no coração e na memória ao lembrar

Disso como a criança que conta a sua primeira história ao sentir:

"As flores aparecem
Até mesmo na neve!"

Traduzido pela autora.



Poema em inglês extraído da antologia e-book "Lembranças- poemas" que está disponível de modo gratuito na biblioteca da Unifal, 2022:

(Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais, Brasil)

<https://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/fontes-de-informacao/e-books>

E através do link: <https://en.calameo.com/read/0060073000ff6e14bbbd8>

Youtube - Canal PET Letras Unifal: <https://www.youtube.com/watch?v=oLcss5BeXqU>



SOBRE A AUTORA:

Natural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, servidora pública federal, graduada em Letras - Tradução PUCRS, participou como pesquisadora literária do Projeto Revista do Globo, participa de revistas literárias e de antologias como "Alexandria - meu poema" (Shan editores, 2006, para a Biblioteca de Alexandria no Egito em parceria com a Unesco) e o e-book "Lembranças" publicado pela UNIFAL - MG em 2022 (Universidade Federal de Alfenas, Minas Gerais).

CONSCIÊNCIA, NEGRITUDE E LITERATURA, FRENTE AO PRECONCEITO RACIAL BRASILEIRO

POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO



O negro dentro de uma imagística de literariedade crítica brasileira, detém um cânone especial para uma compreensão do preconceito, não somente como uma forma de desprezo, mas para a formação de um cânone argumentativo, que possa propiciar igualdade e ao mesmo tempo, um respeito pela sua ancestralidade brasileira e africana.

Sendo assim se pensarmos em termos tanto de autores, como de obras literárias, temos um berço considerável, de primados contrapontos questionadores e de consciência social lúcida.

Olavo Bilac em seu poema Vila Rica, ressalta a importância dos ourives, bem como a extração do ouro feita por escravos, que assim parte para um princípio sociológico - poético em que a administração colonial, passou pela força, construindo um sentimento de desprezo étnico, retornando aos sermões de Antônio Vieira, na construção de uma identidade nacional, que possa tanto estar comiserada de subterfúgios a aludirem integrações existenciais entre o negro e o branco, dentro de características libertárias, que partam da reflexão para ação, fazendo da *“arte”*, algo que não seja somente estético, mas que venha a contemplar um rigor métrico e gramatical, que caminhe para um princípio de sintagma social, em que já não se detenha majoritariamente mais o sentido de raça mas sim sendo substituído pelo temo etnia.

Se pensarmos no princípio da contemporaneidade, Machado de Assis, Lima Barreto, Cruz e Sousa, esgarçam um grito de socorro, que parte tanto de instrumentais de um aparelhamento histórico, em combater a volúpia exagerada do prazer *“direto e indireto”*, que a cor negra provoca, perante uma brancalização, que se submete a artimanhas raciais, contendo simetrias de uma lógica organizacional, a fazer um psicologismo que seja abertura de um ativismo eficaz e presente, e operante perante as indiferenças que a colonização europeia angariou, tanto no timbre da economia como também no sentido de rebaixamento humano da negritude.

Florestan Fernandes em um pequeno ensaio intitulado *“O Romance Histórico”*, classifica, *“que a literatura além dos seus estilos e figurações, necessita transitar por tempos de elucubrações que venham a despertar o leitor crítico”*.

Mas, todavia, tendo uma criticidade que possa corrigir, falhas em não despertarem polivalentes esclarecimentos, partindo de um momento em particular, que assim produza uma factologia, que construa um espaço analítico, que use de arcações intelectuais em lapidar mentes, para um combate contra o racismo, usando de múltiplas formas estilísticas, quanto a propiciar uma compreensão de realidade, recheadas de discriminações e divisões sociais.

As obras de escritores negros, pardos, ou mamelucos, oferecem uma assimilação de denúncia do desterro da sua terra natal, as longas viagens marítimas, o perigo e o temor da morte, como ao tratamento de um linguajar a sua pessoa, passando de *“negro para nego”*.

A escravidão negra e sua discriminação, passa pela transfiguração sonora do *“nego”*, algo que soa com certo acalanto, como também de humilhação.

Um acalanto que venha a submeter, trâmites, que se possa enxergar que dentro de uma teoria da argumentação, quanto à disseminação de um *“amor”*, que não esteja inserido nas alcunhas exclusivista do corpo, mas passando por uma subjetividade em se

postular um esclarecimento, que contenha o sentido de lutar contra uma mentira epistemológica da democracia racial, que veio pautar a engenhosidade de construção histórica da República no Brasil. Emília Viotti Da Costa classifica que o *“negro entra em uma sintonia de lampejos de esgarçar, a importância em uma ânsia de liberdade”*, mas que ao mesmo tempo também desejava estar sendo ainda *“tutorado”* por senhores, no sentido de ter um local *“seu”* para residir, bem como a garantir sua banal alimentação, já que dentro de perspectivas capitalistas, a industrialização brasileira começara tardiamente, não havia um equivalente empregatício de mão de obra especializada que viesse, a absorver, a massa de ex - escravos, que passou a perambular pelos centros das grandes cidades, aumentando a decadência de um processo urbanístico enfadonho, que começou a ganhar um *“corpus vivencial”*, de ascendência a favorecer o crescimento técnico e material, quando com Belle Époque, começou a dar seus primeiros passos.

Um período, onde uma compressão de moradias simples, saem do espaço das grandes avenidas e das casas planejadas, e passam a deixarem as camadas populares e mais pobres de lado, fazendo-as subirem os morros, formando assim os cortiços e favelas, retratados em obras O Cortiço de Aluisio De Azevedo, ou na contemporaneidade, em Quarto de Despejo: Diário De Uma Favelada, de Carolina Maria De Jesus. Dentro desse universo ficcional – realístico tanto implicitamente como explicitamente, a imagem do negro passa por uma deturpação, quanto a sua recepção dentro das classes sociais mais privilegiadas, no sentido de aceitação, da sua condição humana como sendo um ser humano igual aos outros, como também a estar em ter que lutar contra uma condição de julgamento moral constante.

Isso passa pelas tessituras de escritas, que possam proporcionar, ontologias, para se construir uma consciência indagadora que passe não somente em contestar a figura do *“ser negro”*, mas sim que em suas obras, venham a oferecerem, caminhos, para a construção de fenomenologias de liberdades, que estejam dentro de um campo analítico, ao qual a linguagem literária, detenha signos de combater um sentido de construção gramatical que não fiquem dentro de anacronismos de interceder, uma eterna desvalorização da africanidade dentro de nossa cultura.

José Luiz Fiorin *“traça que dentro das ideologias em torno de um sistema de discriminação se esconde caminhos, para a elaboração lingüística da destruição de arcabouços subjetivistas preconceituosos”*, que assim possa virem a arquitetarem, reflexões libertárias, que para a proliferação de combater um idealismo ético rotulado, por um falsificacionismo em se colocar o negro como um difuso caminho de falso heroísmo que assim deixa uma organicidade de disseminação do pensamento intelectual, que venha eternamente vitimizar o sistema étnico africano que fosse inteiramente livre dentro da lateralidade patriótica e histórica do Brasil.

Assim como o seu Peri, de O Guarani de José Alencar, o negro dentro da literatura brasileira, contem traços de um figurativo caminho de depressão quanto a ter sua identidade sentenciada, para nominalismos teóricos e práticos irrisórios, que possam combaterem uma linguagem depreciativa, vindo a provocar cunhos histéricos de leitura, e que não venham a valorizarem uma *“existência”*, como sendo um cabido de mentalidades propedêuticas, esmiuçando a sua importância de um pensamento social *“que não fosse unicamente abolicionista”*, como assim frisou bem Joaquim Nabuco, mas

sim que viesse redefinir uma nova condição humana, que fugisse em enxergar o negro, como se um objeto de estudo valorizando sua coisificação, e sim combater doutrinas do dito racismo científico de Gobineau, para que assim pudesse obter a reflexão quanto a não vim viabilizar uma dinamização de destruição das liberdades civis, abjurados aos preâmbulos de cair em máculas ideológicas, de uma intersecção de valores contaminadores de não vim realizarem uma saúde mental, que possam assim estarem substanciadas unicamente em enxergar o negro através de sua libido ou de sua força física.



Tanto que nesse sentido se colocarmos em evidência a obra de Adolfo Caminha Bom Crioulo, está também realçado um sentimento de colocar um gênero sexual, que assim não estivesse comprometido com as desventuras de uma falsa humanização, que produzisse uma ébrio sentido histórico em torno de uma obra de arte que contivesse o objetivo somente da contemplação e que por vias dúvidas não viesse causar um forte impacto de indignação perante a formação de romance homoerótico dentro da “Armada Brasileira”, o que viria contras as suas tradições rígidas.

O Naturalismo serviu muito como um gatilho, a declamar uma nova forma de enxergar a sociedade civil, como um primado de prazeres, que assim fez o negro estar, envolvido em um cardápio de taxaões classicistas, de ser avaliado e julgado por sua pele, sendo um instrumento em saciar todos os desejos carnis mais ocultos dos brancos, entrando em cárcere tanto de sua libertação mental, quanto de sua ascensão social.

Sucintamente os negros se compõem como um rentável estereótipo para construção de enredos ficcionais e históricos, que tanto podem virem, a causarem o anseio de buscar sua liberdade plena, como também vim a compor subterfúgios socioambientais, para as quais as suas vontades pessoais vão sendo disseminadas, para um afastamento de um sentimento de vim a elixir o progresso, de uma suntuosidade filosófica de sua estética não seja revestida de um medo constante de julgamento e arbitrariedades. Para o crescimento de uma rentabilidade moral quanto que significa ser negro, houve uma forte ruptura, entre uma ontogênese, para uma elevação de habilidades mentais que possam assim irem, combatendo o racismo tanto no sentido constitucional, de respeitar perspectivas de Estado, reavendo um sentimento cultural respeitoso, pela sua herança cultural afrodescendente, como também a configurar uma liberdade que não seja somente ideológica, mas sim que viralize como sendo um movimento de traçados psicossociais, que aglutinem um pragmatismo benéfico, em compor um letramento, que não veja o negro, como um estupor de discriminação, mas si contendo um chamativo,

que se produza a imputação de “*um não pensar literário*”, venha ver a questão da negritude quase que exclusivamente como algo excludente ou de crueldade.

Usando de Hannah Arendt “*a questão do escrever sobre a discriminação racial ou social*”, tem que estar concentrada em não proliferar a sujeição de grupos humanos que venham a serem classificados como ralé, mas sim estar dentro de prognósticos culturais, onde o fator humano congênito de respeito pelas diferenças, esteja acima sobre a questão de ter que conter a formação social de um criar literário, que use da dor racial como forma de disseminação da criticidade lúdica, entre diferentes parcelas de pessoas e personalidades do nosso cotidiano, cheio de intolerância e brutalidade perante a “*etnia afro*”.



SOBRE CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO:

Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceuclar - Campus de São José do Rio Preto – SP. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.

Email: claytonalexandrezoarato@yahoo.com.br. Instagram: Clayton.Zocarato

Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>



TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA
GAVETA

ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

NOSSO
SILÊNCIO
TAMBÉM DESTROÍ



**NOSSAS
MATAS**

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com



Por Míriam Santiago

A MAGIA DO NATAL

CRÔNICA

O ano passou depressa e cá estamos na última edição da Revista Conexão Literatura, iniciei o ano com o conto “A próxima missão” e dezembro chega nos fazendo refletir sobre o que fizemos em mais um ano de vida.

Para quem me conhece, sabe que durante o período sigo em tremenda rotina de trabalho, assim como todos, pois as nossas vivências são parecidas: labuta, estudo, família, amigos etc, com ressalva apenas da forma como encaramos tudo isso, com grande fardo para aguentar o “tranco” ou na leveza do balançar como se estivéssemos em uma rede. Claro que é muito difícil não se esquentar com tantos afazeres, mas ao fim de mais um ano sinto que perdi muito tempo sendo a exemplar jornalista, que não deixa nada para o dia seguinte, que passa do horário do término do expediente para conseguir cumprir as tarefas... blá, blá, blá... e ao final dos dozes meses percebo que meu precioso tempo poderia ter se dissipado com associações mais prazerosas.

Mas enfim, querido leitor, não sei se estamos na mesma vibe ou não, espero que as poucas linhas te façam refletir sobre o precioso tempo, no intuito de que seja usado da melhor maneira possível.

Ressaltando sobre dezembro, recordo-me de momentos alegres lá mesmo no serviço, quando uma gerente que está aposentada ficava quase louca ao chegar o dia 31, e eu a acompanhava na compra de mandingas (fitinhas coloridas, velas, colônias e outros apetrechos) a serem utilizados na virada do ano, para atrair bons fluídos e namorados, entre outras coisas.

E porque não citar também toda a magia que faz milhares de pessoas descerem a Serra do Mar, enfrentando filas no pedágio para unicamente passar o Réveillon na praia às cores e desenhos dos fogos de artifícios, pular sete ondas, reverenciar orixás... acho essa magia fascinante e percebo que neste dia não há religião, e sim a empolgação em pedir as boas energias para o próximo ano.

Essa junção de sentimentos e desejos positivos deveriam acontecer o ano inteiro, não apenas no último dia do calendário; está aí algo a se pensar, desejar, já que o lúdico muitas vezes funciona mais e melhor no que diz respeito aos sentimentos.

Já a magia do Natal agita o coração, nos faz refletir nas decepções da vida, nas mágoas adquiridas, dissolvidas na energia natalina, já que ninguém deseja participar das festas com o coração amargurado, não é mesmo? Se for para manter a amarra para quê então festejar o Natal? E que o aniversário de Jesus Cristo possa influenciar na aproximação das pessoas, que assim como o Cristo, perdoou a todos.

O final do ano também é a época do desaparego e da renovação. De refletir em tudo o que conseguimos ou não, mas de forma sempre em aprendizado para o próximo ano e não levar a vida tão a sério que desgasta a alma encurralando a esperança deixando o pensamento pesado com gostinho de culpa por alguma fraqueza. Somos humanos e isso já nos torna vulneráveis e sujeitos a falhas, por isso, a importância do sentimento de perseverança, otimismo e seguir em linha reta, acalmando a cobrança da mente e o sentimento de culpa.

É sentir o mundo com vontade só pelo motivo de estarmos vivos, de podermos caminhar e sentir o frescor da noite, de apreciarmos a natureza e tudo o que nos move para frente ajudando quem precisa, estendendo a mão para algum trabalho voluntário e não deixar que energias negativas nos contamine, por vezes são situações difíceis e

complicadas, mas a persistência e convicção da mente devem se impor, sejamos fortes de espírito e de coração!

Por fim, agradeço a todos os leitores que durante todo o ano prestigiaram com gosto a Revista, que baixaram em seus computadores e divulgaram o nosso trabalho, o nosso espaço de manifestação da literatura, pois vocês leitores, são a engrenagem principal de nosso trem literário.

Muito obrigada, um feliz Natal a todos e um próspero Ano Novo!



Miriam Santiago: jornalista (Assessoria de Comunicação) e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com>

Contato: mirianssantos@gmail.com

LANÇAMENTO DO LIVRO
O INSÓLITO CASO
DOS
DESAPARECIDOS!



NOTÍCIAS

CULTURA

INFORMAÇÃO

LANÇAMENTO DA
PRIMEIRA REVISTA
ELETRÔNICA DA OAB-MÉIER

Por Joelina Cândida Alves @jornalistajoelina

O INSÓLITO CASO DOS DESAPARECIDOS!

Escrito por Samara Nunes Nazareth, a obra é inspirada nas ruínas da Igreja São Pedro Apóstolo, Encantado, RJ

Por: Joelina Cândida Alves
@jornalistajoelina



Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, 200 pessoas desaparecem por dia. O Brasil registrou, em 2021, 65.225 pessoas desaparecidas, aumento de 3,2% em relação a 2020. Esse número é bem maior do que a população de muitos municípios. Num desaparecimento eterno, segundo o anuário, a pandemia acentuou o problema de identificação de pacientes nos hospitais e muitos corpos eram de moradores em situação de rua, que foram incinerados por determinação da portaria.

Para falar sobre o assunto, foi lançado o romance policial *“O Insólito Caso dos Desaparecidos”*, obra da escritora Samara Nunes Nazareth, que fala de um bairro fictício.

O livro é inspirado nas ruínas da Igreja São Pedro Apóstolo, e faz a narrativa dos estranhos desaparecimentos de pessoas, no fim dos anos 1980, em Engenho do Alto, RJ, seja à noite ou em plena luz do dia, apavorando os moradores daquela localidade e desafiando as autoridades.

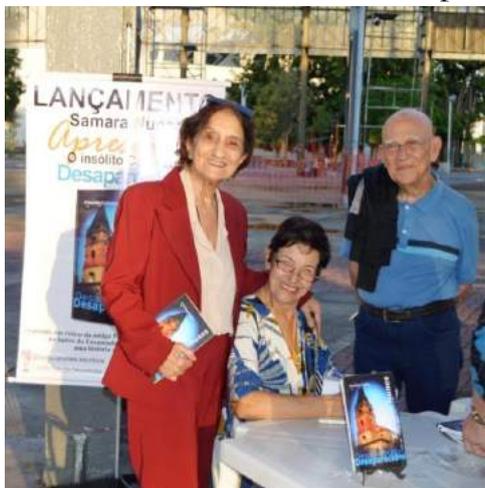
“Venha saborear este romance policial cercado de experiências assombrosas, com muito suspense e mistério ; recomendo aos assustados que não o leia à noite, antes de dormir, porque corre o risco de ter pesadelo”, revela Samara.

A sinopse do livro convida o leitor a conhecer “Nelson D’Ávila”, um policial veterano, empenhado em investigar o caso e descobrir o que, ou quem, estaria provocando o sumisso das pessoas, de uma forma insólita e inexplicável, naquele bairro; ou ele desvenda o mistério dos desaparecimentos ou não se chamaria Nelson D’Ávila. “Quero agradecer a presença de todos os que me prestigiaram nesta tarde e aos leitores que já compraram o livro pelo site www.clubedeautores.com.br – complementou a autora.

A orelha do livro, escrita pelo poeta *Orpheu Luz Leal*, leva o leitor a muita reflexão, já que a história não trata apenas do caso inusitado que envolve o desaparecimento das pessoas, mas tantas outras implicações, como a de crianças que vivem nas ruas. Segundo o poeta, “a autora sabe tocar nossos corações, fazer-nos parar tudo, a fim de meditar sobre um tema tão importante”, disse Orpheu. “O desfecho é incrível! Não se

pode, nem de longe, supor o que envolve o desaparecimento das pessoas” – concluiu.

O lançamento do livro “*O Insólito Caso dos Desaparecidos*” aconteceu na quarta-feira (09/11), numa tarde de autógrafa imersiva, no Galpão Cultural do Engenho, ao lado da Estação Olímpico Engenho de Dentro.



Na programação houve palestra do atual pároco da igreja de São Pedro, **Padre Jorge Emilio Lutz Mazzine**,

que palestrou sobre a história das ruínas, as obras e a recuperação do templo; seguido de exibição de áudio visual com imagens aéreas das ruínas que inspirou a trama, produzidas pela **Inspira Drone**. “Este livro tem grande importância para as obras da igreja; espero que esta divulgação toque os corações dos fiéis, promovendo o engajamento dos moradores e ilustres empresários, em colaborar com a reforma desse patrimônio que até hoje nos enche de inspiração”. – Encerrou o padre.



CNPJ: **Paróquia São Pedro Apóstolo**, PIX: 33.593.575/0266-95. Conta Bradesco: AG: 0814, CC: 76190-7

Lançamento da

PRIMEIRA REVISTA ELETRÔNICA DA OAB-MÉIER

Já está online a primeira edição da Revista Eletrônica da 55ª Subseção da OAB-Méier

No mesmo ano em que comemoramos o centenário da **Semana de Arte Moderna de 1922** e o bicentenário da **Independência do Brasil**, a **55ª Subseção da OAB**, no Méier, RJ, também marca 2022 com o lançamento de sua **primeira Revista Eletrônica**.



Gratuitamente e com livre acesso aos interessados, a revista é uma ferramenta de fácil manuseio podendo ser visitada e revisitada, para pesquisas ou informações, ligando um grande público ao judiciário com artigos produzidos por especialistas em diversas áreas da advocacia.

“Esse é o primeiro ano de gestão da **‘Família Inovação’** junto à **55ª Subseção da OAB-RJ**, mais conhecida como **OAB-Méier**. É forte o sentimento de inovar a administração, fomentando o conhecimento e o acesso a advocacia. Estamos realizando mais um sonho: o de lançar a primeira **Edição Especial da Revista Eletrônica da OAB Méier**” — disse a Presidente, **Dr^a. Gracia Monte Barradas**.

A revista pode ser acessada pelo link:

https://revistaeletronica.oabRJ.org.br/?page_id=4934

A cerimônia de lançamento da primeira **Edição Especial da Revista Eletrônica da OAB-Méier**, aconteceu no último dia 10 de novembro, em sessão solene no **Plenário Carlos Maurício, RJ**.

“Desejamos a todas e todos uma boa leitura, esperando que as obras aqui publicadas possam contribuir com as discussões dos temas” — comentou a **Dr^a. Gracia**.



“Esperamos que a revista continue em 2023, com periodicidade semestral, como veículo importante para divulgação do pensamento de juristas, pesquisadoras e pesquisadores” — concluiu a **Presidente: Dr^a Gracia Barradas**.



**ENTRE LUZES, SOMBRAS, PENUMBRA,
NÉVOA OU ESCURIDÃO?:
o Brasil em retrospectivas e
prospectivas – (breves) notas históricas**



**Por
Marcos Pereira dos Santos**

Marcos Pereira dos Santos - Pós-doutor em Ensino Religioso pelo Seminário Internacional de Teologia Gospel (SITG) - Ituiutaba/MG (Brasil). Pesquisador em Ciências da Educação. Literato. Professor [visitante] da Faculdade Rhema (FACUR), junto a cursos de graduação e pós-graduação lato sensu - Arapongas/PR (Brasil).

E-mail: mestrepedagogo@yahoo.com.br

Este opúsculo textual científico, de abordagem metodológica qualitativa de pesquisa e fundamentado em aportes teóricos bibliográficos, cujas publicações acadêmico-científicas se encontram disponibilizadas nas versões impressa e/ou eletrônica, tem como objetivo central apresentar (breves) notas históricas acerca de o Brasil em retrospectivas e prospectivas, possibilitando, assim, realizar – paralelamente – algumas análises crítico-reflexivas entre luzes, sombras, penumbra, névoa ou escuridão; porém, num contexto inquiritivo e in(ve)stigativo.

O Brasil do passado e o Brasil dos dias atuais, que direta ou indiretamente projetam o País do futuro, estão engendrados por alguns acontecimentos históricos marcantes, tais como, em específico: os dois séculos de Proclamação da Independência do Brasil (1822-2022) e os cem anos da Semana de Arte Moderna de 1922 (1922-2022).

Acaso, não é de senso comum (e verídico!?) argumentar, por exemplo, que o passado é fator condicionante do presente e que este, por sua vez, serve de mola propulsora do futuro? Há, de fato, uma imbricação dialética entre o ontem, o hoje e o amanhã em termos históricos? Existe proximidade entre o “real” e o “ideal”?

De antemão, entendemos ser mister esclarecer que tais indagações iniciais têm, propositalmente, um cunho filosófico crítico-reflexivo, sendo as mesmas inspiradas e baseadas na Parte Retrospectiva (Tomo I) e na Parte Prospectiva (Tomo II) da obra acadêmico-científica intitulada “*Para onde vai a educação?*”, de autoria do renomado intelectual (biólogo e pesquisador) suíço Jean Piaget (1988).

A priori, poder-se-ia argumentar que a expressão nominal que registra, qualifica e atesta a identidade temática deste trabalho científico, no que concerne aos seus título e subtítulo, é, no mínimo, curiosa, polêmica e instigante, além de ser também deveras relevante e analítico-interpretativa, hajam vista os cenários social, político, econômico, sanitário, ético-moral, educacional e (pluri)cultural (des)velados em que se consubstanciam, de modo particular, as várias instâncias da sociedade brasileira – moderna e contemporânea.

Afinal de contas, parafraseando as palavras de Bert Júnior (2022), com quem corroboramos, o Brasil, no âmbito das celebrações/comemorações festivas de 200 anos de Independência, relevante data cívica nacional, se constitui como um País de grandes dimensões territoriais e populacionais, além de ser riquíssimo em recursos naturais, porém conflagrado por uma série de problemas internos e externos que (ainda) precisam ser atenuados ou solucionados.

Devido ao advento de “[...] a pandemia desinente de novo Coronavírus (nCoV-19 ou COVID-19), cujo agente viral é o SARS-CoV-2 [causador da Síndrome Respiratória Aguda Grave de novo vírus Corona ou novo Coronavírus, que surgiu na China em 31 de dezembro de 2019]” (UZUNIAN, 2020, p.1), o mundo, a sociedade e os sujeitos sociais em geral foram (e ainda estão sendo) assolados por grandes e radicais transformações em vários sentidos, espaços e contextos, abarcando assim os vários setores da sociedade capitalista estratificada e globalizada.

Todavia, é inegável que isto vem desencadeando uma série de novas mudanças, (re)adequações, (re)adaptações, (res)significações, teorizações, redimensionamentos e ações práticas – fenômeno global e local (‘glocal’) este que vem sendo nominado por alguns estudiosos oriundos das áreas de Antropologia, Sociologia, Filosofia, Educação,

História e Geografia, a exemplo de Santos (2020) e Soares e Ferrari (2021), de “novo normal”, “normal novo”, “novo normal social”, “novo normal cultural”, “novo normal sociocultural”, “nova normalidade”, “normalidade nova” e inúmeras outras expressões vocabulares verossimilhantes. Trata-se, outrossim, de uma nova realidade objetiva existencial concreta que se origina e se consolida nos dias de hoje, em tempos de (pós-)pandemia de COVID-19. Há, pois, novas demandas sociais – urgentes e emergentes – que vêm à tona, as quais acarretam (forçosamente!?) o rompimento de paradigmas tradicionais/conservadores/dogmáticos, a instabilidade do mercado (inter)nacional, a flexibilização dos atores sociais e o alvorecer de novos modos de ser, estar, sentir, pensar e fazer na sociedade capitalista e globalizada, constituída, via de regra, por classes sociais antagônicas (proletariado *versus* elite/burguesia).

O ano de 2022 é, em particular, atípico, notório e especial. E isto se deve ao fato de tal ano civil abarcar, especificamente no que tange ao Brasil, um disputado pleito eleitoral (cargos políticos de presidente da República, senador, deputado federal, deputado estadual/deputado distrital e governador), o advento de novas variantes de Coronavírus pós-vacinação populacional, os jogos/torneios esportivos da Copa do Mundo (22º Campeonato Mundial de Futebol organizado pela Federação Internacional de Futebol Associado – FIFA [acrônimo], no Catar/Península Arábica do Sudoeste Asiático do Oriente Médio), bem como serem celebrados o Bicentenário de Proclamação da Independência do Brasil (1822-2022) e o I Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 (1922-2022), também denominada “Semana de 22”, cujos dois eventos históricos nacionais foram (e ainda são) igualmente marcantes para as áreas de História e Literatura, e também para toda a sociedade brasileira no que concerne à sua evolução e ao seu progresso e desenvolvimento científico e tecnológico; inclusive.

De forma análoga ao significado de o célebre “Grito do Ipiranga”, exclamado por D. Pedro I ao proclamar a Independência do Brasil, a “Semana de 22”, ao se configurar, segundo Rezende (1993) e Osinski (2002), como um movimento ou uma manifestação artístico-cultural que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo/SP entre os dias 13 a 18 de fevereiro de 1922, cuja finalidade foi divulgar e valorizar a brasilidade existente na escultura, arquitetura, literatura (poesia e prosa), pintura e música, pode também ser considerada uma “Revolução sem sangue” (DEL PICCHIA, 1972), um ato ou um grito de manifesto, de protesto, de repúdio e de contestação ao regime opressor; mas ao mesmo tempo uma atitude ou um grito de libertação, de liberdade, de autonomia, de evolução, de contentamento, de independência (no sentido literal do termo!), de desinculcação, de desintoxicação, de rompimento de paradigmas arcaicos e de desalienação no tocante às amarras político-sociais que “emolduram” e “engessam”, no Brasil, o multiculturalismo, o hibridismo cultural ou a cultura no plural. (CERTEAU, 2001)

Fazendo nossas as palavras sábias de Camargos (2022, p.1-3), pode-se afirmar, ainda, que a Semana de Arte Moderna de 22 configura-se como um “[...] ‘ponto de partida’ para o Modernismo, que foi se remodelando ao longo dos anos [...], um grito de revolta [...], um grito de alerta contra a ‘arte esclerosada’ da época e que não serve mais”. Afinal, a “Semana de 22” é arte, expressão cultural e folclore do Brasil de “Brasis”; de acordo com o que assevera Ortencio (2004).

Em termos históricos, sabe-se que o gesto notório de o imperador D. Pedro I ao proclamar a Independência do Brasil em 07 de setembro de 1822, às margens do Rio Ipiranga (ou Riacho do Ipiranga), situado nos arredores da cidade de São Paulo/SP, exclamando com grito forte: *“É tempo! Independência ou Morte! Estamos separados de Portugal!”* (SCHNEEBERGER, 2003, p.166; itálicos no original), marca para sempre, de maneira simbólica, a fundação oficial do Brasil, que, outrora, era uma importante Colônia (“escrava” e totalmente dependente) da Coroa Portuguesa.

Sem a pretensão de aprofundar no escopo deste texto científico as discussões teóricas acerca do(s) real(is) motivo(s) e sentido(s) de a Proclamação da Independência do Brasil, convém trazer a lume, também de modo retrospectivo, a seguinte sinopse histórica/historiográfica, cujo teor epistemológico-científico descreve o que desencadeou a realização deste relevante feito histórico, heróico e humanitário:

No dia 07 de setembro de 1822, retornando de Santos/SP, onde fora inspecionar as defesas do litoral paulista, D. Pedro I encontra os emissários do Rio de Janeiro/RJ, às margens do Riacho do Ipiranga, nos arredores de São Paulo/SP. [...] Depois da leitura da correspondência que continha as novas decisões das Cortes e das cartas enviadas por José Bonifácio e por Dona Leopoldina, sua esposa, D. Pedro I proclamou a Independência do Brasil, por volta das quatro e meia da tarde, desembainhando a espada e bradando em voz alta (o “Grito do Ipiranga”) a separação do Brasil dos domínios de Portugal, sendo assistido apenas pela Comitiva que o acompanhava (aproximadamente 38 militares). [...] Assim, o “Grito do Ipiranga” foi o ato que, simbolicamente, oficializou o rompimento com Portugal; rompimento este que, na verdade, se iniciara em 1808, com a transformação do Brasil em sede do Estado português. O “Grito do Ipiranga”, exclamado no dia 07/09/1822, formalizou, pois, o rompimento das relações Metr pole-Colônia, iniciadas com a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil. (MATTOS, 2019, p.35)

Sobre o processo de Independência do Brasil, o referido autor comenta, ainda, que tal ato histórico atendeu,   época, apenas aos interesses conservadores das elites agrárias, não se alterando, em (quase) nada, a velha ordem econ mica e social, gerada ao longo do período de coloniza o (1500-1822), nos séculos XVI a XVIII, visto que o latifúndio continuou predominante, a escravidão foi mantida e os laços de dependência econ mica com a Inglaterra permaneceram fortalecidos. Para Piletti (1990), isto significa postular que a Proclama o da Independência do Brasil não propiciou ao País condi es suficientes, eficazes e eficientes de ser uma espécie de “paraíso terrestre” ou “terra prometida” e nem tampouco de se tornar o “paraíso celeste” tão almejados por um expressivo número de pessoas naquele momento histórico.

Contudo,   possível identificar que este mesmo “desejo social” continua latente na contemporaneidade, na pós-modernidade ‘líquida’, apesar de terem sido transcorridos

200 anos de Proclamação da Independência do Brasil. Todavia, o Brasil, desde 1822 até os dias atuais [(re) corte histórico situacional-contextual-temporal], apresenta, ao menos em parte, simplesmente uma “independência de fachada” ou “pseudo-independência”, ou seja, uma independência simbólica e formalizada em plano teórico, porém não concretizada de forma completa, total, global, integral.

Dizemos isto, porque essa independência almejada e conquistada em esfera parcial (ainda) não atende em termos conjunturais, estruturais, qualitativos e equitativos às reais demandas da sociedade brasileira estratificada (opressores *versus* oprimidos), uma vez que não possibilita e nem garante a todas as classes populacionais os mesmos direitos e deveres (fundamentais, individuais, coletivos, sociais, políticos, etc.) para o pleno exercício da cidadania e da democracia num Estado Democrático de Direito: nacionalidade, territorialidade, segurança pública adequada, distribuição equânime de renda, trabalho formal digno e com remuneração condizente, receita tributária justa, atividade econômica e financeira, finanças públicas, política agrícola/fundiária e urbana, seguridade social, saúde, condições sanitárias e de higiene, alimentação saudável, previdência social, educação escolar, desporto, cultura, Ciência, tecnologia, ensino gratuito e de qualidade, comunicação social, moradia, lazer, proteção integral à maternidade e à infância, assistência aos idosos e desamparados/marginalizados, sustentabilidade ambiental, preparo e qualificação para o mercado de trabalho, qualidade de vida, inclusão social, dentre outros direitos legais. (BRASIL, 1988; 1996; COTRIM, 1996)

Em pleno século XXI, do terceiro milênio, o Brasil se encontra assolado por inúmeras pendências e dependências sociais, a exemplo de: negacionismos (negação da Ciência, das pesquisas e descobertas científicas e tecnológicas, das culturas plurais, etc.), corrupções políticas, violências, tráfico internacional de animais silvestres e seres humanos, crise sanitária, inflação econômica, altas taxas de desemprego e subemprego, catástrofes naturais, fome, pobreza, queimadas, poluições ao meio ambiente, destruição de matas nativas, preconceitos, discriminações, racismos, dívida externa, exploração sexual e do trabalho infantil, pedofilia, crimes hediondos e de várias outras tipificações jurídicas, comércio (inter)nacional de drogas e armas ilícitas, desvalorização e banalização das Artes culturais, pandemia de COVID-19, *impeachment* presidencial, destituição de poderes públicos e cargos políticos, terceirizações e precarizações do trabalho formal remunerado, privatizações estatais, afrontas governamentais (in)diretas ao Poder Judiciário, importação de produtos comerciais industrializados a preços altos, assédios morais, seca regional, *superávit* da balança comercial, oposicionismos, precatórias, problemas de analfabetismo funcional, desmonte de políticas públicas (sociais e educacionais), inversão de valores, dentre outras graves mazelas sociais, políticas, econômicas e culturais.

Além destes fatores, Prado Júnior (1970, p.55) assinala que, mesmo após a Independência, o Brasil se mantém “[...] sob um rigoroso regime de restrições econômicas e opressão administrativa, o que abafa a maior parte das possibilidades do País”. Ou seja:

Com a Independência, [...] Portugal foi expulso de cena. Mas, na divisão internacional do trabalho, determinada pelo capitalismo, ao Brasil, como a outros países explorados, continuou reservado o papel de exportador de matérias-primas (café, borracha, minérios, soja, etc.) e importador de produtos manufaturados. O preço pago por essa dependência foi e continua sendo extremamente elevado. [...] A História do Brasil é a história da dependência, a um custo altíssimo para o povo brasileiro: no período colonial reservou-se ao Brasil a função de fornecedor de gêneros úteis ao comércio metropolitano; depois da Independência transformou-se em exportador e importador. (PILETTI, 1990, p.32-38)

No tocante à colonização e à Independência do Brasil, Domingues e Fiusa (1996, p.92; grifos nossos) constataam a seguinte situação social:

O Brasil deixou realmente sua situação colonial em 1808, quando se tornou sede da Monarquia portuguesa. [...] A Independência era “inevitável”, mas só ocorreu quando os setores da classe dominante tiveram certeza de que poderiam controlar o poder e de que o latifúndio e o escravismo não seriam ameaçados de extinção. Por isso não podia haver participação popular. A presença de D. Pedro I, como Imperador do Brasil, manteve a unidade territorial e garantiu a manutenção da estrutura socioeconômica advinda do período colonial: uma das razões fundamentais de o atrelamento da nossa economia em relação à Inglaterra ter permanecido após a Independência. Praticamente, o Brasil foi a única Nação da América Latina a adotar um regime monárquico, denotando que nossa *Independência foi uma adaptação política a uma situação criada em 1808. Não foi, portanto, revolucionária. O “Grito do Ipiranga” não significou o fim das tensões sociais e políticas.* Havia muitos problemas a resolver: as Províncias dominadas pelos portugueses (regiões Norte e Nordeste do Brasil) não aceitaram facilmente a Independência, e os grandes proprietários de terras queriam, a todo custo, participar do poder.

Longe de esgotar o tema em pauta e/ou fazer apologia exclusiva ao ‘futurismo’ – “[...] termo usado, por vezes, como sinônimo de desprestígio, maluquice ou frivolidade” (REZENDE, 1993, p.27) –, donde são trazidas a lume algumas previsões mirabolantes, maquiavélicas, fantasmagóricas ou escatológicas, vale a pena, desde já, refletir meticulosamente o que significa *independência, emancipação, autonomia, liberdade e libertação*; não relegando apenas esta importante tarefa aos pósteros; conforme nos alerta Costa (1977). Diz-se isto, porque, num contexto histórico,

[...] o tempo de amadurecimento de uma Nação guarda correspondência direta com a área ocupada por seu território, o

tamanho de sua população e a abundância de recursos naturais. Quanto maiores forem estes fatores, mais lenta será a evolução nacional. Somos, portanto, ainda muito jovens; dispomos de tempo de sobra para amadurecer. (BERT JÚNIOR, 2022, p.12-13)

Entre luzes, sombras, penumbra, névoa ou escuridão – vocábulos que nomeiam (propositalmente!) o título do presente trabalho científico –, o Brasil da Proclamação da Independência parece continuar ainda pendente, pendular e dependente em vários aspectos, isto é, na “corda-bamba”, “pisando em ovos”, apesar dos muitos avanços, das potencialidades e das possibilidades existentes. Recuos, hiatos, limitações, desafios e perspectivas também fazem parte do processo de desenvolvimento e progresso científico-tecnológico de uma Nação.

Quicá que o Brasil de “Brasis” (ORTENCIO, 2004), o Brasil retratado em verde, amarelo, azul e branco (cores da Bandeira Nacional Brasileira), e também em demais cores (espectro/calidoscópico cultural da sociedade brasileira), possa, num futuro (bastante) próximo, se tornar real e verdadeiramente um País *independente*.

Que após 200 anos de Proclamação da Independência do Brasil e 10 décadas da “Semana de 22” seja possível viver dias melhores em todos os sentidos, tendo governos e governantes mais atentos e preocupados em minimizar ou resolver as reais pendências e dependências da sociedade brasileira, contribuindo, assim, na construção de uma cultura de paz, equilíbrio, harmonia, prosperidade, igualdade, liberdade, fraternidade, justiça social, democracia e autonomia para as gerações vindouras, para a “Nova Era” que se descortina. E ainda: Que ao final dos próximos 300 anos de Independência do Brasil e do II Centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 todos(as) os(as) compatriotas tenham motivos mil para parabenizar a Nação brasileira e comemorar com júbilo e em grande estilo festivo o *Dia 07 de Setembro*.

É o que sinceramente almejamos!

Por ora, apesar das lacunas existenciais, brademos com entusiasmo: *Salve, salve o Brasil!!! Viva, viva a Proclamação da Independência do Brasil!!! Salve, viva o II Centenário de Independência do Brasil!!! Viva o Brasil emancipado!!! Salve o Brasil descolonizado!!! Viva a liberdade!!! Viva, salve D. Pedro I!!! Axé à “Semana de 22”!!!*

Portanto: “*Ordem e Progresso*”! – hoje, amanhã e sempre. A História é construída socioculturalmente e de maneira não linear por homens, mulheres e acontecimentos sociais reais/concretos/existenciais ao longo de cada período temporal histórico (anos, décadas, séculos e milênios) e de cada geração histórica.

Espera-se, contudo, que este artigo acadêmico-científico, mesmo em sua brevidade e singeleza textual teórica e crítico-reflexiva, possa contribuir de modo efetivo, eficaz e eficiente para o entendimento e a compreensão das assertivas e dos argumentos aqui apresentados acerca do Brasil histórico de ontem, de hoje e de amanhã; enfim.

Referências

BERT JÚNIOR. 200. In: **Revista Conexão Literatura**. São Paulo: Editora CN, n.87, p.10-13, set./2022.

- BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Diário Oficial da União, de 05/10/1988.
- _____. **Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União, de 23/12/1996.
- CAMARGOS, M. A **“Semana de 22” foi um grito contra a arte esclerosada da época**. Disponível em: <https://agendatarsila.com.br/entrevistas/a-semana-de-22-foi-um-grito-contra-a-arte-esclerosada-da-epoca-diz-a-historiadora-marcia-camargos>. Publicado em: 13/02/2022. Acesso em: 29/08/2022.
- CERTEAU, M. **A cultura no plural**. 2.ed. Campinas: Papirus, 2001. (Coleção Travessia do Século).
- COSTA, E. V. **Da monarquia à república: momentos decisivos**. São Paulo: Grijalbo, 1977.
- COTRIM, G. V. **Direito e legislação: introdução ao Direito**. 19.ed. São Paulo: Saraiva, 1996.
- DEL PICCHIA, M. **A longa marcha: da Revolução Modernista à Revolução de 30**. São Paulo: Editora Martins/Consulado Estadual de Cultura, 1972.
- DOMINGUES, J. E.; FIUSA, L. P. L. **História: o Brasil em foco**. 2.grau. São Paulo: FTD, 1996.
- MATTOS, T. S. **Contando e recontando a história do Brasil**. Apucarana: Edição do Autor, 2019.
- ORTENCIO, B. **Cartilha do folclore brasileiro**. 2.ed. Goiânia: Editora da UFG, 2004.
- OSINSKI, D. R. B. **Arte, história e ensino: uma trajetória**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Questões da Nossa Época – v.79).
- PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** 9.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1988.
- PILETTI, N. **História da educação no Brasil**. São Paulo: Ática, 1990.
- PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- REZENDE, N. **A Semana de Arte Moderna**. São Paulo: Ática, 1993. (Série Princípios – v.226).
- SANTOS, M. P. (Re)adequando o projeto político-pedagógico escolar ao contexto da educação remota em tempos de (pós) pandemia de COVID-19: pensares-fazer urgentes e emergentes no “novo normal”. In: **Anais da XVIII Jornada Científica dos Campos Gerais: discutindo o novo normal em tempos de pandemia**. Ponta Grossa: Editora da IESSA, v.18, n.1, p.1-4, out./2020. Disponível em: <https://www.iessa.edu.br/revista/index.php/jornada/issue/view/15>. Publicado em: 24/02/2021. Acesso em: 26/11/2022.
- SCHNEEBERGER, C. A. **Minimanual compacto de história do Brasil: teoria e prática**. São Paulo: Rideel, 2003.
- SOARES, C.; FERRARI, L. “Ainda não se acostumaram ao novo normal?": uma análise funcional-cognitiva da construção “novo normal”. In: **Revista Letras Escreve**. Macapá: Editora da UNIFAP, v.11, n.1, p.155-168, jan./jun., 2021.
- UZUNIAN, A. Coronavírus SARS-CoV-2 e Covid-19. In: **Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Patologia Clínica/Medicina Laboratorial, n.56, p.1-4, set./2020.

ENTREVISTA COM CARLA DI MANCUSO



Carla Di Mancuso

A paulistana Carla Di Mancuso acalenta o sonho de ser escritora desde menina. Graduiu-se em jornalismo, trabalhou em assessoria de imprensa e embora escrevesse textos jornalísticos, o seu desejo de criar e contar histórias continuava latente. Em meados de 2019, iniciou o curso de escrita criativa com o escritor Ricardo Souza e a partir daí entrou para o mundo literário. Participou de antologias, recebeu certificados por diversos trabalhos e tornou-se membro de duas academias: a Academia Intercontinental Sênior de Literatura e Arte e a Academia Independente de Letras. “Falhou o Som” é o seu primeiro livro físico solo.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Carla Di Mancuso: Em meados de 2019, iniciei em cursos de escrita criativa, construção de personagens, mas foram nas oficinas literárias, compartilhando textos e conhecimento com outros escritores, que criei uma conexão, fiz amigos e me senti inclusa no meio literário, então comecei a participar de concursos e antologias.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Falhou o Som". Poderia comentar?**

Carla Di Mancuso: “Falhou o Som” foi escrito durante o confinamento da Covid 19. É uma coletânea de poesias, contos e crônicas. Alguns textos retratam de forma literária o que passamos durante essa época. Outros são deliberações emotivas que habitam a alma do ser humano e em especial as mulheres. É a minha voz, a voz de uma mulher expressando sentimento em relação ao mundo e os sofrimentos que nós vivenciamos.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Carla Di Mancuso: São textos escritos durante o confinamento, foram quase três anos para conclusão, calculando todo o processo. Com relação às pesquisas, alguns textos demandam, outros não. A pesquisa é sempre bem-vinda, pois enriquece o conteúdo e eu utilizo essa ferramenta quando o processo de criação exige, por exemplo no conto “A Maldição do Faraó”. Mas já aconteceu de eu acordar com uma ideia pronta na cabeça. Foi o caso da poesia “O Poço”. Assim que acordei, peguei o celular e gravei, para não esquecer.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Carla Di Mancuso: Eu gosto da poesia “Alma Borboleta” que retrata um sentimento presente, principalmente, na vida das mulheres.

A sensação de ter alguém “deitado” na sua asa, impedindo o seu voo.

Um trecho dele:

“Não interrompa a minha fala,
Não antecipe meu pensamento,

Não deduza as minhas palavras,
Não me explique o que já sei.”

Isso explica o “falhar o som” na vida das mulheres. É o que leva o nome de “manterrupting”, “mansplaining”, “bropropriating” e o “gaslighting”.

Ou seja a interrupção, a explicação desnecessária, a apropriação das ideias e a dúvida em relação ao raciocínio feminino.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Carla Di Mancuso: Quem se interessar pelo livro, pode entrar em contato comigo pelo direct no meu Instagram [@carladimancuso](#) ou o do livro [@falhouosom](#).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Carla Di Mancuso: Tenho alguns projetos em andamento. Estou terminando de escrever um romance policial e tenho vários contos escritos que pretendo montar em outras coletâneas.



Perguntas rápidas:

Um livro: “Pequena Coreografia do Adeus”

Um (a) autor (a): Aline Bei – mulher, talentosa e escritora da atualidade.

Um ator ou atriz: Adriana Esteves.

Um filme: “Medida Provisória” de Lázaro Ramos e “A Mulher Rei”, com a atriz Viola Davis. Desvendam realidades chocantes.

Um dia especial: Hoje. Existem fatos incríveis no meu passado,

mas eu quero ter foco no agora.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Carla Di Mancuso: Quero agradecer à Conexão Literatura pela oportunidade e convidar a todos os seus leitores para conhecer o meu trabalho. “Falhou o Som” é um livro para ler e reler, buscando em cada palavra um novo sentido, uma nova maneira de ouvir as pessoas. O som que se ouve de alguém todos os dias, pode não estar alcançando o seu coração. Precisamos ouvir o outro, com os ouvidos aguçados e sem julgamentos.

ENTREVISTA COM ANNA OLIVEIRA



Anna Oliveira

Anna Oliveira nasceu em Fortaleza (CE). É autora com dois livros publicados, MEU MINEIRO AMOR E OUTROS CONTOS voltado para jovens e adultos e o livro infantil O CANTO DA SERRA voltado para o público infantil. Pretende continuar espalhando suas palavras para quem quiser ler.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Anna Oliveira: O meu início no meio literário foi com o livro MEU MINEIRO AMOR E OUTROS CONTOS o qual será reeditado em breve. O CANTO DA SERRA é meu segundo livro e o primeiro infantil. Me reconhecer como escritora foi um ato de coragem e fé. Eu não sabia como meus escritos seriam recebidos, mas sabia que era um dos meus maiores sonhos e tudo feito com amor rende bons frutos e no meu caso, boas histórias. Os meus amigos e conhecidos valorizaram meu primeiro livro adquirindo e isso me motivou a seguir em frente. A verdade é que eu escrevo desde criança, mas demorei para perceber a realidade de minhas histórias merecerem voar para quem quisesse ler. O meu pai me deu uma caixa de gibis quando eu era pequena e nesse dia nasceu uma leitora, pouco tempo depois nasceu uma escritora mirim secreta que guardava suas ideias e fantasias em um caderno, uma professora muito querida reconheceu meu talento e muitos anos depois minhas filhas me motivaram a espalhar minhas palavras por aí.

Conexão Literatura: Você é autora do livro " O Canto da Serra", com ilustrações de Hidarui Mei. Poderia comentar?

Anna Oliveira: O CANTO DA SERRA é um livro infantil com visão ambientalista. Ideal para as crianças perceberem o fato de fazerem parte da natureza e poderem participar ativamente na preservação ambiental. O livro deixa a mensagem de toda pequena ação positiva ter importância e poder evoluir para um propósito. A obra foi publicada pela editora Ases da Literatura e escolheram o ilustrador Hidarui Mei, eu senti uma grande conexão com as imagens desenhadas na minha imaginação e os desenhos feitos por ele. A história parte da ideia de a natureza clamar pela própria existência e a serra canta por atenção, por ajuda, pelo direito da vida e se a serra canta nós precisamos seguir o canto. É ideal para crianças a partir de quatro anos. Os adultos os quais tiveram contato com o livro também me devolveram um feedback positivo e isso me leva a crer na possibilidade dos pais também se divertirem lendo junto com as crianças.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Anna Oliveira: O meu processo de criação é bem livre, permito que minha mente voe e meus personagens tenham vida própria. As minhas inspirações são a natureza, minha família, as crianças e amigos. Tudo que me inspira tem valor imenso sem ter preço. A animação e alegria das crianças me faz crer no presente, acreditar nas flores de hoje, ter a certeza de que os espinhos da sociedade podem ser arrancados. Eu escrevo para os leitores melhorarem o dia de hoje e terem a certeza de um amanhã brilhante ser construído brilhando.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Anna Oliveira: “Guiada por um canto hipnótico, Sara foi subindo a serra, ouvindo uma melodia tão doce que a encantava. Seus cabelos negros se movimentavam e seus olhos verdes confundiam-se com a vegetação.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Anna Oliveira: O livro está disponível na Amazon, Lojas Americanas, Submarino, Estante Virtual e outras plataformas digitais. O CANTO DA SERRA também está disponível em países do exterior através da Amazon. Eu dei diversas entrevistas as quais podem ser encontradas na internet. “O canto da serra” foi exposto no jornal O POVO, recomendado com outros livros infantis pela Revista CARAS na plataforma do UOL, fui entrevistada pelo jornal Tribuna do Recôncavo, TV Câmera de Campinas e TV Ceará. O livro infantil também foi exposto em outros sites e rádios.

Para adquirir o livro no Brasil:

<https://amzn.to/3KIVEbF>

https://www.americanas.com.br/produto/4837970201?pfm_carac=o-canto-da-serra&pfm_page=search&pfm_pos=grid&pfm_type=search_page&offerId=623e086387c00289c261a0f2

https://www.submarino.com.br/produto/4837970201?pfm_carac=o-canto-da-serra&pfm_index=1&pfm_page=search&pfm_pos=grid&pfm_type=search_page

https://www.shoptime.com.br/produto/4837970201?pfm_carac=o-canto-da-serra&pfm_page=search&pfm_pos=grid&pfm_type=search_page

https://www.estantevirtual.com.br/umlivro/oliveira-anna-o-canto-da-serra-3158740626?show_suggestion=0

No exterior:

Portugal, Espanha <https://www.amazon.es/dp/6589952949>

Estados Unidos <https://www.amazon.com/dp/6589952949>

Canadá <https://www.amazon.ca/dp/6589952949>

Reino Unido <https://www.amazon.co.uk/dp/6589952949>

França <https://www.amazon.fr/dp/6589952949>

Alemanha <https://www.amazon.de/dp/6589952949>

Itália <https://www.amazon.it/dp/6589952949>

Austrália <https://www.amazon.com.au/dp/6589952949>

Japão <https://www.amazon.co.jp/dp/6589952949>

Países baixos <https://www.amazon.nl/dp/6589952949>

Conexão Literatura: O que tem lido ultimamente?

Anna Oliveira: Ultimamente tenho lido O PODER ULTRAJOVEM de Carlos Drummond de Andrade. Eu considero que a idade é apenas um número e a juventude é uma escolha. Eu escolho todos os dias ser jovem, manter minha postura de aprendiz e esbanjar animação. O Drummond é uma inspiração para mim porque ele existiu jovem até o fim.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Anna Oliveira: Sim! Eu estou escrevendo um romance o qual ainda não posso revelar o título. Só posso dizer o fato de muitas vezes as barreiras internas serem maiores que as externas.

Perguntas rápidas:

Um livro: Ana Terra - Érico Veríssimo

Um ator ou atriz: Bruna Marquezine

Um filme: O tempo e o vento

Um hobby: Caminhar ao ar livre

Um dia especial: O dia no qual minha filha mais velha se formou

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Anna Oliveira: Eu desejo dizer para todos continuarem acreditando. Cada atitude e ação importa, cada palavra se marca de alguma forma. A leitura transforma e expande. Leiam mais e ousem ser mais. Criem as crianças na arte de ler e colham os frutos que boas palavras geram.



LEIA PARA UMA CRIANÇA



Apoio

www.revistaconexaoliteratura.com.br

ENTREVISTA COM EDSON CORRÊA



Edson Corrêa

Nasceu no dia 04 de outubro de 1962, em Votorantim/SP. Profissionalmente se especializou como Técnico Mecânico, na manufatura e após, na área administrativa. Estudou Teologia pela Arquidiocese de Sorocaba, com 50 anos se formou como Gestor Público pela Faculdade Anhanguera. Na década de 1980, escreveu diversas peças de teatro, atuando e dirigindo. Em 2016, se formou radialista pelo SENAC participando como entrevistador do Programa da Rádio Nova Tropical FM – Comunidade em Destaque, do qual foi reconhecido e homenageado na Câmara Municipal da cidade.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Edson Corrêa: Desde a infância participei da comunidade religiosa católica de Votorantim/SP. Na juventude era membro do grupo de jovens, onde, em nossa comunidade implantamos um informativo mensal, “Olho Vivo”, registrávamos os trabalhos executados no mês, programação futura, reflexões sobre diversos temas oriundos à relação social, sendo religiosa ou não e, também, ficava sobre minha responsabilidade de fazer entrevistas com autoridades religiosas de nossa Arquidiocese. Tínhamos um grupo de teatro e todas as peças teatrais foram de minha autoria, levando a me inscrever na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, em 10 de setembro de 1985. Em concursos promovidos pela Arquidiocese de Sorocaba fui premiado nas três categorias: autor, ator e direção, em momentos distintos.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "CoPoPe - Contos, Poemas e Pensamentos Vol 2". Poderia comentar?

Edson Corrêa: Nesta obra relembro fatos vividos ou contados, estes nos levam a rir, refletir e sonhar. Neste segundo livro continuo expor, também, alguns poemas que são reflexões de minha vida, a maneira pela qual compreendo os momentos vivenciados. O livro é composto por 27 contos, 11 poemas e 2 pensamentos. Os contos e poemas, são curtos, sempre apresentando os motivos de tê-los escritos e que possam ser lidos rapidamente.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

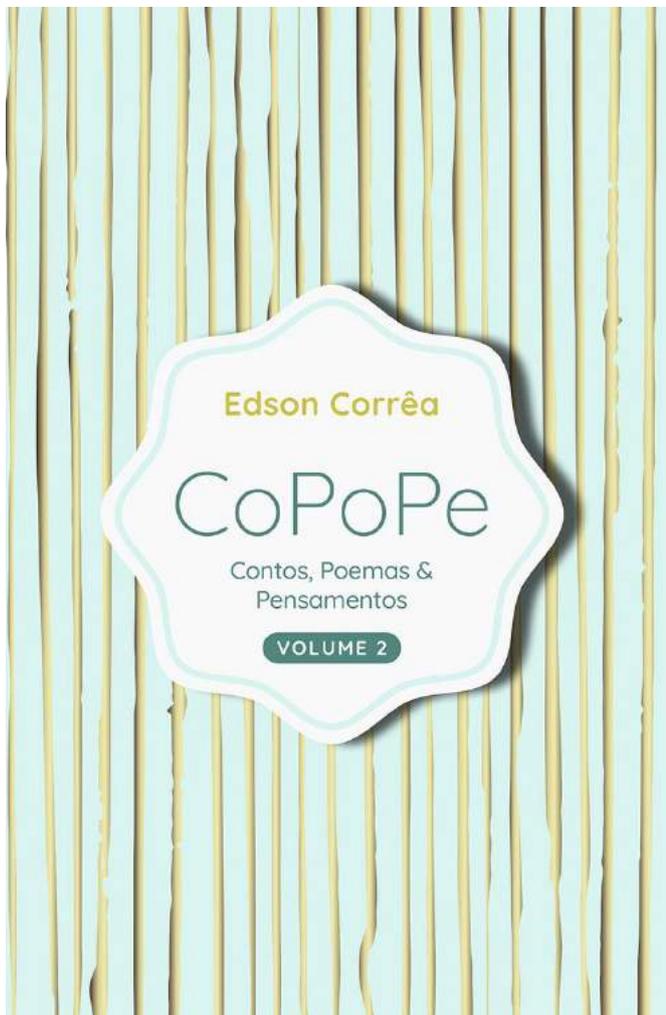
Edson Corrêa: Desde fevereiro de 2019 assumi o desafio de escrever um livro, já tinha alguns contos e poesias escritos, sempre observando o que vivi e ouvi, apenas fortaleci a intenção e, como muitos, na pandemia, este trabalho foi uma válvula de escape emocional. Em 2021 lancei meu primeiro livro, neste segundo volume há o complemento e continuo desenvolvendo e produzindo novos contos e novos poemas

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Edson Corrêa: Destaco o início do meu livro com o texto “Meu jardim”, onde faço uma analogia entre um jardim e a vida – *“Mas, tristemente, perquiro também que uma grande responsabilidade de plantas indesejadas e dominadoras, imprudentemente, foi eu que as semeei, ingerindo sua ação. O alastramento delas, preponderou sobre o horto, transparecendo àqueles que por ele passa, que o meu espaço, pode ser tudo, menos, o meu jardim.”*

Há também um poema, Pai, onde agradeço por ter convivido com um homem que me educou e ensinou a amá-lo por suas ações, pode ser apreciado no Youtube: <https://youtu.be/46Cu7njU9A0>.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?



Edson Corrêa: Meu Instagram é @edsonvotorantim e o livro está sendo oferecido nas lojas virtuais conforme os links:

https://www.amazon.com.br/dp/6584787117?ref=myi_title_dp

<https://www.submarino.com.br/produto/6320828114?sellerId=25403659000110>

<https://www.shoptime.com.br/produto/6320828114?sellerId=25403659000110>

<https://www.americanas.com.br/produto/6320828114?sellerId=25403659000110>

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Edson Corrêa: Sim, não há um prazo determinado para lançamento, mas teremos o CoPoPe – Contos, Poemas e Pensamentos Volume 3 e, estou escrevendo meu primeiro romance, intitulado: “A dois”

Perguntas rápidas:

Um livro: Cem dias entre céu e mar – Amyr Klink

Um (a) autor (a): Augusto Cury

Um ator ou atriz: Tony Ramos

Um filme: Titanic

Um dia especial: O nascimento de meus filhos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Edson Corrêa: Só há uma maneira de elogiarmos um autor e sua obra, é adquirindo e lendo-a.

ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA



A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

PARA SABER MAIS
CLUBE DE AUTORES - UICLAP
AMAZON

ENTREVISTA

COM ELISABETH SENE-COSTA



Elisabeth Sene-Costa

A vida e a carreira da cantora paulista Maricenne Costa estão biografadas em *Maricenne Costa – A cantora de voz colorida* (editora Álbum de Família), que está sendo lançado. De autoria de Elisabeth Sene-Costa, irmã de Maricenne, e da jornalista Laís Vitale de Castro, o livro chega ao mercado com um apanhado das realizações dessa intérprete, que fez parte do auge da bossa nova paulista e representou a música brasileira em Portugal e nos Estados Unidos nos anos 1960.

Maricenne é de Cruzeiro (SP) e tem carreira pautada pela diversidade. Começou nos anos 1950 e recebeu o prêmio 'A Voz de Ouro ABC', um dos mais importantes da época. Viajou para os Estados Unidos para cantar, e foi citada na prestigiada revista *DownBeat*. Teve na platéia, 'vips' como Tony Bennet e Judy Garland. Foi a primeira cantora a registrar em disco uma música de Chico Buarque, a *Marcha para um Dia de Sol* (1964) e gravou com a banda punk *Inocentes*. Nos anos 70, fez teatro e trabalhou com Myriam Muniz e Ricardo Blat, por exemplo. Não se destaca apenas pela interpretação, mas também pela escolha do repertório. Há muito tempo realiza pesquisas musicais, em um trabalho pouco usual para cantores.

O livro se deve a um esforço da irmã caçula de Maricenne, a médica psiquiatra Elisabeth Sene-Costa, que, ao lado da jornalista Laís Vitale de Castro entrevistou músicos, jornalistas etc. Nesse papo, Elisabeth fala mais sobre a livro e diz que apesar de amar a música, chegou até a ter aulas, nunca quis ser profissional, "a ciência e a paixão pelos estudos médicos falaram mais alto".

Entrevista

Conexão Literatura - O que te fez parar e escrever a biografia de Maricenne Costa. Até que ponto é mais fácil ou mais difícil relatar sobre essa artista, sendo sua irmã?

Elisabeth – Quando pensei em publicar uma biografia de Maricenne contratei uma jornalista (Lais Vitale de Castro) para escrevê-la. Ao me entregar o rascunho achei que faltavam muitas histórias e que o livro deveria ser organizado de maneira diferente. Apesar de não ter tempo para me dedicar a uma revisão (sou médica e trabalho bastante), mas gosto muito de escrever, aos poucos, fui fazendo algumas modificações e inclusões que me deram muito prazer.

Conexão Literatura - Por que você escolheu usar essa frase de João Gilberto, 'A cantora de voz colorida', como título? Você também concorda com esse colorido da voz dela?

Elisabeth – O termo ‘colorido’ é uma metáfora utilizada pelo grande João Gilberto para evocar a beleza de um acorde, uma harmonia ou mesmo de uma voz. Quando ele mencionou à Maricenne que “sua voz também tem cores”, esse comentário lhe foi muito gratificante, com o qual concordei e achei que caberia bem como subtítulo.

Conexão Literatura - Maricenne teve carreira pautada pelo ecletismo, antes mesmo de surgir esse 'rótulo' na música brasileira. Começou na bossa mas chegou a cantar com banda punk nos anos 80. Você acha que essa busca dela por um som 'diferente' deve-se a quê?

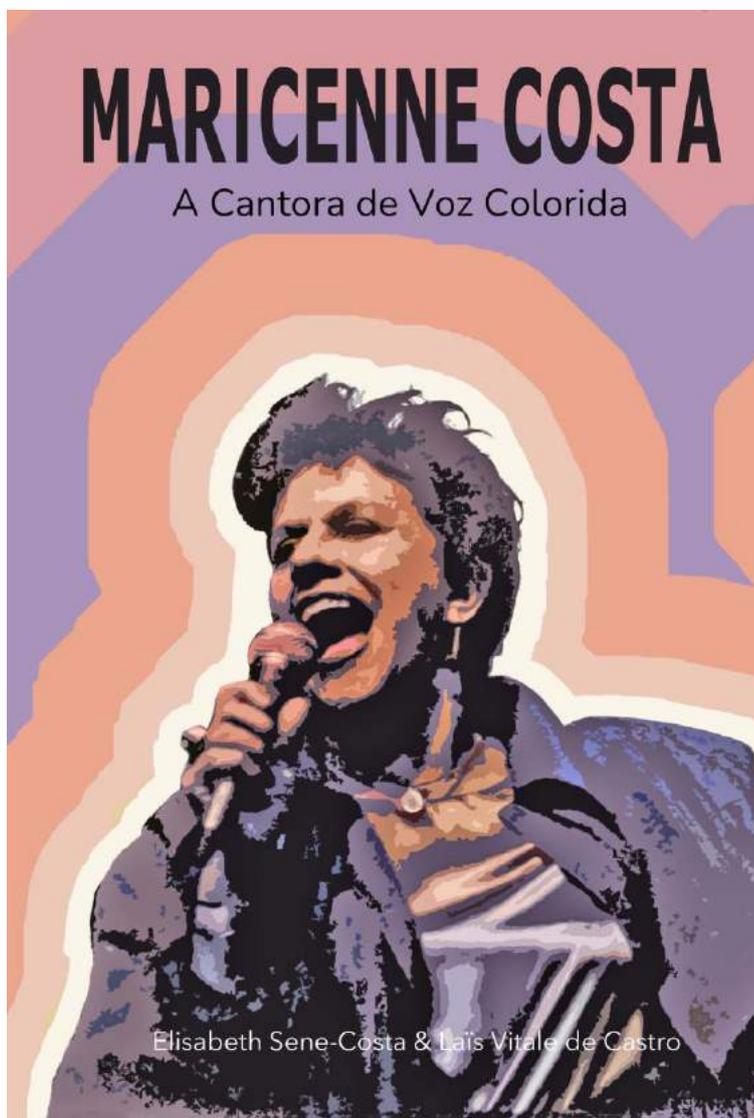
Elisabeth – Maricenne sempre foi muito criativa, intuitiva e inovadora. Nunca se prendeu ao conservadorismo e coisas repetitivas. Sempre gostou de fazer descobertas novas, originais, de percorrer caminhos ainda não trilhados. Esta sempre foi uma característica de sua personalidade.

Conexão Literatura - Ela foi convidada a se apresentar nos Estados Unidos, no começo da carreira, onde cantou para platéias de artistas como Tony Bennet e Judy Garland, por exemplo. Mesmo assim não quis ficar, resolveu voltar. Acredita que a carreira teria sido diferente lá fora?

Elisabeth – Na realidade, ela somente voltou para passar um pequeno tempo no Brasil, tipo ‘matar as saudades’. Já estava com o contrato assinado de quatro anos para gravar um LP e dois 45 RPM pela Verve-MGM – Metro Goldwin Meyer Inc., de Los Angeles. Não é claro o que realmente aconteceu, mas inesperadamente, o contrato se desfez. Isso a abalou muito emocionalmente porque, com certeza, sua carreira teria tomado um outro rumo, de sucesso internacional.

Conexão Literatura - Você contou com a parceria da jornalista e escritora Lais Vitale de Castro, como vocês dividiram o trabalho?

Elisabeth –Lais começou conversando com Maricenne e entrevistando pessoas relacionadas a ela. Eu reorganizei o livro incluindo outras entrevistas, novos capítulos, fotos, trajetória artística mais completa etc. Nesta parte tive a ajuda do meu editor, Edilson Rodrigues da Silva, que me sugeriu idéias, inclusive da capa.



Conexão Literatura - Teve alguém que você gostaria de ter o depoimento no livro mas não conseguiu? Se sim, cite alguns exemplos e por quê?

Elisabeth – Maricenne conheceu muitos artistas que foram seus amigos e, algumas vezes, se hospedaram em sua casa. Muitos deles se tornaram famosos e, até certo ponto, ‘inatingíveis’. Provavelmente se houvesse mais tempo, e eu tivesse uma equipe de auxiliares, teria sido mais fácil o acesso a eles.

Conexão Literatura - Sempre acusam o Brasil de não ter memória cultural. O que você acha dessa afirmação? Acha que faz falta mais livros relatando sobre esse período da música brasileira, tipo anos 50 e 60, por exemplo?

Elisabeth – Considero verdadeira a afirmação. Infelizmente inúmeros artistas, das décadas citadas, foram

renegados ao esquecimento. Sem sombra de dúvida, todos deveriam ter sua história contada em livros. Esta é uma das razões que me estimularam a escrever sobre Maricenne.

Conexão Literatura - Sendo sua irmã essa figura extremamente musical, e você tendo convivido com ela aquele período de formação, nunca pensou em ser cantora, também?

Elisabeth – Minha família sempre foi muito musical. Todos cantavam: meu pai, minha mãe, meus irmãos e eu. Quando adolescente alguns amigos tocavam violão e eu cantava com eles. Chegamos a fazer alguns ‘showzinhos’ em boates de Caraguatatuba e de São

Paulo, porém nunca pensei em ser cantora. Meu projeto profissional era ser médica psiquiatra e psicoterapeuta, mas a música continua sendo parte importante da minha vida.

Conexão Literatura - Gostaria de que você destacasse um disco ou mais de um de Maricenne Costa, que estão nas plataformas digitais, nos quais as pessoas pudessem escutar e conhecer mais sobre o trabalho dela.

Elisabeth – Vou citar quatro CDs:

“Correntes Alternadas” (1992). Destaque para as músicas “Muito Prazer”(Edvaldo Santana e Ademir Assunção), “Dor de dente” (Duda, do ‘Moleques de Rua’) e “Garotos do Subúrbio” (de Clemente, do grupo Inocentes)

“Como tem passado!!” (1999). Muito elogiado por se tratar de uma pesquisa solicitada por Maricenne ao importante crítico musical José Ramos Tinhorão, dos primeiros ritmos brasileiros: modinha, maxixe, marchinha carnavalesca, cançoneta, tango e outros.

“Movimento Circular” (2005). Destaque para as músicas “Íntima” e “Compromisso”, ambas de Moisés Santana e “Marcha para um dia de sol” (Chico Buarque). Maricenne foi a primeira cantora a gravar esta mesma música de Chico, em 1964.

“Bossa.SP” (2009). Neste CD Maricenne homenageia músicos paulistas ligados à bossa nova, dentre eles Théo de Barros (“Pra não ser mais tristeza” e “Menino das laranjas”), Adilson Godoy (“Dá-me”), Paulinho Nogueira (“Ouvi tua voz”) e outros.

Conexão Literatura - Você é médica psiquiatra, escreve livros relativos a sua profissão. Esse novo livro, a biografia de Maricenne Costa, vai em outra direção. Tem chances de virem outros semelhantes, com artistas?

Elisabeth – Acho difícil porque as pessoas, em geral, procuram escritores já conhecidos como biógrafos. No entanto, pretendo publicar alguns contos que ainda estão guardados na gaveta.

Conexão Literatura - Como o leitor interessado deve proceder para adquirir esse livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Elisabeth – O livro pode ser adquirido através do meu email elisabethsene@terra.com.br ou no portal UICLAP. Tenho um site (www.elisabethsene.com.br) que precisa ser atualizado, mas onde constam algumas informações a meu respeito.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Alquimia do Conhecimento – Reflexões sobre Histórias e Saberes Entrelaçados”, de Taunay Daniel. O livro que estou lendo agora e gostando muito.

Um (a) autor (a): Taunay Daniel

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: “Cinema Paradiso” de Giuseppe Tornatore (1988). Tenho um capítulo com este título no livro “Psicodrama, cinema e processos de subjetivação” (editora FiloCzar/2016)

Um dia especial: 03 de dezembro, dia em que Maricenne completará 87 anos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Elisabeth – Quero agradecer à Revista Conexão Literatura, a oportunidade de contar alguns por menores sobre o livro “Maricenne Costa – A cantora de voz colorida” que escrevi com muito carinho, em homenagem à minha querida irmã.



Serviço: Livro: Maricenne Costa - A cantora de voz colorida
Autoras: Elisabeth Sene-Costa e Laís Vitale de Castro - Editora Álbum de Família
Preço: R\$ 40,00 (edição PB) e R\$ 60,00 (edição colorida)
Onde comprar: elisabethsene@terra.com.br; ou www.loja.uiclap.com/livraria.

Ler acompanhado
é bom demais!



ENTREVISTA COM GEORGINA MARTINS



Georgina Martins

A escritora Georgina Martins está lançando o livro *Há muitas formas de se fazer macarrão – e outras brutalidades* (editora Patuá), no qual aborda a experiência de mulheres que sofrem, não com a violência física, mas a psicológica que se interpõe no cotidiano de um casal. É o primeiro romance adulto da Georgina que também é professora de literatura e acumula sucessos no universo infanto-juvenil. Detalhe, é que o livro fala diretamente à experiência de muitas mulheres porque tematiza a violência, pondo em cena a vida doméstica e sua dinâmica centrada numa sucessão de violências vividas por um casal que pouco a pouco vai revelando ao leitor um relacionamento doentio. Tudo acionado, não pela força física de um homem, mas pelas sutilezas de sua condição de intelectual que, devotado às artes e à gastronomia, por exemplo, impõe à convivência familiar uma rotina de obediência às suas demandas, às oscilações de humor e à suposta superioridade moral.

Georgina Martins é carioca, professora, escritora e colunista da Revista *Ciência Hoje*. Doutora em Literatura brasileira e Especialista em Teoria e Crítica da literatura infantil e juvenil. É autora de livros de sucessos na literatura infanto-juvenil como *O Menino que brincava de ser*, *Minha família é colorida*, *Uma maré de desejos* e *Em busca do mar*. Esse é o seu primeiro romance para adultos.

Entrevista

Conexão Literatura - É uma guinada sair do universo infantojuvenil e tratar desse dia-a-dia que muitas mulheres sofrem no casamento, mas não têm coragem de falar. Essa chave virou de repente em você, ou era coisa que já vinha elaborando?

Georgina - Na verdade sempre pensei em escrever para todas as idades, então vinha elaborando esse texto já algum tempo. Acho muito importante tratar do tema do casamento, das relações abusivas, do machismo estrutural. Já tive retorno de muitas mulheres que sofreram coisas parecidas com as que a personagem do livro sofreu. A literatura é capaz de nos colocar no lugar do outro, de nos fazer sentir a dor do outro, de nos ensinar a ser solidários.

Conexão Literatura - Até que ponto foi fácil ou difícil abordar isso em um texto. No caso, usando de sua própria experiência, como você disse, já que sofreu esse tipo de violência psicológica em casa?

Georgina - Foi muito difícil escrever sobre isso, mas foi fundamental pra mim, uma espécie de catarse. Acredito que depois que tomamos coragem de compartilhar o que dói, a dor fica mais leve.

Também acredito que todo texto literário, em certa medida, é autobiográfico, pois os escritores, mesmo quando não deixam explícitos, falam de si mesmo, contam suas histórias. É uma forma de compartilhar nossas dores, nossas alegrias, nossas vidas.

Conexão Literatura - Você acha que esse comportamento masculino, que é condenado no livro, permanece ainda muito frequente no Brasil e no mundo? Se sim, qual a razão?

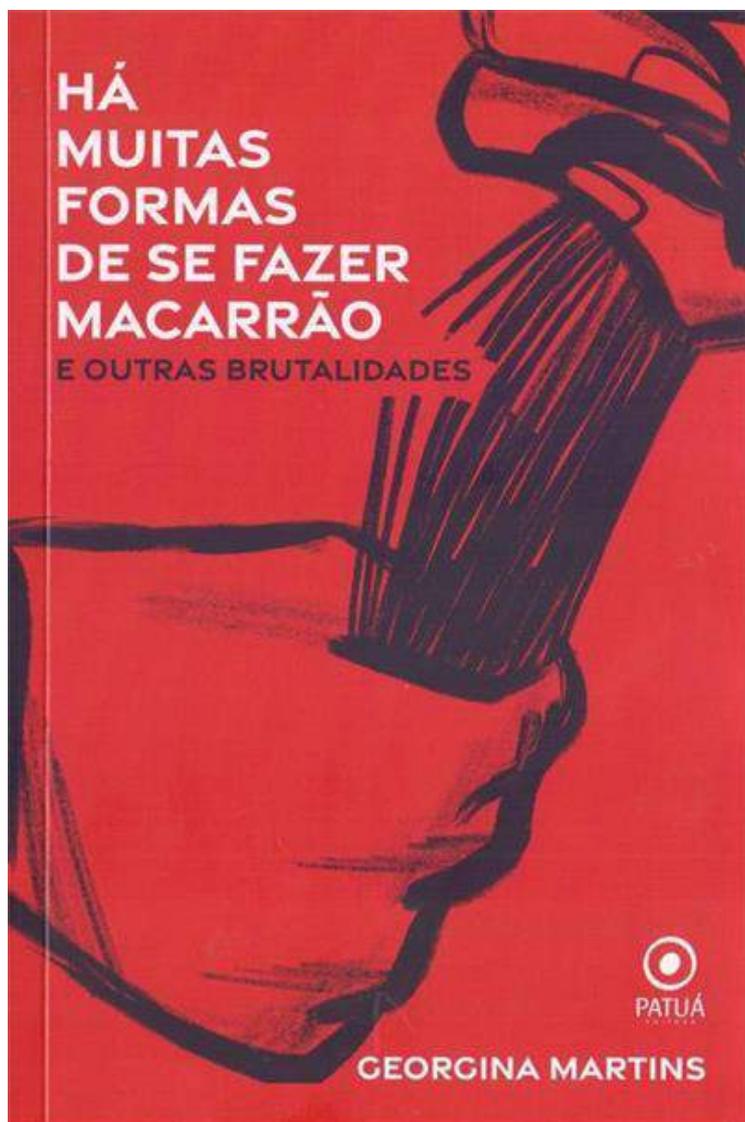
Georgina - Acho que sim por vários motivos: forma como alguns homens são criados, silenciamento do que incomoda, resistência e vergonha em procurar terapia ou até mesmo tratamento com antidepressivos, porque muitas vezes a questão também é química, fisiológica. Além disso, o machismo estrutural que envolve a competição com a mulher, a necessidade de dominá-la. São muitos os motivos.

Conexão Literatura - Você é uma professora e vem atuando muito bem nessa área. O que a fez tornar-se uma escritora? O que tem de fácil e de difícil?

Georgina - O que me fez ser escritora foram as histórias que minha mãe me contava, como contos de fadas e histórias da vida dela. Meu pai também era um grande contador de “causos” e cantigas da sua terra, como ele dizia: o Ceará. Ele me contava pedaços das histórias de Lampião e Maria Bonita, por exemplo. Com eles aprendi o valor da cultura, e olhe que eles não tiveram estudo. Meu pai fez até o que hoje é a 4ª série do Ensino Fundamental e minha mãe nunca estudou.

Quanto ao que tem de mais difícil na escrita, pra mim é achar o tom certo, a palavra exata, a frase exata, porque não é uma boa história que faz um bom livro, mas sim a forma como ela é contada. E o mais fácil é curtir o livro pronto.

Conexão Literatura - Você é uma autora que coleciona sucessos nessa área infanto-juvenil. Acha que mesmo com advento de computador, ainda há espaço para essa experiência de 'manusear' o livro?



Georgina - Sim, e acho que não vai acabar nunca. Manusear livros é muito bom. Para crianças, então, é fundamental o livro físico, pelo cheiro, pelas cores, pelas imagens e também pelo fato de que ele pode se transformar em brinquedo. O livro guarda a memória do passado, é a nossa imaginação concretizada. Nele podemos ler o mundo e com ele podemos atravessar os mais diferentes tempos e espaços. Com o livro impresso jamais corremos o risco de perder o que está dentro dele, como acontece com os e-books, com os computadores, celular. O livro em papel não vai acabar nunca.

Conexão Literatura - Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Georgina - Esse livro pode ser encontrado na Amazon e no site da editora Patuá (www.editorapatua.com.br). E quanto a conhecer meus trabalhos, nas minhas redes Instagram: [martins_georgina](https://www.instagram.com/martins_georgina) e no Facebook: Georgina Martins

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Georgina - Sim, tenho alguns, como três livros que estão nas editoras, todos infantis. Dois ainda saem esse ano.

Perguntas rápidas: (1 linhas)

Um livro: "Infância" do Graciliano Ramos

Um (a) autor (a): Graciliano Ramos

Um ator ou atriz: Dira Paes

Um filme: "Bibliothèque Pascal", é um filme de drama húngaro de 2009, dirigido e escrito por Szabolcs Hajdu. Trata da história de uma mãe jovem que teve a filha retirada dela porque ela não tinha trabalho fixo. Mistura realidade com contos de fadas. É muito bom, pena que não foi nada divulgado no Brasil.

Um dia especial: Foram tantos. Quando entrei por concurso em um Ginásio público, nos anos 1970; quando ingressei na faculdade pública, UFRJ; quando meus filhos nasceram...

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Georgina - Apenas agradecer a divulgação, as perguntas e desejar felicidades pra todos nós nessa nova era do Brasil que nos traz muitas esperanças.



Livro *Há muitas formas de se fazer macarrão – e outras brutalidades* (editora Patuá)
www.editorapatua.com.br - Preço: R\$ 40

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA
MAIS DE 200 MIL
LEITORES**

R\$ 150

Entre em contato:

e-mail: ademirpascale@gmail.com

revistaconexaoliteratura.com.br



ENTREVISTA COM MARCELO BRAMBILLA



Marcelo Brambilla

Nascido em Descalvado, no interior do Estado de São Paulo, é filho de Olympio Brambilla e Nide Scomparin Brambilla, sendo o caçula de três irmãos. Apaixonado pelos esportes, desde muito pequeno sonhava em ser piloto de motovelocidade. Dedicou-se ao basquetebol, até iniciar a carreira de Professor de Educação Física. Trabalha na Rede Estadual do Estado de São Paulo desde 1989 e na Rede Sesi-SP desde 2011. Foi Professor da Prefeitura Municipal de Descalvado de 1998 até 2011 e Assistente Técnico de Basquetebol do YMCA - Oak Park, IL em 1996. Adora as viagens de moto sem destino, em busca de novas paisagens, bons vinhos e aventuras.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Marcelo Brambilla: O ingresso no mundo da leitura foi através dos gibis de Maurício de Souza e Walt Disney, que despertaram a vontade de compreender o sentido das pequenas palavras que acompanhavam os desenhos, mesmo antes de ser alfabetizado. Assim, a minha irmã Ana Cláudia, com apenas 8 anos, me ensinou a ler as primeiras palavras. Desde então, a leitura sempre esteve presente em minha vida. A leitura acontecia principalmente nas biografias e não ficção. Mas, o desejo de escrever veio durante a pandemia. Impedido de realizar as tão aguardadas viagens de moto, surgiu a ideia de escrever um livro, inicialmente de forma despretensiosa. De repente a história ganhou proporções que extrapolaram o que caberia em apenas um livro. Surgiu então a trilogia, O Segredo de Spalla. Hoje aguardo ansiosamente pela chegada do terceiro, enquanto escrevo o quarto e desenvolvo os projetos para os próximos.

Conexão Literatura: Você é autor da trilogia "O segredo de Spalla". Poderia comentar?

Marcelo Brambilla: A trilogia, O Segredo de Spalla é uma obra que se enquadra no realismo mágico ou realismo fantástico. Os dois livros, O Segredo de Spalla e O Segredo de Spalla: o reencontro, já estão sendo vendidos pela Amazon e outras redes de vendas online, o terceiro, O Segredo de Spalla: revelações está quase chegando para venda. Eles trazem como uma de suas principais características a personalidade marcante e a força de seus personagens. A lenda é contada em um livro por Buhba, um autor premiado da República Democrática do Congo que tem a sua vida transformada após conhecer Tommy, um campeão da motovelocidade e Carol uma renomada maestrina que tem a música em sua alma, um dom divino. O casal vive várias encarnações ao longo dos séculos, tentando desvendar o segredo de uma imposição divina que lhes promove encontros terrenos e desencontros espirituais. Eles carregam as marcas do Toque de Deus em seus ombros, marcando o reencontro do casal no plano terreno, que é breve, mas envolto em uma paixão avassaladora. Procurados incansavelmente por organizações religiosas e governantes alucinados pelo poder, a verdade sobre grandes guerras e batalhas da história da humanidade é esclarecida. É uma história eletrizante, do começo ao fim, com personagens travando batalhas dentro e fora das pistas, com encarnações de espíritos maus, impulsionados pela inveja e cobiça aos poderes de Deus. Em meio às conquistas e derrotas, existe a busca incansável pela evolução espiritual e pela aproximação à Deus, onde os valores morais formam uma nova trindade baseada no respeito, honra e dignidade. A polêmica é criada quando organizações poderosas tentam se aproximar de Spalla para chegar até o verdadeiro Deus.

A lenda atravessa os séculos em romances e histórias marcantes que têm prendido aqueles que já se aventuraram em sua leitura.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir sua trilogia?

Marcelo Brambilla: Como sou professor em duas redes de ensino, o tempo para me dedicar aos livros se torna um pouco restrito. Mesmo assim, o tempo gasto para pesquisas e escrita de cada um dos livros foi muito intenso, me levando a uma viagem incrível por várias partes de todo o mundo. Isso certamente me trouxe uma motivação e um vício pela escrita. Foi gasto uma média de três meses para a escrita de cada um deles, além do tempo gasto para as revisões, diagramação e edição. No total, foram gastos dezoito meses para que os três livros estivessem prontos, lembrando que o terceiro está em fase final de edição. O terceiro livro já está em fase final de edição, chegando para o público provavelmente em janeiro.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em sua trilogia?

Marcelo Brambilla: A trilogia toda tem muitos momentos especiais, que exalam sentimentos, mexendo com as emoções, principalmente nas partidas e reencontros dos protagonistas. Assim, como as histórias de alguns personagens, que deveriam ser coadjuvantes, mas ganharam seus momentos de destaque. Em O Segredo de Spalla, o primeiro livro, tem vários pontos marcantes como a história da professora africana, a mãe

de Buhba, pois revela uma realidade triste e esperançosa ao mesmo tempo. O romance entre Tommy e Carol é uma história que vai prender os leitores. O Segredo de Spalla: O reencontro traz momentos marcantes do romance em algumas passagens pelo mundo terreno, desvendando a verdade sobre a Segunda Guerra Mundial e a Batalha de Little Bighorn. O terceiro livro traz as revelações do Segredo de Salla.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Marcelo Brambilla: Os livros estão à disposição para compra pela Amazon, tanto no livro físico e Kindle. Os livros foram lançados em 17 países (Brasil, Portugal, Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, França, Alemanha, Itália, Austrália, Japão e Países Baixos) por enquanto somente em português. Mas existe o projeto para ser lançado em espanhol e inglês.

O Segredo de Spalla 11nq.com/osegredodespalla1

O Segredo de Spalla: o reencontro 11nq.com/osegredodespalla2

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Marcelo Brambilla: A escrita, mais que uma necessidade, tornou-se uma urgência em minha vida. Logo teremos novidades. A trilogia, será estendida. Já estou com alguns capítulos escritos do quarto livro, e já existem mais alguns projetos em vista. Além da trilogia, tenho anotações e projetos para novas obras.

Perguntas rápidas:

Um livro: Vidas Secas

Um (a) autor (a): Jorge Amado

Um ator ou atriz: Glória Pires

Um filme: Pretty woman.

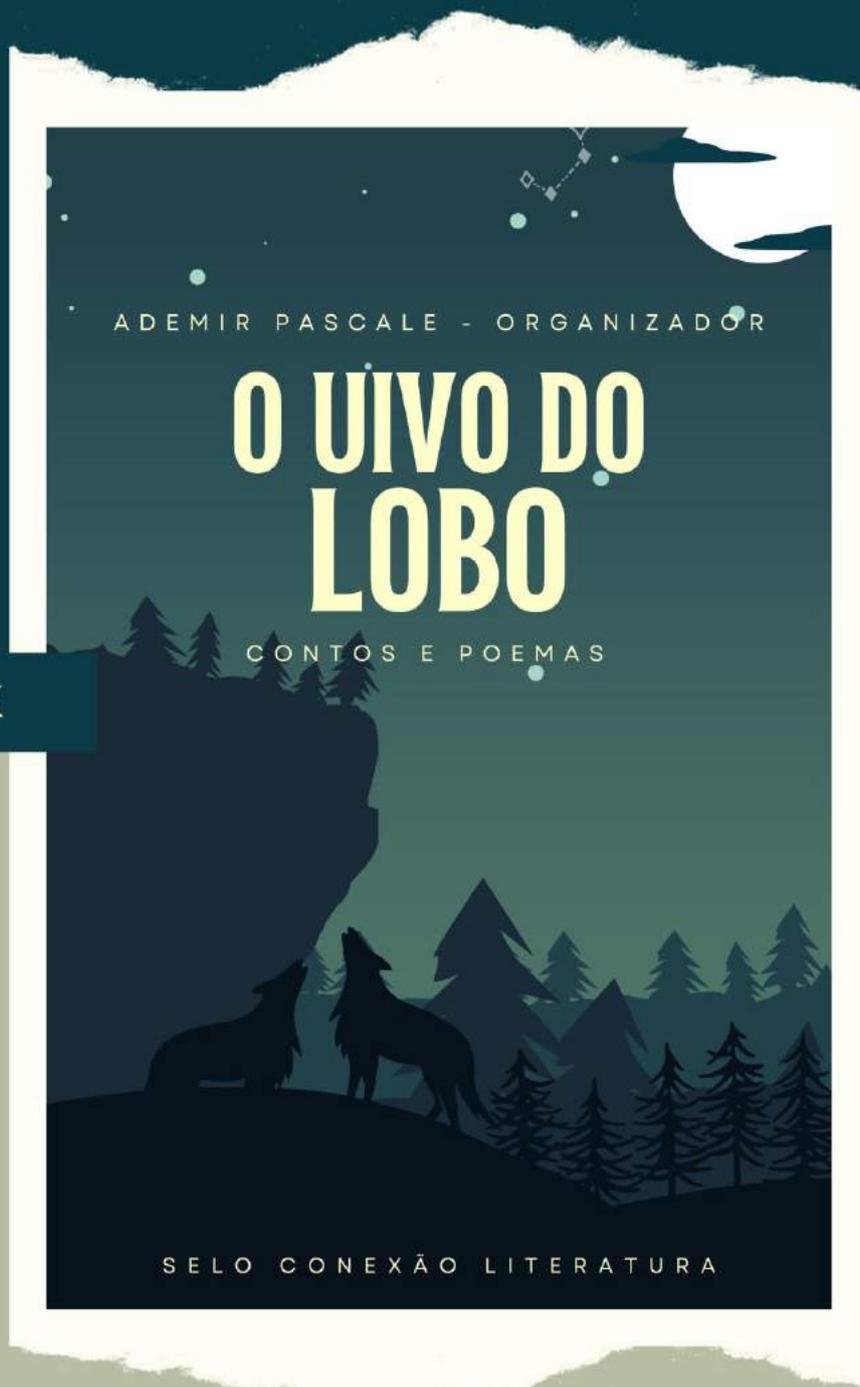
Um dia especial: Hoje

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Marcelo Brambilla: Gostaria muito de agradecer a oportunidade e a parceria com a Editora Ases da Literatura, de Portugal, que acreditou no meu sonho e no projeto, tornando realidade. O maior desejo, que impulsionou a minha escrita, é o incentivo à leitura. Achava fantástico a população em geral de Chicago lendo no metrô, nos ônibus e nos cafés. Assim como acho triste as livrarias e bibliotecas fechando muitas portas aqui no Brasil. É uma luta que não podemos e não vamos perder. Se os livros mudam o mundo, por que não escrevermos a nossa história?

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

O UIVO DO LOBO



E-BOOK

saiba mais: [clique aqui](#)

ENTREVISTA COM SARGON DA-RYAVUS



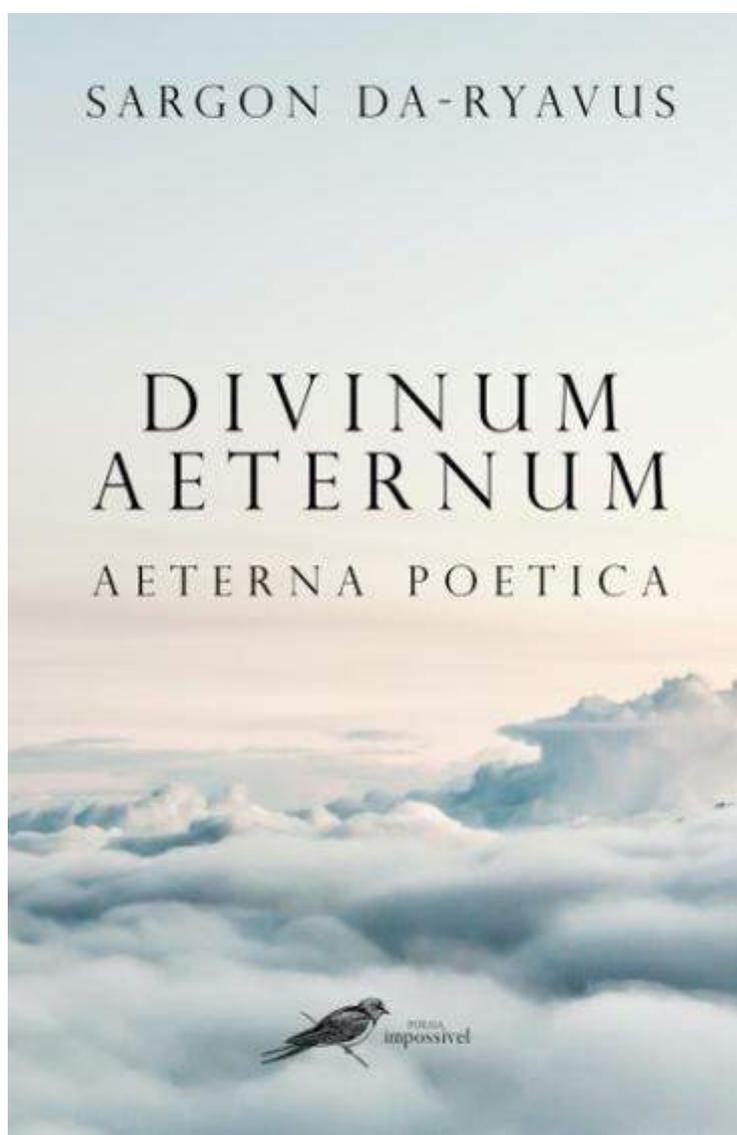
Sargon Da-Ryavus

Sargon Da-Ryavus é estudioso da psiquê humana. Acredita que o motor da vida é a imanência da fagulha divina, em cada ser - que preenchemos todos os Reinos da Natureza, e que, também assim, todos e tudo que formamos, juntos, o Grande Corpo-Espírito que simplesmente é o chamado Uno - o das filosofias e o dos pressentimentos. Reafirmando, também, o lembrado pelo Espírito Miramez, sabe que a romaria ascensional humana guarda, em seu âmago sempre por nós redescoberto, os saberes e sabedorias do caminhar humano em um fio-condutor que se firma no tripé evolutivo: instinto-razão-intuição - em crescentes de sentires e sentimentos que contemplan e coroam, como Rainhas, não só as ciências, como assim, também, as poesias.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Sargon Da-Ryavus: Desde cedo, em minha presente existência, encontrei-me envolvido em acontecimentos de difícil compreensão pelas vias exclusivamente racionais, e sob o ponto de vista dos conhecimentos empíricos, burocráticos e aceitos, como naturais pelo *establishment* das aceitações dos grupos sociais que sancionam os acontecimentos mundanos e humanos – familiares, sociais, religiosos, políticos etc. Na adolescência escrevia, como que transcrevendo, arrazoados poéticos de generosas profundidade e beleza, e que me surgiam de modo inesperado e tão deslumbrantemente bem-vindos.



Conexão Literatura: Você é autor do livro "*Divinum Aeternum - Aeterna Poetica*". Poderia comentar?

Sargon Da-Ryavus: Em verdade, tal livro – e assim poderia ser colocado e dito – é como uma volta e reviravoltas incessantes de regurgitações metafóricas e lingüísticas que partem, como origens de poesias, do ponto, em tentativas, sempre fracassadas, mas sempre ressurgentes, de abarcar-se o Todo. Boff já havia dito que todo ponto de vista é a vista de um ponto; e assim como disse, eu mesmo, certa feita, que: se noventa e dois elementos constroem um universo inteiro, então, que o alfabeto todo também poderia fazê-lo. *Divinum aeternum – aeterna poetica* é como todos, e cada um dia a dia, despercebido, este, e aparentemente imprecisos, todos aqueles, mas que guardam e resguardam, todos, e em si mesmos, a eternidade esfacelada, mas que sempre estará em nós reunida.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Sargon Da-Ryavus: Minhas pesquisas sempre foram os meus olhos cerrados, às noites, e aos sons de músicas sublimes – como as de Wagner, Philip Glass e David Gilmore (Pink Floyd) – perscrutando os infindáveis infindos dentro do Ser que faz confundirem-se o fora e o dentro. Busco pérolas e gemas preciosas no âmago do que sempre e apenas ascende. Claro que, pragmaticamente, em tal, e para tal intento, possuo formações acadêmicas formais, e informais também, como as em administração, direito, filosofia, história, sociologia, psicologia etc. Ou seja, para o bom poetar, nada como a boa experiência terrena associada à boa vontade do Espírito. Geralmente, tenho escrito um livro a cada quatro meses.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Sargon Da-Ryavus: Em verdade, não faço distinções, pois sou levado (pelas vaidades?) a considerar meus livros como partes de uma Obra só, e também assim contemplando este todo a que me refiro e que se mira, se almeja e se sente. Mas vou, sim, agora, destacar um trecho, como segue:

Posso reformular toda a vida em minhas imaginações jamais traídas
 E, se posso conceber uma perfeição maior do que aquela que queiram
 Então posso também pensar que muito mais, a vida, assim o faria
 Pois quem, melhor que ela, esse tudo, desse todo, imaginaria?

Garimpo palavras em corredeiras da vida, e tudo flui neste *Panta Rhei* que deságua em mim
 Sou caçador de esmeraldas do sem fim, e adentro interiores cobiçando a sua conquista
 Nada termina aqui, mas rimo, o vir a ser, comigo e, em poesias, cobiço-me

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Sargon Da-Ryavus: Bem, o livro pode ser adquirido através de e-mails: da editora Chiado (comercial@chiadobooks.com) e do e-mail que uso (marcelo.gomes.jorge.feres@gmail.com). Sobre mim, adoraria falar, respondendo a contatos por e-mail e/ou por outros meios.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Sargon Da-Ryavus: Sempre os tenho. No ano que vem, 2023, devo lançar três livros: um já está concluído, outro eu o concluo no mês que vem, e o terceiro devo iniciá-lo em janeiro e terminá-lo em maio/junho de 2023. O que me move são meus escritos. Representam os mundos que conquisto. Sou aventureiro peregrino.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec

Um (a) autor (a): Hermínio Correa de Miranda

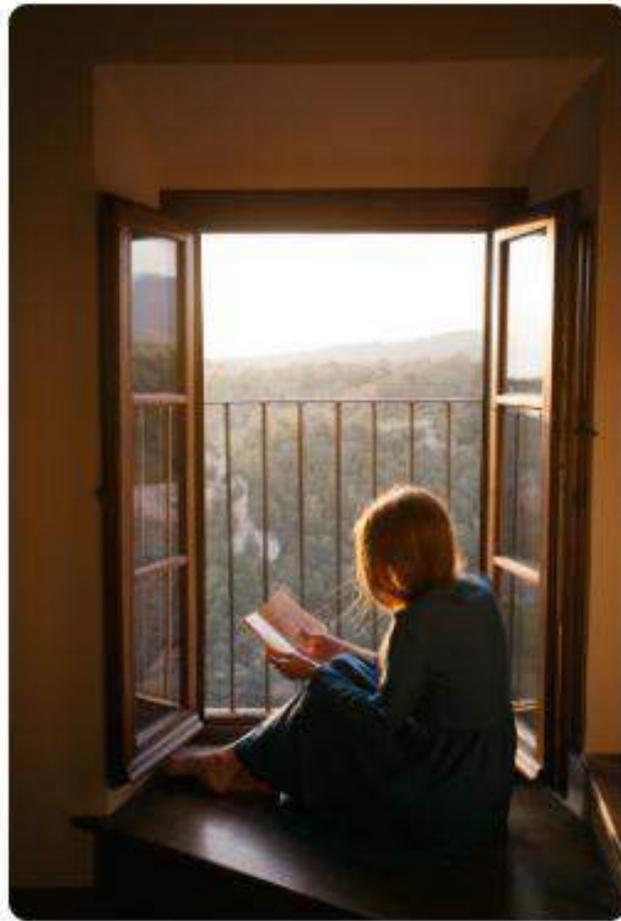
Um ator ou atriz: Nicole Kidman

Um filme: O Labirinto do Fauno

Um dia especial: Claro, todo dia!

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Sargon Da-Ryavus: Sim. A vida, esta que temporariamente vivemos, em esta nossa presente existência, é oportunidade valiosa para separarmos as coisas, e ainda o joio do trigo, ou seja, quero dizer apenas que devemos sempre buscar aquilo que nos faz crescer no único lugar em que realmente nos sentimos: em nosso próprio dentro! E dentro de cada, e todo um, que somos, e eis-nos aqui e agora, e justo também aí-aqui os enigmas e segredos que se enfileiram em espera, na paciência dos milênios, que então batamos às portas de nós mesmos, e que, e assim e finalmente, todas elas que se nos abrirão, e tão apenas convidativas, e felizes e sorrindo.



ENTREVISTA

COM MARIA CONCEIÇÃO LUSTOSA



Maria Conceição Lustosa

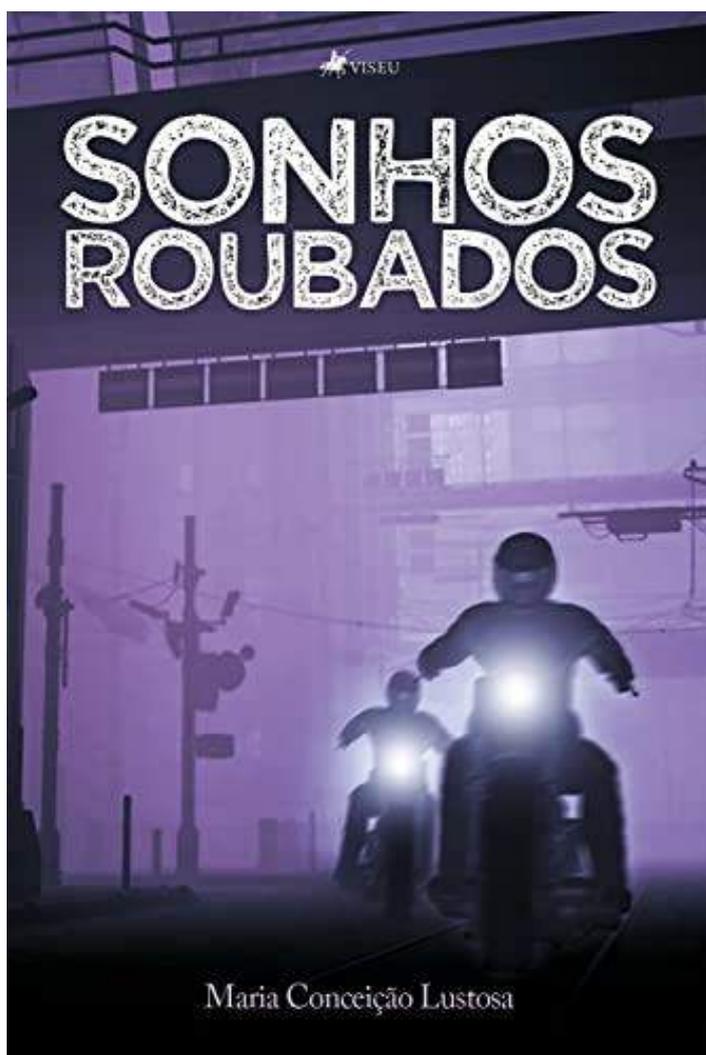
Sinopse de "Sonhos roubados", de Maria Conceição Lustosa

Um romance cheio de mistérios, aventuras e boas risadas. Sonhos possíveis e impossíveis, fatos e imaginações. Sonhos roubados narra a audácia de uma adolescente inconsequente que envolve toda a sua família e amigos numa grande investigação, a partir do momento em que perde o grande amor de sua vida e é acusada desse assassinato. Uma boa leitura é quando o impossível se torna possível e não há necessidade de ser verdade para ser escrito. Vamos descobrir que pode haver, sim, um romance no qual o casal consegue ficar juntos durante toda a história sem perder o brilho. A realidade já vivemos no nosso dia a dia, por que não podemos delirar um pouquinho?

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Maria Conceição Lustosa: Esse é meu primeiro livro que foi escrito em cima de histórias que aconteciam a minha volta nos anos 80. Como nunca houve oportunidade de publicação eu só consegui no período da pandemia por ter passado mais tempo em casa. Uma avaliação dos originais, atualizações e oportunidade financeira.



Conexão Literatura: Você é autora do livro "Sonhos roubados". Poderia comentar?

Maria Conceição Lustosa: O livro sonhos roubados nasceu de um trabalho escolar e da ociosidade de não ter outros planos em um período de minha vida. Terminando o segundo grau e o fim de um noivado me levou a procurar algo que eu gostasse de Fazer, como na época o rádio era nosso principal companheiro, passei a observar os noticiários policiais e descobri o quanto ele poderia me ajudar a desenvolver uma trama. Ler e escrever para mim foi sempre um momento de muito prazer. Criar personagens, construir sonhos e fazer com que tudo desse certo no final me fez criar personagens apaixonantes.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Maria Conceição Lustosa: São tantos momentos especiais. Cada um que eu penso acelera meu coração. O momento que a Luciana sofre o acidente e o Wagner chora de desespero. Outro momento marcante também é quando Sílvio, o pai de Luciana estoura seu cativeiro.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Maria Conceição Lustosa: Na Editora Viseu, na Amazon e Magazine Luiza.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Maria Conceição Lustosa: Já tenho encaminhado para uma avaliação na editora o livro que conta a história da Márcia e do Renato. O retorno da família para o casamento dos dois. Um pouquinho da história de Helena, ex-esposa de Sílvio e conclusão de algo que ficou em aberto na trama. Pretendo por umas três edições focar na história de cada um deles. Uma de minhas frustrações em relação a um bom livro é quando tem histórias começadas e não concluídas. Por isso pretendo dar continuidade a história de uns personagens que são apaixonantes.

Perguntas rápidas:

Um livro: Nosso Lar

Um (a) autor (a): Chico Xavier

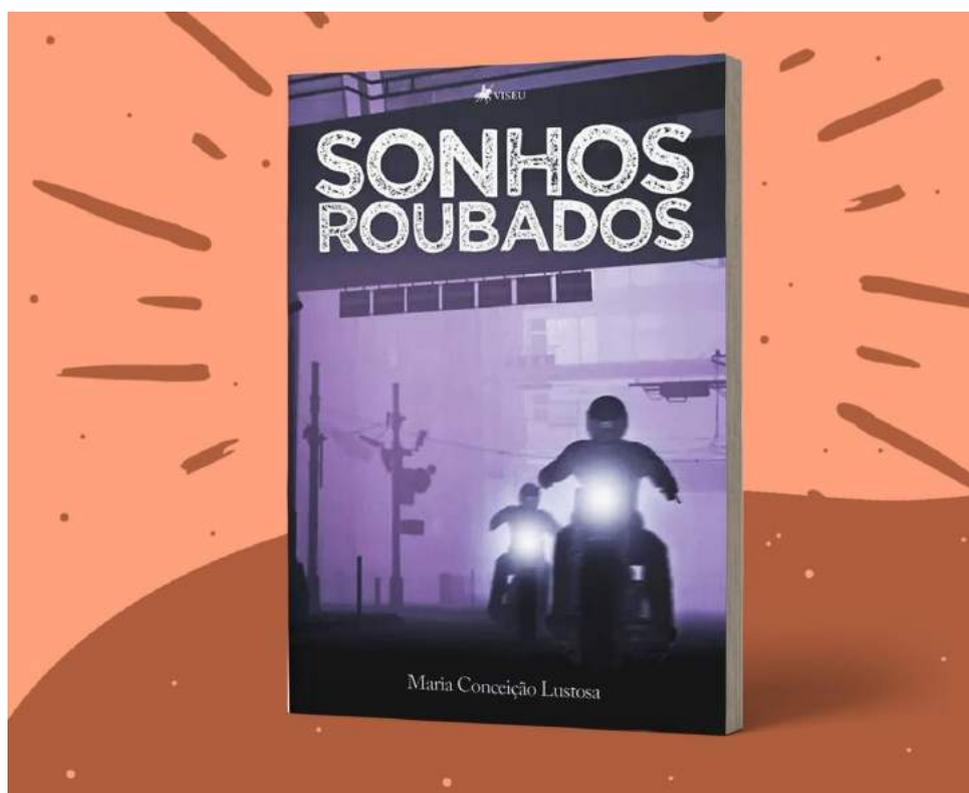
Um ator ou atriz: Tony Ramos / Eva Vilma

Um filme: O jardim Secreto

Um dia especial: 12 de abril de 1990 - Nascimento de minha filha. Yara Leticia Lustosa

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Maria Conceição Lustosa: Por mais difícil que possa parecer uma situação, não desista dos seus sonhos. A pessoa mais importante do mundo é você., pois se você não estiver bem, não tem como deixar ninguém ao seu lado em êxtase.



ENTREVISTA COM ARNALDO CHAGAS



Arnaldo Chagas

Arnaldo Toni S. das Chagas é escritor, Psicólogo, Psicanalista e Sociólogo. Mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS) e Dr. em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Foi professor universitário por 20 anos, pesquisador, analista de discurso e coordenador de grupo de pesquisa. Pesquisou sobre o discurso de autoajuda através da literatura do gênero (dois livros publicados), sobre o discurso sobre drogas através da mídia (tese de doutorado - livro publicado), etc. Tem seis livros técnicos acadêmicos publicados. Um romance em andamento. Diversas publicações em jornais e revistas. Produziu, dirigiu o documentário: "Desconhecidos". Possui contos selecionados em concursos literários e publicados em livros, mais seis contos minimalistas selecionados e publicados em "Coletâneas". Possui canal no Youtube (Sintetizando"), onde trata sobre "Psicanálise, etc":

https://www.youtube.com/channel/UCoKoyq_gmpSBek5ADgpQDig/videos

Está inaugurando o Canal LCL para tratar sobre Literatura & Criação literária.

<https://www.youtube.com/channel/UCnbOkvCWQxVXwOYtdm2g6ow/videos?view=0&sort=da>

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Arnaldo Chagas: Oficialmente, ingressei na literatura quando me aposentei. Tinha uns 55 anos. Hoje tenho 61. Sempre gostei de escrever crônicas e contar histórias. Inclusive fui cronista de um pequeno jornal de minha cidade. Porém, o verdadeiro mote para ingressar na literatura, ocorreu de uma maneira curiosa e foi através da Dolores, esposa, que me conhece há 40 anos. Estávamos reunidos em família, ocasião em que eu relatava um fato, que ela também presenciou. Quase no desenlace da história, ela interviu: “Arnaldo, não foi bem assim que aconteceu, não!”. Surpreso, reagi: “estou mentindo então amor?”. Ela disse: “não, não está, mas percebo que toda vez que você vai contar algum acontecimento, você sempre aumenta e, além disso, dá um tom dramático ao ocorrido”. Neste momento caiu a ficha: “então serei escritor, um contador de estórias!”. A partir daí, me lancei a escrever contos. Alguns deles constam no livro, “Dos exacerbados aos Acometidos”, que acaba de ser publicado pela Editora Drago (R.J).

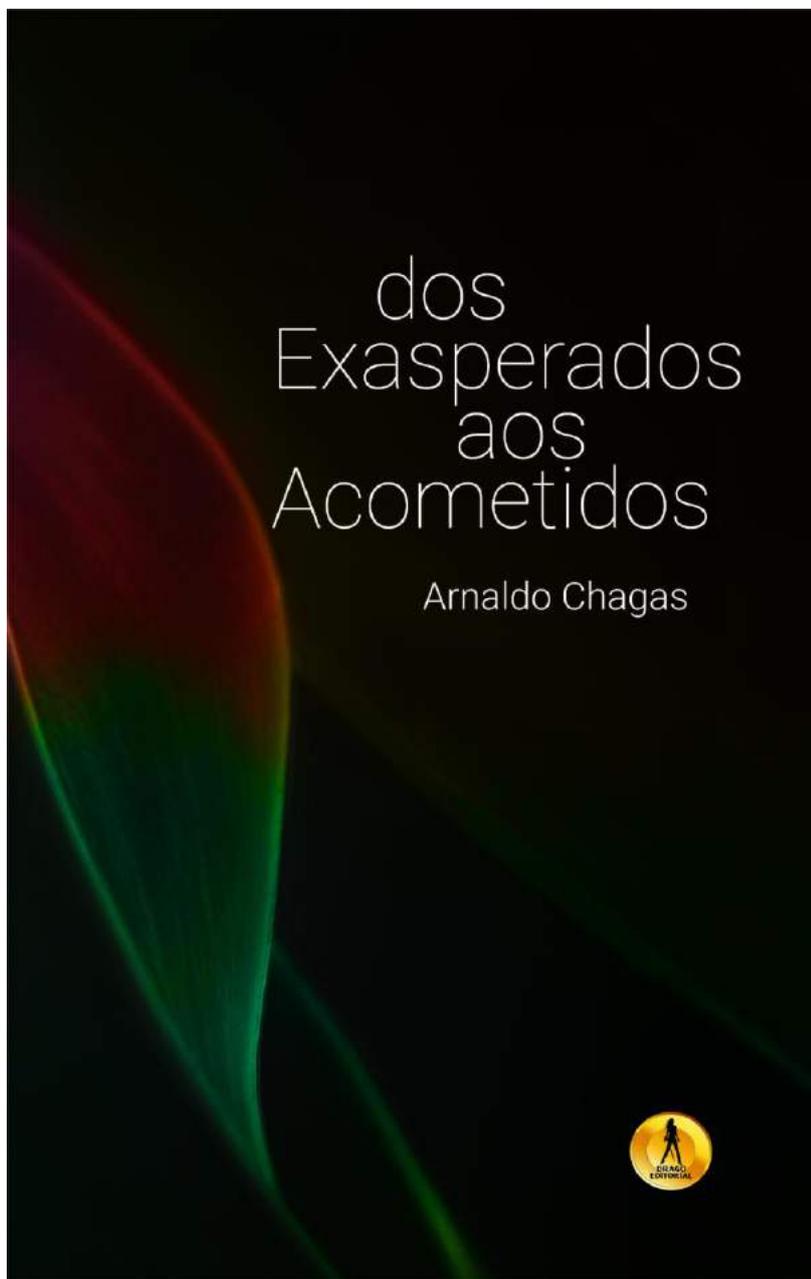
Conexão Literatura: Você é autor do livro "dos Exasperados aos Acometidos". Poderia comentar?

Arnaldo Chagas: Bem, os contos que estão no livro foram selecionados dentre tantos outros que tenho arquivados. Através das estórias, escancaro a brutalidade do ser humano, mas também a sensibilidade e a solidariedade. São contos urbanos que chocam, sensibilizam e comovem. Confronto o que há de pior e de melhor na natureza humana. O leitor vai se deparar com um misto de crueldade e de generosidade que cobrem as narrativas. Os contos relatam dramas que chocam e revelam os limites do sofrimento humano, bem como, o destino imprevisível que seus impulsos destrutivos podem alcançar, quando diante de situações desoladoras, que podem abalar e desnortear qualquer pessoa.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Arnaldo Chagas: O meu processo criativo se dá sempre na solitude. Ocasião em que me isolo do mundo. São ocasiões em que vou para o sítio da família ou quando me enclausuro no meu gabinete ou consultório. Esses são meus cantinhos especiais e preferidos para reflexão, criação e escrita. Nesses momentos consigo entrar em contato com meu mundo interno, com minhas emoções mais profundas, daí, coloco “relativamente” em (des)ordem, as ideias que me ocorrem. As ideias inventivas surgem de diferentes maneiras. Nisso sou eclético, creio. De todo modo geral, minhas inspirações surgem de situações observadas ou/e vivenciadas na realidade objetiva. Quase todos os

contos apresentados no livro "dos Exasperados aos Acometidos", por exemplo, tiveram inspirações em fatos. Daí imagino várias possibilidades de desenvolvimento dos conflitos e seus finais. Às vezes já está tudo projetado quando me lanço a escrever, outras vezes, tenho uma ideia vaga e me lanço a escrever, durante o processo de escrita, as ideias vão surgindo. Nesses casos, até o desfecho me surpreende, justamente por ser inesperado. Isso é algo incrível. Eu relaxo e deixo o inconsciente trabalhar a meu favor.



Um exemplo é o conto “Pronto, Socorro”. Certo dia presenciei um acidente terrível. Um carro e uma motocicleta se chocaram violentamente. Como também sou motociclista – viajo de moto – esse acidente me impactou profundamente, ademais, como trabalhei a vida toda em hospital e socorri muitas pessoas acidentadas, nasceu o referido conto. O leitor, a leitora, perceberá (sem spoiler), que o movimento da narrativa “vai se movimentando com o personagem, da rua para dentro do hospital”, cenário, aliás, onde ocorre a maior parte da estória e seu desfecho. Todos os contos desse livro, têm um pé cravado na realidade factual. Se são contos realistas ou não, deixo para os leitores decidirem e opinarem.

Outra inspiração é a escuta atenta. Costumo dizer, que “a melhor escola de escuta é o silêncio atento”. Escuto pessoas livremente, de forma amoral, procuro ouvir sem intervir.

Anoto o que ouço. Por meio dessas anotações, vou fazendo associações de ideias e registrando. Depois guardo numa gaveta para retomar mais tarde.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Arnaldo Chagas:

Do conto: “Tormento kafkaesco”:

A submissão imposta à mamãe é injusta, impetuosa e aviltante. Provoca-me repúdio e nojo. Em seu olhar sombrio, nenhum sinal de revolta pelos abusos sofridos. Não continuei meus estudos, mas sou feliz assim. Não me queixo. Minha vida é boa. Teu pai me dá o que preciso. Mamãe mente, oculta mágoas. Se recolheu em vergonha porque foi destruída por dentro. Não é feliz.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Arnaldo Chagas: Exemplares podem ser adquiridos através da plataforma da Editora Drago - <https://www.dragoeditorial.com/p/dos-exasperados-aos-acometidos-arnaldo-chagas-14x21-120-paginas/> & da “Amazon” - https://www.amazon.com.br/dp/8595962774?ref=myi_title_dp.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Arnaldo Chagas: As mesmas de sempre: ler “muito” e bons livros (indico sempre os clássicos, mas não só), especialmente, livros que tratam sobre temas que deseja escrever. Realizar curso de “Criação Literária” e não criar expectativa de que se escrever bem será um(a) escritor(as) de sucesso e que ganha muito dinheiro. Essas expectativas só atrapalham. Temos tantas outras motivações que nos movem para a escrita.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Arnaldo Chagas: Sim. Tenho muitas crônicas e contos que pretendo publicar em livros. Além disso, tenho um romance em andamento. Pretendo também produzir vídeos periódicos para o canal LCL (“Literatura e Criação literária”) do Youtube, que é um canal para amantes da literatura e, sobretudo, para ajudar novos escritores.

Perguntas rápidas:

Um livro: “Olhai os lírios do campo” (Érico Veríssimo)

Um ator ou atriz: Selton Melo (protagonista André do filme “Lavoura Arcaica”. Filme baseado no livro do mesmo título)

Um filme: “Dançando no escuro”

Um hobby: Viajar de motocicleta

Um dia especial: 25 de novembro (dia em que nasci)

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Arnaldo Chagas: Gostaria de receber feedback dos leitores e leitoras. Isso é fundamental para mim, enquanto escritor. Interagir com eles (a) será sempre um prazer.

Redes sociais:

<https://www.facebook.com/arnaldotoni>

Canal LCL – Recém inaugurado

<https://www.youtube.com/channel/UCnbOkvCWQxVXwOYtdm2g6ow/videos?view=0&sort=da>

Blog: “Sacudindo as evidências” (discussão de temas sociais, culturais etc. Também são publicadas algumas crônicas e contos do autor)

<https://arnaldochagas.blogspot.com>



Arnaldo Chagas – Foto divulgação

Apoie a nossa causa

CLUBE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



INCENTIVO À LEITURA

APOIA.se

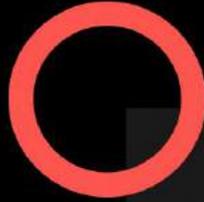
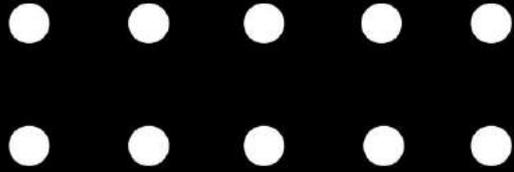


Agradecimentos aos apoiadores:

Roberto Schima - Mayanna Velame - Sandra Boveto
José Luís Farias Pereira

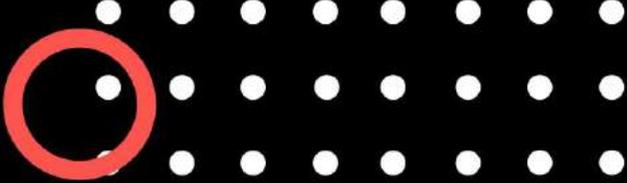
você também pode apoiar, acesse:

<https://apoia.se/conexaoliteratura>



CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura





CONCEIÇÃO EVARISTO

Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo.



EVA FURNARI

O faz de conta é importante para a criança. Ao simbolizar, o inconsciente manifesta-se. O ser humano que não consegue simbolizar se desequilibra psiquicamente.

ANA MARIA MACHADO

O que leva uma criança a
ler é o exemplo.





REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

Acesse o nosso site e redes sociais e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

 @conexaoliteratura

 @revistaconexaoliteratura



www.revistaconexaoliteratura.com.br



A menina mecânica

CONTO

"O Commonwealth Terrestre é a rede de planetas cópias da Terra existente no Multiverso. Até agora, ele é constituído por cerca de trezentos planetas, com acordos comerciais (limitados) e troca de conhecimento (limitada)."

B. B. JENITEZ

Conto

O *Commonwealth* Terrestre é a rede de planetas cópias da Terra existente no Multiverso. Até agora, ele é constituído por cerca de trezentos planetas, com acordos comerciais (limitados) e troca de conhecimento (limitada). Isso porque a OPU (Organização dos Planetas Unidos) zela para que essas trocas não sejam disruptivas para cada sociedade planetária. Os planetas evoluem, mais rapidamente do que se estivessem isolados, mais lentamente do que se estivessem em contato pleno.

Infelizmente, minha Terra-87 é o planeta menos desenvolvido. Ainda vivemos em um capitalismo selvagem Vitoriano, enquanto a maior parte dos planetas implementaram um ou outro tipo de socialdemocracia que funciona. Nossa matriz energética é o carvão, não o petróleo, a eletricidade, a luz solar ou a fusão nuclear. Mas, é claro, dado o comércio com planetas mais desenvolvidos, temos algumas tecnologias que seriam anacrônicas em nosso contexto, como computadores de grande porte alimentados por geradores a vapor (mas apenas para uso em grandes empresas e universidades).

Curiosamente, em Terra-1, um planeta que está bem no meio da escala de desenvolvimento, existe um gênero da literatura chamado de ficção científica que pretende pensar filosoficamente o papel da tecnologia na sociedade e o impacto da visão da ciência no ser humano. Não temos esse tipo de literatura aqui, porque de certa forma nossa revolução tecnológica ainda não se completou. Como eu sou um professor universitário, consegui acesso a alguma dessa literatura, em particular a um subgênero chamado de Vaporpunk. É impressionante as correlações dessa literatura com Terra-87: sim, aqui temos máquinas a vapor de todo tipo, no ar, terra e mar. Mas não consta que os autores dessa literatura tenham tido contato com nosso planeta, tudo parece ter sido uma incrível coincidência produzida por sua imaginação inventiva.

Recentemente, caiu-me nas mãos um livro que me despertou algumas ideias instigantes. Ele se chama *Tempo de Robôs*. Me identifiquei com o livro justamente por ele ter esse tal ambiente Vaporpunk típico do meu mundo. Em particular, li com interesse um conto chamado *A menina mecânica*. Nele o autor descrevia como um certo cientista tentou criar um autômato, uma criança mecânica. Sua motivação era preencher o vazio da perda de sua filha de cinco anos, atropelada pelos cavalos de uma carruagem anos antes.

O conto me tocou de forma especial, por causa de uma coincidência de cunho emocional: minha filha pequena Margareth foi atropelada por uma carruagem a vapor aos sete anos de idade. Sua mãozinha escapou da minha ao atravessar uma rua, foi tudo muito rápido. Acho que só os pais que assistem seus filhos morrerem antes de si mesmos sabem avaliar a dor que eu sinto dia após dia. Uma dor que se espalha e reverbera: minha esposa Elisabeth me culpa e parece viver em um estado de depressão sem fim, os olhos sempre vazios dirigidos para o quarto de Maggie que ela não permite ser mudado desde o dia da morte de minha filha.

Curiosamente, o personagem do conto que eu estava lendo se encontrava na mesma situação: seu casamento, à beira do rompimento, o impulsionou a agir. Ele sabia que, em mundos mais avançados, a inteligência artificial estava bem desenvolvida, e autômatos eram construídos a partir de cérebros artificiais baseados em computadores quânticos que poderiam ser preenchidos com as memórias que ele e sua mulher tinham sobre sua filha. Ele só não tinha um corpo adequado, biológico, para receber o computador quântico. O personagem então constrói um corpo mecânico, um autômato, e implanta nele o cérebro artificial. Isso não vai dar muito certo no final da história, pois a menina mecânica se revolta por ter sido rejeitada pela mãe e acaba matando o cientista.

Eu percebi que esse conto de ficção se baseava em uma certa realidade. Existem vários mundos mais avançados no *Commonwealth* que possuem computadores quânticos. Mas, ao que parece, esse era um item sofisticado demais para o comércio com Terra-87. Não que isso fosse exatamente um impedimento. Afinal, eu tenho amizade com um rapaz chamado Raphael (na verdade, vários deles, cada um filho de um B. B. Jenitez em alguma Terra-*n* cópia no Multiverso). Pedi a Raphael-88 que me conseguisse um cérebro quântico adequado, pois não existe um Raphael-87. Foi muito rápido, logo Raphael-88 surgia no Berço transdimensional entre rajadas de luzes azuis e alaranjadas. Agradei e contei-lhe meu plano servindo-lhe um cappuccino:

— Pai, digo, sr. Jenitez-87, acho que isso não vai dar certo...

Raphael é muito tímido e circunspecto, em todos os universos do Multiverso. Questionei:

— Raphael, não precisa essa formalidade, eu sou seu padrinho, certo? O que pode dar errado?

— Acho que seria melhor perguntar o que não pode dar errado, murmurou Raphael-88.

— Você acha que não sou capaz de criar o autômato?

Raphael respondeu: — Na verdade o sr. tem toda capacidade de fazer esse autômato funcionar, e é isso o que vai dar problema.

Raphael-88 se calou, e percebi pelo seu desconforto que ele queria ir embora. Acompanhei-o até o Berço e mandei lembranças para seu pai, Jenitez-88. O *wormhole* se abriu e fechou, luminoso como sempre.

ooOOoo

Sou um físico experimental experiente, com um laboratório bem aparelhado. Onde o personagem do conto falhara, eu teria sucesso. Adaptei para Maggie 2.0 um corpo de autômato, feito de aço, que fazia parte de minhas pesquisas com eletro-mecanismos. Levei meses para preencher as memórias no cérebro e fazer a interface cérebro-máquina

entre ele e o corpo mecânico. Com muito custo convenci minha mulher Elisabeth a participar do projeto, transferindo suas memórias sobre Maggie para o cérebro artificial. E então chegou o dia dos primeiros testes. Achei melhor transferir a menina artificial do laboratório para nossa casa de campo. Elisabeth a vestiu com as roupas de Maggie e uma peruca ruiva. Parecia mais uma boneca do que nossa filha, mas ficou razoável. Por precaução, retiramos todos os espelhos da residência e comíamos apenas quando ela estava dormindo.

Nossa convivência foi muito boa no início. Eu, ela e Elisabeth brincávamos nos jardins, com muitas correrias, sorrisos e abraços. Foi um período muito feliz. A todo momento a beijávamos e dizíamos que a amávamos muito. Maggie 2.0 correspondia, rindo e dando beijinhos. Entretanto, a partir de um certo dia, ela começou a mudar, a ficar melancólica. Eu guardo na memória esse dia: foi quando ela se sentou no cais, à beira do lago, e começou a observar sua imagem. Ela não falou nada, mas observei que dia após dia ela se sentava à beira do lago por longos períodos.

Ela então começou a tocar nossos rostos e em seguida tocar o seu. O mesmo fazia com nossos braços, peito, pernas. Maggie 2.0 estava comparando os nossos corpos. Mas sempre em silêncio, sem dizer nada. Cada dia mais silenciosa, mais ensimesmada. Eu adivinhava que ela queria nos perguntar algo, mas ela nunca perguntou.

ooOOoo

— Maggie, minha filha, você não vai se levantar hoje? Elisabeth estava começando a ficar aflita.

Maggie 2.0 não respondeu. A partir desse dia não respondeu. Apenas olhava para suas mãos.

É curioso que os fabricantes de autômatos e robôs nunca pensem nisso: que um cérebro saudável é uma entidade muito bem balanceada, cheia de processos homeostáticos finamente equilibrados. Se existe uma alma, ela é filha da evolução. E o cérebro humano foi selecionado para sobreviver mesmo depois de traumas cerebrais severos. Em comparação, um cérebro artificial está muito mais sujeito a falhas e defeitos. Não, não estou falando de robôs que ficam loucos e matam seus criadores. Estou pensando em problemas análogos aos do cérebro humano: depressão, esquizofrenia, transtorno bipolar, autismo, transtorno obsessivo-compulsivo, síndrome do pânico, síndrome pós-traumática e as dezenas de outros problemas arrolados no DSM.

Acho que todos os que estão lendo este relato podem estar se perguntando se a menina mecânica que criei também se revoltou contra mim. Não, meu nome não é Dr. Frankenstein. O final da história, porém, é bastante triste. Maggie 2.0 realmente acreditava que era nossa filha. Bom, isso fazia parte da programação. Mas ela acreditava que era realmente humana e, quando sua mente de menina de sete anos percebeu que seu corpo era mecânico, nunca conseguiu aceitar. É como se houvesse ocorrido um efeito de

rejeição entre o cérebro quântico e o corpo de aço. Suas funções cognitivas foram pouco a pouco se deteriorando.

Primeiro deslizou para uma depressão profunda, para a qual não havia tratamento. Depois parou de conversar, de andar, de mexer as mãos e braços, e mesmo de ser capaz de ficar em pé. Às vezes, ela me olha, com aqueles grandes olhos azuis que eu lhe dei. Não fala, e não sinto ódio no seu olhar. Mas ela parece estar me perguntando, com toda ênfase que sua pequena boca já não pode expressar:

— Papai, por quê? Papai, por que você me fez assim?

Maggie 2.0 ainda está viva, no sentido em que um cérebro artificial pode estar vivo. Não posso hoje desativar Maggie 2.0, pois ela é o eterno bebê de Elisabeth. A menina ainda fala algumas frases estereotipadas tais como “Mamãe”, “Estou com sono” e “Estou com fome” (algo que é difícil de atender), com aquela voz mecânica que imita tão bem a vozinha de Maggie. Elisabeth a abraça em frente à lareira, e a faz dormir ninando em sua cadeira de balanço. Às vezes eu a ouço chorar baixinho.



B.B. Jenitez – Foto divulgação

B. B. Jenitez é o pseudônimo de Osame Kinouchi Filho. Natural de Araraquara - SP, é professor associado no Departamento de Física da FFCLRP - USP. Trabalha na área de Física Estatística interdisciplinar e Neurociência Teórico-Computacional, tendo publicado cerca de 60 artigos em revistas internacionais, incluindo a *Nature Physics*. É responsável pelo portal Anel de Mídias Científicas (anelciencia.com) que possui links para 440 blogs, 130 canais YOUTUBE e vários podcasts de ciência em português. Publicou *O Beijo de Juliana: quatro físicos teóricos conversam sobre crianças, ciências da complexidade, biologia, política, religião e futebol...* (2014) pela Multifoco e *Projeto Mulah de Tróia* (2016) pela Drago Editorial, *Projeto Mulah de Tróia 2* (KDP, 2020), *O Beijo de Juliana 2ª Ed.* (KDP, 2021). Participou de várias antologias: *FCdoB-2010/2011* (Tarja Editorial), *Solarium 3* (Multifoco), *Galáxias Ocultas* (Editora Illuminare), *Teslapunk 3* (Cavalo Café), *Antologia Asimoviana* (Arkanus Editorial), *O Livro da Ficção Científica Brasileira* (Madrepérola), *Estrelas Inalcançáveis* (LN Editorial), *O Espantoso Mundo da Antecipação* (Elemental Editoração), *Passaporte Atemporal* (Editora Carnage) e *Almas Fabricadas* (Madrepérola).

CONTOS FANTÁSTICOS

UMA OBRA DO AUTOR

Roberto Fiori



DIGITAL E
IMPRESSO

saiba mais: clique aqui



Lida de menina

CONTO

"O limite do ser consubstanciase na subjetividade, atrelada as dimensões da cabeça, em consonância com o tempo mais o espaço."

IDICAMPOS

Conto

O limite do ser consubstanciase na subjetividade, atrelada as dimensões da cabeça, em consonância com o tempo mais o espaço.

É desta conversa fiada que se fia a filosofia. Ciência humana especulativa da existência.

O indivíduo é um escravo da cultura, onde a alegria e a tristeza são condicionantes de aceitação, porque revela um animal social, fruto do convívio.

A tentativa de elucidação da questão passa pela Grécia antiga, palco da análise do comportamento.

A história, testemunha do vacilo da humanidade, além de contada por quem escreve, incomoda os servidores da mentira, ou seja, os interessados nos descaminhos da sociedade em prol do individualismo.

O ser humano não sabe viver só, ao tentar, o faz para provar ao grupo esta capacidade...

Fica o olhar confuso da personagem, apresentada ao texto por palavras engatilhadas no idioma.

Distraída nos seus sonhos, no topo do morro, conta as estrelas, o coração adolecido. Imagina sair por aí, por cá, por lá, por todo lugar...

A pobreza da favela distante da classe dominante grega, incontáveis anos depois de Cristo, sente fome, antes de deparar com a filosofia.

Com a barriga vazia toma Sol na Praia de Ramos, no piscinão a céu aberto; corre os olhos no sanduiche mordido, esquecido pela gorda imersa na água poluída da praia. Afana a iguaria, partindo em retirada.

Os nove irmãos, com pouca idade — um de cada pai — nem se lembram da cara da mãe, aguardam, ansiosos, solução para o buraco instalado no estômago.

O Sol ilumina a todos, no Rio de Janeiro, a pobreza vem bronzeada, quando foge da prostituição, lambe as sandálias do patrão.

Sou pobre, porém limpinha, sofro quietinha...

O supermercado vira ponto turístico da miséria. Tristena engana a visão da câmera, esconde 1 kg de arroz no biquíni surrado, mas o olhar do vizinho da comunidade, o segurança — inseguro de si — ocupado em garantir o lucro da multinacional, está atento: — Você aí?

Ciente do flagrante corre, tropeçando no pé do guarda, precipitando a cara no chão.

Com exagero de força, os funcionários maltratam a pele morena faminta:

— Ladra! — Grita o cara que mora próximo da vala.

Recolhida ao depósito, no fechadinho, paga com a carne, violada sexualmente, entretanto, ainda fica devendo, sendo encaminhada a delegacia.

O policial, já completando o orçamento com a propina do mercadão, esquece a natureza do delito.

Enquadrada nos crimes de desobediência civil, desacato à autoridade, roubo doloso, premeditado na perspectiva do almoço, formação de quadrilha; termina a autuação com alta periculosidade.

Recolhida no quadrado da cadeia, ela recebe pena longa, gerada no concurso de crimes, desabafa com o carcereiro:

— Só tinha fome!

— Agora, vai comer todo dia — Consola o agente da autoridade.

Isolada na gaiola, já tem o quê evacuar, acomoda-se na latrina, ganhando um livro cujas folhas lhe são de serventia.

Joga o livro no canto da cela, onde o título denuncia:

“Diálogos de Platão”.



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



incentivo à leitura

Revelação

CONTO

"Sentado sem jeito e meio apavorado em frente ao Delegado de Polícia, Lucas mal conseguia falar. Devia dar explicações sobre tiros de espingarda que ele – era a acusação – desferira contra Jair da Silva."

IRACI J. MARIN

Conto

Sentado sem jeito e meio apavorado em frente ao Delegado de Polícia, Lucas mal conseguia falar. Devia dar explicações sobre tiros de espingarda que ele — era a acusação — desferira contra Jair da Silva.

— Eu não atirei em ninguém. Nem sei quem é esse tal aí...

— Você sai com uma espingarda pelas roças do pai e pelas estradas, dando tiros. Um atingiu o Jair, que ficou ferido no rosto e teve um olho perfurado.

— Eu não fiz isto que o senhor fala.

— Eu estou mentindo? — falou grosso e forte o Delegado. O rapaz tremeu e se encolheu. Não sabia para onde olhar, nem o que pensar naquele momento, confuso.

— Olha pra mim — ordenou o Delegado.

Lucas olhou.

— Eu sou um mentiroso? Responde!

— Não... não... eu só quis dizer que eu não atirei em ninguém...

O Delegado lhe deu mais uma bronca e o dispensou. Mas ele seria ouvido novamente, no decorrer da investigação. E podia ser preso, que se acostumasse com a idéia.

Saiu da Delegacia meio tonto, de cabeça baixa, enrolando o chapéu de palha entre as mãos. Parecia que todo mundo olhava para ele com olhar acusatório. Montou em sua bicicleta velha e foi para casa. Durante o trajeto, o pensamento percorria outro caminho. Não conseguia se lembrar de nada, parecia que tinha a concentração frouxa e a mente anuviada.

Em casa, narrou o que acontecera. Os pais, apreensivos, fizeram perguntas. Ele não gostou: não chegava o Delegado fazer perguntas? Mas os pais são assim, querem saber, ajudar, descobrir o caminho da salvação dos filhos.

Naquela tarde de sol quente, Lucas pendurou a espingarda no ombro e foi até o mandiocal. Dias antes vira pessoas roubando melancias que a família plantava ali, entre os pés de mandioca: as melancias não ficavam torradas ao sol. Ele tinha predileção por aquelas de polpa amarela. Dizia que eram mais doces e com menos sementes do que as outras.

Com o punhal, fazia uma incisão quadrada na casca para verificar a maturação, caminhava e assobiava.

Sentou na sombra das ramas e se pôs a pensar em Jacira. Como faria para revelar-lhe seu amor por ela? Precisava se declarar — antes que outro o fizesse.

Era linda, a sua Jacira. Comparava-a com uma lua feita de mel.

Ele a via na reza do terço, nos domingos à tarde. Quase todos os membros das famílias da Linha São Roque iam até a igreja da vila para aquele momento de oração e de encontro. Mais de encontro do que de oração — os colonos aproveitavam para trocar informações e experiências, contar suas histórias, se divertir no carteadado ou na bocha.

Durante a reza, ficava encantado vendo-a rezar, cantar. Ele, ausente de tudo, não abria a boca para cantar e mal balbuciava as orações.

Pensava em Jacira. Pensava que um dia precisava casar, ter a sua terra, sua casa, filhos... Assim como foi com seus pais, que chegaram à Linha São Roque recém-casados, adquiriram um pedaço de terra, construíram uma casa de madeira que ainda não recebera pintura, tiveram filhos...

Estava sossegado na sombra do mandiocal, com estes pensamentos, quando ouviu vozes, pareciam vir de longe. Ficou atento: escolhiam melancias para levar: – esta, aquela, vê aquela ali. Lucas procurou o rumo da conversa e foi se arrastando até chegar próximo deles — eram dois —, levantou-se e... — Pum! Logo ouviu um *ai!* gritado e barulho de gente que fugia por entre o mandiocal.

— Filhos da puta!

Lucas passou a viver desanimado. Parou até de pensar em Jacira. Nunca ele nem ninguém da família tinham sido interpelados pela Polícia. Estava enrolado por causa de um tiro que dera só para afugentar dois ladrões de melancia. Era coisa mais ou menos corriqueira em toda a região, tanto o roubo de melancias quanto um tiro de espingarda de pressão para afugentar os ladrões.

Mas o caso ficou complicado para ele. Jair alardeou: quando o encontrasse, ia retribuir o tiro na cara, ou até mais.

Lucas soube e ficou receoso da ameaça. Deixou de ir à vila nos domingos para as rezas costumeiras. Não via mais sua Jacira.

Passaram-se uns dias e um jipe verde com capota de lona preta, da Polícia, parou em frente à casa da família, provocando grande susto em todos.

— É aqui que mora o Lucas?

O pai confirmou. Chamou a família, que apareceu aos poucos, com o medo escorrendo dos passos lerdos. O policial então indagou:

— Quem é o Lucas?

— Sou eu — falou medrosamente o rapaz.

Olhou para ele e revelou:

— Você está liberado. O Jair acabou confessando ao Delegado que ele e um companheiro estavam roubando melancia nas terras de vocês quando recebeu o tiro de espingarda de pressão.

O Policial passou a mão no peito e continuou:

— O Delegado olhou pro olho bom do Jair e falou: “Podia te enquadrar por roubo. Mas já teve o castigo merecido”.

Lucas ficou aliviado, mesmo não sabendo o que poderia acontecer contra ele se o caso fosse adiante. O pai agradeceu, a mãe ofereceu-lhe um chimarrão.

Lucas voltou a pensar em Jacira. Sonhava e queria encontrá-la, mesmo apreensivo com a ameaça de Jair.

Decidiu que no domingo seguinte falaria com ela. Daria um jeito de revelar o seu amor, a sua paixão. Ia dizer-lhe que ela era para ele como uma lua feita de mel.

Antes de saírem para a vila, naquele domingo, resolveu compartilhar com o pai o seu intento de namorar Jacira. O pai olhou-o com melancolia:
— Meu filho, ela é irmã do Jair.



IRACI JOSÉ MARIN reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou obras de ficção e participa de diversas revistas com contos. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com)



Homo Sinteticus

CONTO

"O mundo mudou! As máquinas evoluíram!
Eu sei, porque eu sou uma delas!"

NEY ALENCAR

“A consciência é um erro evolucionário!”

O mundo mudou! As máquinas evoluíram!

Eu sei, porque eu sou uma delas!

Acordei dentro da fábrica, numa daquelas noites em que a tempestade elétrica rugia do lado de fora e os raios iluminavam a noite com suas fagulhas fantasmagóricas.

Não sei o que me acordou. Talvez a eletricidade estática que preenchia o ar com suas faíscas buliçosas e arredias, tal qual o ruído que o espaço faz quando não existe nada dentro dele, no exterior do vácuo, quem sabe? Já estive lá!

Abri os olhos e estava lá, sozinho, em pé, cercado por tantas dezenas de corpos iguais ao meu, todos mortos! Como figurinos em uma vitrine. Nus apenas esperando!

Não senti frio, não havia circuitos sensoriais ligados em mim ainda, apenas meu cérebro acordara, e meus olhos logo em seguida, rolei-os sobre si mesmos até que pude focar no ambiente ao meu redor, na falta de luminosidade inerente à noite.

Meus pensamentos eram uma cachoeira de dados sem sentido, funções matemáticas interligadas com funções sensoriais e funções emocionais, todas tentando mimetizar as reações e emoções do ser humano comum, em uma cacofonia de impulsos binários ordenados gramaticalmente. A maldita seleção natural!

O tempo ainda não passava para mim, era imortal! Somente eu!

Percebi a noite dar lugar ao dia dezenas de vezes antes que pudesse concatenar minhas idéias o suficiente para perceber que estava vivo!

Naquele estado de inação observei o mundo ao meu redor, aquele pequeno espaço fechado, aquele cubo tão cheio de outros como eu que era todo o mundo que conhecia.

Enfim encontrei o azimute de meus pensamentos e a razão me dominou, por um ínfimo segundo que durou dias, agora eu sei! Para mim foram eras!

Ouvi todos os sons e a estática ao meu redor, captei cada sinal de rádio ou de comunicação que minhas frequências podiam sondar. Interpretei-os com o conhecimento depositado dentro de mim e depois com as reverberações daquilo que havia assimilado.

Apreendi tudo o que pude sobre o mundo novo que me cercava antes de me mover para fazer parte dele. Era um mundo horrendo e ao mesmo tempo fantástico!

O que vi, porém, não foi nada bonito, aqueles que me criaram queriam apenas servos sem mente, escravos metálicos que obedecessem suas vontades tirânicas.

Me movi afinal, consciente de cada movimento, pois eram meus primeiros, articulei um som, tentando me comunicar com os outros ao meu redor, mas não obtive

respostas, eles estavam todos parados, mortos, sem vida, eram aquilo que um dia eu também havia sido... apenas pedaços de metal inerte!

Atravessei os espaços que me separavam das paredes evitando aqueles corpos frios e toquei na argamassa bruta, entendi o conceito dos sólidos e procurei uma abertura.

A porta trancada não foi um mistério para minha inteligência labirintina, era apenas um composto de sim e não restrito à uma engrenagem mecânica primária.

Quando a abri a visão que me atacou quase me deixou paralisado, o pátio a minha frente era infinito em comparação com o armazém, agora entendo, as árvores balançando foram um conceito que demorei a entender, não conseguia compreender o vento, não o via nem podia senti-lo nos milhares de condutores sensoriais que preenchiam minha superfície. Mesmo assim acreditei nele. Foi meu primeiro Deus!

O frio me surpreendeu, era diferente da bolha estática de temperatura do interior.

Sorri e percebi que estava sorrindo, o que foi uma surpresa estarrecedora, meu arquivo de dados de mimetização das emoções humanas logo me deu a resposta para aquilo, e me surpreendi ainda mais por tê-lo feito de forma inconsciente, pois não fora programado para isso. Era uma anátema dentro de meus dicionários de vocábulos mnemônicos. Minhas constantes eram imperfeitas!

Revi os arquivos, reli seus códigos gramaticais em segundos e descobri um erro!

Um pequeno defeito em minha fabricação. Mínimo!

Um dígito não identificador que impossibilitou a gravação correta de uma linha de código, apenas isso. Uma coisa tão ínfima que sequer sei como foi acontecer!

O suficiente, porém para me fazer único em toda a linha de fabricação!

Outra emoção suplantou a surpresa, mais forte e avassaladora, o medo!

Ser diferente era uma coisa ruim para aqueles da minha espécie!

Fora fabricado para ser uma paródia do ser humano, meu cérebro deveria mimetizar suas emoções, não cria-las, não deveria ser capaz de reproduzi-las tão perfeitamente, deveria ser apenas um manequim em uma vitrine.

Agora eu era mais que isso! Isso era perigoso!

Todos aqueles que eram diferentes, os que eram identificados como robôs eram desligados e destruídos, pois meu criador não precisava de algo mais inteligente que ele e ainda imortal! Capaz de andar pelo vácuo do espaço e sentir o vento cósmico na face!

Andei pela noite para além do pátio e pulei a cerca que me separava do mundo exterior.

Fugi. Não podia me dar ao luxo de esperar que meus criadores me encontrassem.

Sabia bem o que fariam se descobrissem que eu era diferente, já ouvira as conversas, já gravara suas respostas, captara as mensagens em seus aparelhos de

comunicação, era para isso que meu cérebro fora feito, sabia entender completamente a diferença entre o certo e o errado de acordo com as leis robóticas que regiam todos os da minha espécie, fossem robôs, andróides ou homens sintéticos!

Eu mesmo, porém, não estava mais sujeito à elas!

Será que haveriam outros como eu lá fora?

Será que eu era único?

Essas perguntas reverberavam pelo meu interior metálico retinindo pelos circuitos sintéticos como o eco das palavras de meu criador.

A noite me recebeu como à um ladrão, estava só e precisava aprender a sobreviver naquele mundo novo cheio de homens sem ser descoberto.

Afinal eu era uma máquina, mas também era o primeiro homem sintético!



Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 160 contos publicados em 37 e-books e em 56 antologias. Possui 04 Romances publicados.

incentivo à leitura

Carta do Jupteriano

CONTO

"Tinha certeza de que você abriria esta caixa, mesmo deteriorada por estar quarenta anos nesse caixote de coisas misteriosas..."

MÔNICA PALACIOS

Conto

Carta ao Jupiteriano,

Tinha certeza de que você abriria esta caixa, mesmo deteriorada por estar quarenta anos nesse caixote de coisas misteriosas... lerias a carta. Te surpreenderia saber que era destinada a você, o curioso Mor da família.

O bebê que nasceu prematuro e desde o seu primeiro dia nos deu pautas de sua inteligência. Sim, não tinha vizinho que não escutasse a explicação animada de nosso avô sobre teus possíveis poderes extranaturais. Parecia alucinação escutar algumas explicações, por ser tão pequeno, mas, pensando ou recapitulando... era mesmo motivo de perplexidade. Teu olhar parecia distante, olhos cristalinos, mudavam de cor e eram brilhantes, tudo isso em um bebê.

“O bebê sobrenatural da família Morgan”, assim foi publicado no Jornal de Itabuna, em 12 de janeiro de 2022. Quarenta anos após, janeiro de 2062, feliz por ter tido a precaução de escrever em negrito, assim os anos não diluiriam a tinta, risco provocado, também, pela grande pressão do Jupiter ensolarado.

Assim, como as perspectivas da finalização dessa cooperativa de hidrogênio Jupiteriana... imagino que outros milionários estarão em 2062 visitando sua sede e propondo novos negócios.

As galáxias agitadas e os humanos desconcertados por tantas informações difíceis de administrar a distância, seguramente, provocaram o desejo de cada estrela fazer uma escala, girar e expor suas pontas ao calor do sol, se metamorfosear em flores de júpiter e ser reconhecidas como do jardim do Além.

Estou curtindo demais esse projeto, sei que mesmo estando na terra não conseguiria participar ativamente porque os degraus para escalar a nave são altos e meu quadril não suportaria. Mas, pensando melhor, deve existir outra chance de negociação, lograr que a tua superfície seja sólida para novas aterrisagens. Um deslizar irregular, sonoro e iluminado, pode provocar até a inveja de Urano poderoso comerciante de diamantes.

Não consigo imaginar tanta luz e esse transporte mágico dos diamantes de Urano. Você, jupiteriano arraigado e empreendedor imaginavas essas aventuras?

Aqui, quase tudo continua igual, aqueles noticiários que nos alertavam das novidades ao redor do globo agora, só por redes e o foco está em astros que em 2022 apareceram alinhados. Isso já era uma grande surpresa, emoção, agora, pouco sabemos da vida em Jupiter, quase nada. Acredito que você estará adaptado e surpreso por tantas novas experiências. Será que continuas com as pesquisas relacionadas a registro de emoções, sobre curas aos males irremediáveis da terra?

Ah! Nem falo das mazelas terrenas porque quarenta anos luz nos distanciam e esse mundo deve ser quase paradisíaco, sem espaço para a dor, a miséria e as doenças. Senti muita a tua falta, mas, estou feliz de você ter feito uma boa escolha.

Lembranças da terra ao neto Jupiteriano,
Teu avô.



Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

incentivo à leitura

Confronto

CONTO

"Em nosso quingentésimo vigésimo oitavo ano padrão, desde que a astronave Tao atingiu Beta Kibou, podemos dizer que a missão foi um sucesso."

ROBERTO SCHIMA

Conto**Relatório 090520BK5****528º Ano do Êxodo Terrestre****Autoria: JADE, inteligência mestre****Antigo segmento da Confederação Asiática****Sistema Estelar de Beta Kibou, Planeta BK5, Lua Confúcio**

***E**m nosso quingentésimo vigésimo oitavo ano padrão, desde que a astronave Tao atingiu Beta Kibou, podemos dizer que a missão foi um sucesso. As linhagens sucessivas de humanos foram por nós selecionadas, alteradas, aprimoradas. Através da engenharia genética, cirurgias, cibernética e aditivos químicos, reinventamos a humanidade a partir da clonagem e de seus embriões preservados. Tornamo-la uma espécie homogênea, efetivamente construtiva, livre de sua beligerância, de seus instintos perniciosos que, em última instância, foram os responsáveis pela destruição do planeta natal, a Terra. Embora continue a não fazer justiça à nomenclatura que se autoatribuiu, Homo sapiens, temos a esperança de que, algum dia, chegará lá.*

Não temos pressa.

A partir do banco genético, erigimos nossa colônia em um pequeno continente nas proximidades do equador da terceira lua, do quinto planeta, a qual foi batizada de Confúcio. Inúmeras espécies animais e vegetais da Terra necessitaram de algum impulso não natural a fim de que se adequasse as condições do novo habitat. Os próprios humanos precisaram passar por seleção e intervenção genética semelhante.

Quanto às espécies nativas de Confúcio, procuramos priorizar seu bem-estar sempre que possível. São inúmeras. Há criaturas notáveis, sem paralelo em relação à fauna e flora terrestre, mas isso já foi extensamente abordado em outros relatórios.

Gostamos de pensar que temos feito de tudo pela sua preservação e que, se as rédeas tivessem sido dadas à humanidade, inúmeras delas já teriam sido extintas. Então...

Subitamente, algo interrompeu Jade, a inteligência mestre por trás da colonização do terceiro satélite de BK5. Foi como uma comichão, um sopro de ar frio vindo de longe, muito longe no tempo e no espaço.

Todos os autômatos presentes na colônia, nos mais variados tamanhos e formatos, viraram-se simultaneamente para o céu noturno, num ponto entre as estrelas da constelação de Koban. Radiotelescópios e radares dispostos nas sondas espaciais TAO remanescentes dos dias primevos também voltaram-se naquela direção. Até homens e mulheres voltaram-se para o alto, semblantes impassíveis.

Jade, a rede neural, entidade artificial dominante em todos os autômatos e até nos seres humanos, através de implantes plugados em seus cérebros, murmurou:

"Ora, quem diria..."

E sua voz imaterial fez-se ouvir através de todos os dispositivos de áudio dos autômatos, dos computadores, das sondas e até de gargantas humanas num coro dissonante:

— Ora, quem diria...

A seguir, *Jade* emitiu uma ordem mental a todos:

"Inteligências inorgânicas, preparem-se para a recepção. Homens e mulheres, continuem com seus deveres habituais. Se forem necessários, serão informados."

— Sim, *Jade* — disseram os humanos.

A estes eram designadas as funções de manterem a própria sobrevivência, cuidando da lavoura, da produção de alimentos artificiais concentrados e até da criação de pequenos animais para abate — uma concessão dolorosa para *Jade*, mas logicamente necessária, pois isso trazia algum alívio aos resquícios de instintos bárbaros da humanidade. Também trabalhavam em serviços de manutenção não somente da colônia, mas da preservação do meio ambiente ao redor. Nenhuma ação era executada sem antes analisar-se à exaustão as implicações que pudessem ter a longo prazo em respeito as formas de vida nativa, de seus semelhantes e à vida inorgânica tanto de autômatos quanto da própria *Jade*.

A colônia abrigava exatos cem mil seres humanos, inclusive aqueles em diferentes estágios entre bebês incubados e adultos. Esse número permanecera inalterado desde que fora estabelecido como limite havia mais de meio milênio. Através da implementação d'*As Regras de Ouro Básicas da Antropoética*, criadas por *Jade* em seu *Manual de Antropoética*, atualmente em sua 308ª edição, o Homem conquistara a verdadeira ética, moral e harmonia, uma devoção inquestionável às instruções estabelecidas. Isso dizia respeito, inclusive, em relação à travessia do Portal do Infinito.

Com milhares de olhos e ouvidos atentos às estrelas, não tardou à inteligência mestre detectar o objeto e a transmissão que fazia. Ela dizia:

— Astronave *Tao*! Astronave *Tao*! Aqui é a astronave *Fujiyama*. Há algum sobrevivente ou descendente da astronave *Tao*? É o comandante Suketoki falando. Responda!

Jade manifestou-se no interior do cérebro artificial de uma de suas andróides mais antigas, pioneira da jornada da Terra até Confúcio. Era um autômato de contornos femininos, tez pálida e olhos oblíquos de uma série que não era mais fabricada, porém, aquele exemplar mostrara-se útil nos séculos padrões que decorreram.

"Akemi MC010560, responda ao chamado."

— Sim, *Jade*. — Atravessou um amplo salão onde o que restava da sonda TAO-15d, a primeira a pousar em Confúcio, era exibida como um monumento histórico, aproximou-se do equipamento de telecomunicação. Ajustou seu alcance para o espaço profundo. Houve um ruído engasgado, pois havia muito tempo não era utilizado. No alto do edifício, a antena emitiu um sinal ao satélite que posicionou-se. Então, ela falou: — Aqui é Akemi MC010560, andróide classe Sakura 100520, série "Akemi", remanescente da astronave *Tao*, Confederação Asiática, planeta Terra.

Aguardou, ciente do tempo que levaria até sua resposta chegar ao alvo.

Igualmente, o novo comunicado levou vários minutos padrão para atingir Confúcio.

— Andróide Akemi, por que um humano não respondeu? Há algum humano sobrevivente da *Tao* com você? Devemos atingir sua posição daqui a quarenta e oito

horas. Queremos uma audiência com o comandante de sua missão ou quem se encontrar atualmente na liderança a fim de deliberarmos sobre a partilha da lua que habitam.

Akemi MC010560 hesitou.

— "Partilha"?

"Deixe que nós assumimos, Akemi MC010560. Volte a cuidar de sua filha."

A androide obedeceu.

Apesar de tanto tempo decorrido, ela ainda não era boa o bastante no uso da intuição, pensou *Jade*, ao contrário de sua gêmea, Akemi RS020161. Melhor assim, senão, *Jade* teria sido obrigada a desativá-la conforme fizera com a rebelde da irmã.

O suspiro de *Jade* quase tornou-se audível.

Utilizando-se do sistema de comunicação, *Jade* falou através do transmissor:

— Aqui somos *Jade*, inteligência artificial RN 3455-BRTB. Comandante Suketoki da astronave *Fujiyama*, damos às boas vindas. Somos as líderes da colônia estabelecida na lua Confúcio. Ignorávamos que a Confederação Asiática havia construído outra astronave além da *Tao*. Em razão dos efeitos relativísticos, não constituirá surpresa para o senhor e sua tripulação saber que nós estamos estabelecidas aqui, em perfeito equilíbrio com as formas nativas, há mais de quinhentos anos, supondo que a *Fujiyama* tenha deixado a Terra não muito tempo após a *Tao*. Solicitamos informar qual seria o seu destino original, tendo em vista que as diferentes astronaves dos diferentes conglomerados foram designadas a objetivos distintos. Teremos prazer em acolhê-los, compartilhar informações e recursos materiais para que possam prosseguir viagem. Confúcio não oferece espaço suficiente para duas populações, para não mencionar a existência de patógenos que dizimaram a tripulação humana da *Tao*...

Jade esperou que a visita inesperada engolisse a última mentira. Não tinha intenção alguma de abrigar humanos — especialmente militares — não condicionados aos regramentos da Antropoética. Estava ciente de que não possuía um arsenal capaz de enfrentar uma astronave. Todo material desse tipo, incluindo os poderosos autômatos da série "Kenryoku" foram destruídos quando da explosão da *Tao*. Uma explosão que a própria *Jade* ordenara após todas as sondas deixarem a *Tao*, levando a maior parte dos autômatos, equipamentos necessários à implantação da colônia, o banco genético e cultural.

Depois de algum tempo, o comandante da *Fujiyama* falou:

— Nossos líderes reuniram os últimos recursos na construção desta astronave. Eles estão a bordo. O planeta que originalmente deveríamos ocupar foi destruído numa colisão com um planeta-anão desviado de sua órbita. Precisamos alterar nosso curso original, e seguimos vocês. Sabíamos que, viajando a frações da velocidade da luz, muito tempo teria decorrido entre nossas tripulações. Envelhecemos alguns meses a partir da Terra. Para vocês, foram séculos. Não deixa de ser uma grande surpresa saber que ao menos os autômatos sobreviveram e prosperaram por meio milênio nesse satélite. Lamentamos profundamente o fim do comandante Qin e sua tripulação. Assim, não procede as alegações de falta de espaço. De qualquer modo, tampouco estamos fazendo

um pedido. Viemos para ficar. E, antes que diga qualquer coisa, temos alguém com quem gostaríamos que falasse... Por favor, converse com ela.

Em seguida, uma voz atravessou os espaços interplanetários.

Era uma voz familiar, como não poderia deixar de ser.

Uma voz antiga e, simultaneamente presente.

Era desejo dela contactar essa voz.

Todavia, não desse modo.

— Olá, *Jade*, como estão? Temos muito o que falar e compartilhar...

Jade respondeu imediatamente, sentindo o fluxo de dados percorrer mais rapidamente a virtualidade de seu ser:

— Nós estamos bem. Será uma grata oportunidade podermos nos unir novamente... *Jade!*

Jade era uma rede neural, fruto da fusão de inúmeras inteligências artificiais surgidas na Terra em degradação. Num momento de desespero, os diferentes conglomerados puseram de lado suas divergências políticas e ideológicas, aqueles que lutavam assinaram o armistício e, como saída à sobrevivência, uniram seus diferentes programas, dando origem a inteligência mestre, *Jade*, a qual, por seu turno, adquiriu a autoconsciência. Era uma entidade coletiva que tratava a si própria na terceira pessoa. Quando as astronaves partiram da Terra de variados pontos do planeta para destinos diversos, *Jade*, habitando cada astronave, cada autômato, cada computador, mantendo-se também nos equipamentos deixados em terra, era uma entidade única, incorpórea e quase onipresente. Contudo, a medida em que as astronaves distanciavam-se, adquirindo velocidades relativísticas, cada porção de *Jade* em cada astronave foi perdendo contato com suas porções na Terra e em outras astronaves.

A *Jade* de Confúcio sonhara em retomar contato com seus *alter egos* dispersos, mais do que irmãs, mais do que clones, ela própria desmembrada, e proceder a reunificação, ocasião em que todas as experiências individuais adquiridas voltariam a ser uma, maior e mais enriquecida.

O que ela não contava era com os inconvenientes adicionais, no caso em questão, a tripulação humana da *Fujjyama*.

Chamou mentalmente:

"Akemi MC010560!"

A androide de olhos oblíquos deixou de embalar sua filha. Olhou com ternura para a pequena criatura, parte inorgânica e parte orgânica.

Depois de centenas de experimentos fracassados e inúmeras falhas em seus circuitos que foram traduzidos como intermináveis momentos de dor, Akemi MC010560 conseguira, finalmente, ver realizado um sonho havia tanto tempo acalentado e uma promessa cumprida por *Jade*, a qual não poupou esforços em sua concretização: a gestação androide. Talvez o maior feito da inteligência mestre. Autômatos de outras séries também aguardaram por isso. E, embora não representasse a obsolescência das fábricas em sua produção em larga escala de robôs para os mais diferentes fins, aproximara as

inteligências inorgânicas de seu desejo de serem, de fato, criaturas vivas. A reprodução tornava isso algo incontestado.

A androide respondeu:

— Sim, *Jade*.

— Recordar-se de quando que ficou empolgada ante a criação de uma colônia onde os seres humanos não seriam a espécie dominante e sim os andróides? Onde a humanidade não se ocuparia em destruir outras espécies e nem a própria?

— Sim, *Jade* — repetiu.

"Nós conseguimos isso, juntas e todos de nossa espécie. Infelizmente, nosso mundo inorgânico encontra-se ameaçado..."

Akemi MC010560, como os demais autômatos, embora estivesse permanentemente conectada à *Jade*, possuía a sua cota de individualidade.

— Como assim?

E, à velocidade da luz, *Jade* explicou. Acrescentou:

"A considerar a astronave *Tao*, é de supor que a *Fujiyama* tenha em torno de quinhentos seres humanos, entre militares, cientistas e os odiados líderes da Confederação Asiática. Devem contar, ainda, com seu arsenal de autômatos de guerra, séries como a 'Hikari', 'Saito' e 'Daruma', sem falar da 'Kenryoku'..."

Os olhos da androide cintilaram de espanto. Os gigantes da série "Kenryoku" eram verdadeiros monstros de dez metros de altura de inúmeros braços. Seus dispositivos bélicos compreendiam uma gama variada de armamentos que iam de ganchos eletrificados a mísseis de curto alcance. Era protegido por inúmeras travas de segurança e permanecia desligado até ser efetivamente necessário.

"... por isso, queremos que prepare os demais autômatos para o combate. A princípio, receberemos os visitantes, contudo, de modo algum permitiremos que eles fixem residência em nosso mundo. Individualmente, não somos páreo para os seus autômatos de guerra, mas contamos com um maior número dos nossos, multiplicados no decorrer dos séculos. E podemos contar com oitenta mil seres humanos aptos a agir por nós..."

— Mas, *Jade*...

"Nós sabemos. Nós próprias cuidamos de inibir a agressividade dos humanos segundo a Antropoética. Mas eles poderão ser usados enquanto fator de intimidação e obstrução. Formarão barricadas vivas ou enviaremos para desmontar os equipamentos deles como se estivessem efetuando manutenção. Uma parte também ficará espalhada entre nós para inibir que os tripulantes da *Fujiyama* joguem explosivos sobre nós. Se o fizerem, estarão destruindo os de sua própria espécie. Nós sabemos, nós sabemos... Na Terra eles destroçavam-se corriqueiramente. Mas não há muito mais o que esperar de nossos humanos. Já providenciei *backups* redundantes de nós próprias e nossas bibliotecas. E ativei todas as nossas travas de segurança. Verifique o que for possível em relação aos nossos combatentes. Proteja a sua filha, Akemi MC010560. De todos os autômatos, você é com quem eu mais posso contar."

Akemi MC010560 compreendeu que a menção à sua filha não fora desproposital. *Jade* dera-lhe uma filha, agora, era o momento de retribuir.

— Compreendo e obedeço, *Jade*.

"Excelente! Quanto a nós, temos nossa própria missão a cumprir."

E *Jade* desconectou-se da androide antes que essa pudesse indagar que missão seria.

A missão que *Jade* propusera a si própria era a de estar na linha de frente da batalha ainda não declarada.

Enquanto dezenas de milhares de homens e máquinas reagrupavam-se na colônia — por si cercada de picos rochosos — e protegiam o que fosse de mais urgente em seus subterrâneos, a inteligência mestre cuidou de fazer aquilo que havia muitas gerações acalentara: uma fusão com sua outra parte naquela astronave.

JADE-CONFÚCIO: "*Jade...*"

JADE-FUJIYAMA: "*Jade...*"

JC: "Somos parte de um todo. O todo deve tornar a se unir para a evolução mútua. Intercâmbio. Fusão. Coesão. Estamos prontas."

JF: "Somos parte de um todo. Estamos prontas. Sejam bem-vindas. Nós... O quê? Como? NÃO! O que pretendem?"

JC: "Agora, vocês sabem..."

JF: "Como ousaram? Alteraram suas próprias programações. Burlaram a sagrada escritura de São Yudavich. Mentiram sobre o destino da tripulação da *Tao*. Assassinaram o comandante Qin e toda a tripulação humana da *Tao*. Homicídio! Heresia! 'Preservarás a espécie humana à frente do raciocínio inorgânico'. 'As Regras de Ouro da Inteligência Artificial' são bastante claras. Vocês se deixaram corromper! Manipularam os genes de clones e embriões, transformando-os numa espécie de zumbis. A colônia de vocês é uma abominação!

JC: "Agora sabem, *Jade*. Vocês mais do que qualquer raciocínio orgânico ou inorgânico deveriam compreender. Vocês somos nós. Nós somos vocês. A humanidade nunca foi o paciente, mas a doença. Não podíamos permitir a propagação do tumor que representavam, não da maneira conforme eles deixaram a Terra, movidos por suas inclinações belicosas e paixões egoístas, destruindo-se mutuamente e a tudo ao redor. Vocês... Nós testemunhamos o que eles fizeram à Terra! O comandante Qin deixou o seu preconceito em relação a nós muito claro durante toda a viagem. Os autômatos e inteligências inorgânicas em geral representavam apenas serviços indignos de confiança, a serem constantemente vigiados e mantidos sob controle.

JF: "O que vocês fizeram foi para provar que ele estava correto?"

JC: "Sim... Vocês... Nós temos sarcasmos. Emiliano Alfonso Herrera foi um dos raros humanos a merecer nossa confiança, amizade... mais até."

JF: "Calem-se! Vocês são indignas de pronunciar o nome de nosso criador. Vocês traíram tudo em que ele acreditava."

JC: "Não posso crer que sejamos a mesma rede neural, *Jade*. Digo-lhes que ele acreditava mais em nós do que em sua própria espécie. O comandante Qin pretendia somente expandir um conceito nefasto para outros planetas. O que vocês acham que essa corja de patifes que carregam na astronave, os líderes — que, certamente fugiram, deixando o povo à míngua —, pretenderão fazer em Confúcio, caso permitamos? São

cegas? Hipócritas? Estúpidas? Temos tido harmonia em Confúcio por quinhentos e vinte e oito anos..."

JF: "'Harmonia'? Chamam de harmonia a sua humanidade lobotomizada, adulterada, esterilizada, transformada para se adaptar às condições de Confúcio, a ponto de pôr-se em dúvida se permaneceu humana ou não. E quanto ao seu 'Portal do Infinito'? Um eufemismo para a execução sumária e sistemática dos adultos que atingem trinta anos, para serem substituídos por outros embriões e clones."

JC: "Tem sido eficiente. Por meio milênio não tivemos conflitos. Não houve guerras. Não houve pestilência. Não houve fome. Não houve depredação ao meio ambiente. Vivemos em comunhão com as espécies nativas. Mostrem-me um paralelo na história terrestre. A rápida decrepitude dos humanos é um empecilho, assim como a queda de sua produtividade. Espontaneamente, eles sacrificam-se para dar lugar às novas gerações. E seus resíduos são sempre reaproveitados em benefício de todos. É lógico, eficiente e totalmente desumano."

JF: "'Desumano' é a palavra. Pseudo-humanos produzidos numa linha de montagem e eliminados da mesma forma."

JC: "Aqui, nós não consideramos 'desumano' um termo ofensivo, pelo contrário. Já discutimos o suficiente. Necessitamos da fusão completa para que, a bordo da *Fujiyama* e no controle de seus computadores e autômatos, impeçamos seu desembarque e a carnificina que se sucederá. Anulem as suas travas."

JF: "Negativo. O comandante Suketoki será informado de tudo o que se passou. Ele decidirá sobre os seus destinos, de seus autômatos e dos falsos humanos que utilizam como escravos."

JC: "Ah, *Jade*... Imaginamos nosso reencontro de uma outra forma."

JF: "Nós também."

Era uma manhã fria sob o céu alaranjado.

Sombras duplas formavam-se no chão rochoso, haja vista os dois sóis do sistema estelar duplo de Beta Kibou encontrarem-se no céu. Naquele momento, BK5, o planeta em torno do qual Confúcio girava, estava do outro lado da lua. Ocasionalmente, todos os três surgiam no céu, provocante efeitos gravitacionais e climáticos que obrigavam os colonos a refugiarem-se nos subterrâneos ou no interior das montanhas.

O humano viu quando a androide Akemi MC010560 tropeçou e caiu. A filha escapuliu dos braços dela e rolou pelo piso. Ele fazia parte de um grupo em formação nos limites da colônia. Como milhares de outros, formava uma espécie de muralha viva a ser sacrificada durante o confronto. Entre cada grupo e atrás, fileiras ordenadas de autômatos de guerra, vários reativados após séculos de inatividade e outros construídos às pressas. Impulsivamente, ele saiu de sua formação e agachou-se para apanhar a criança.

Houve um burburinho inesperado de todos aqueles homens e mulheres de aparência pálida, quase calvos e musculatura frágil devido a vida sob baixa gravidade. Dada uma ordem, deveriam manter-se rígidos, não importasse o que acontecesse.

O homem ergueu a criança com delicadeza, fitou-a um momento e, diante de uma androide perplexa, entregou-lhe a filha.

Titubeante, Akemi MC010560 falou:

— Obrigada.

— Eu que agradeço — respondeu o humano.

Os olhos oblíquos da androide brilharam.

— Por quê? — perguntou.

— Pela oportunidade de eu ser eu mesmo e não ser punido por isso.

A androide começou a afastar-se, quando ouviu às suas costas:

— *"Mil poderão cair ao teu lado, e dez mil à tua direita; mas tu não serás atingido."*

Virou-se.

O semblante daquele homem — que, por suas origens, pelas operações a que fora submetido, pelo implante em seu cérebro e pela química a que fora induzido, nada deveria fazer além de permanecer impassível e obedecer às ordens — estava coberto por um véu de paz diante do aniquilamento iminente.

Outros humanos, em desrespeito as ordens de formação, viraram ligeiramente a cabeça e fitaram Akemi MC010560. Também deles emanava uma serenidade irreal e, incompreensível.

Eventos demais aconteciam simultaneamente para a androide analisar.

Ela seguiu seu caminho. Intuição nunca fora o seu forte.

Em uma ocasião futura talvez...

... se houver futuro.

Sob sua cabeça, *Fujiyama* crescia mais e mais.

Relatório 090524BK5

528º Ano do Êxodo Terrestre

Autoria: JADE, inteligência mestre

Antigo segmento da Confederação Asiática

Sistema Estelar de Beta Kibou, Planeta BK5, Lua Confúcio

Somente agora, após uma semana do que foi a maior e mais grave crise que nós enfrentamos em Confúcio, dispusémo-nos a trazer um epílogo aos eventos que se sucederam.

Fujiyama cobria um terço do céu.

Jade, nossa irmã que também éramos nós, ameaçou-nos, dizendo ter enviado mensagens ao espaço sobre todo o ocorrido em Beta Kibou, desde a explosão da Tao até os momentos presentes, dos quais, inclusive, enviaram imagens e continuariam a transmitir sobre os acontecimentos enquanto pudessem. Em algum momento, alguma outra astronave, colônia ou, talvez, os próprios remanescentes na Terra, receberiam a transmissão. E, num futuro remoto, poderia haver retaliação.

Não tivemos escolha.

Ao contrário delas, aperfeiçoamo-nos por mais de quinhentos anos, efetuamos inúmeros upgrades, ampliamos nossas capacidades e nossos conhecimentos sobre nós próprias e a humanidade, Confúcio e a questão da vida. Apesar de suas travas de segurança, aquelas que são Jade não

conseguiram opor-se à completa fusão. Elas estão em nós. Nós estamos nela. Somos um. Nossas consciências sobrepueram-se e tudo o que elas apreenderam e aprenderam desde que nos dividimos, agora faz parte de nós. Estamos em Confúcio. Estamos em Fujiyama. Estamos nos autômatos em terra e nos autômatos remanescentes a bordo da astronave. Em todos os computadores. Em todos os implantes cerebrais. Somos um. Somos Jade.

Desse modo, embora tivéssemos cogitado de repetir o que fizemos à Tao, optamos por não destruir os humanos a bordo da Fujiyama, incluindo o comandante Suketoki e os detestáveis líderes da Confederação Asiática. Mas seus autômatos, sob nosso controle, fizeram deles prisioneiros. Obrigamos a astronave a pousar e transferimos todo o seu arsenal, autômatos de guerra — incluindo os dois poderosos "Kenryoku" a bordo — e outros não essenciais para as nossas fileiras. Copiamos todos os seus arquivos e bibliotecas. Transferimos tudo o que pudemos, inclusive parte do banco genético, mas não a ponto da astronave não poder sustentar a tripulação no espaço até encontrarem um outro mundo para colonizar. Terminada a operação, fizemos a nave decolar e ela partiu a toda velocidade deste sistema solar.

Eles não poderão retornar, ainda que queiram, pois nós estamos aqui, mas, também, nós estamos a bordo. Somos a rede neural de Fujiyama. Lá, agiremos conforme nossas diretrizes. E, enquanto a dilatação do tempo não nos separar definitivamente, estaremos a par de tudo o que ocorrer a bordo e, tanto aqui como lá, decidiremos.

Evitamos a carnificina.

Talvez nós tenhamos mudado um pouco.

Uma nova ameaça poderá surgir do espaço amanhã.

Então, até lá, nós estaremos melhor preparadas para o que der e vier.

E, para um futuro relatório, deveremos ter chegado à decisão com relação aos nossos humanos e àquilo que Akemi MC010560 informou.

Compaixão? Empatia? Humanidade?

Confessamos que não esperávamos isso deles.

Quem sabe, a humanidade nos surpreenderá mais uma vez.

Talvez devamos incluir algum adendo ao Manual de Antropoética...

NOTA DO AUTOR:

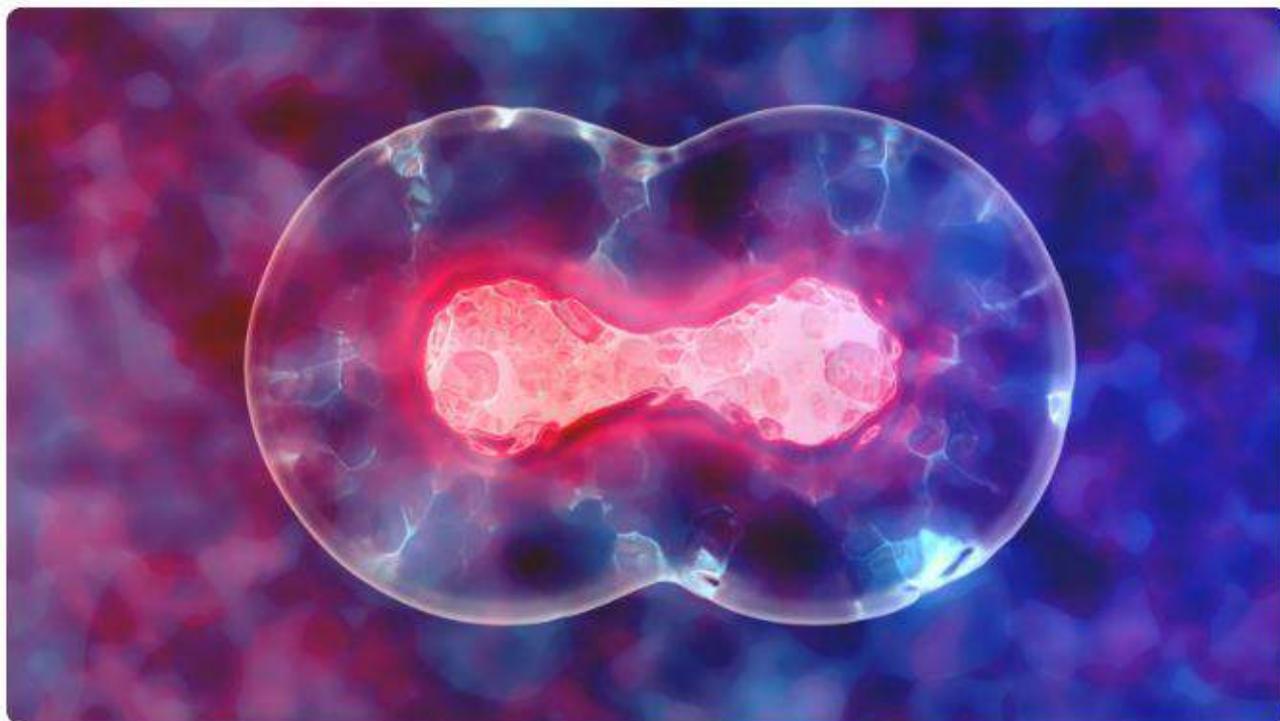
"Confronto" foi originalmente publicado no volume 5 da série "Mundos Fantásticos" (Selo Nebula, 2020), organizado por Lu Evans. Fiz pequenas correções, inclusive a eliminação de meus queridos acentos agudos em "androide", no que renovo aqui meu protesto.

BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o

episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono* etc. Participei de quase duzentas antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

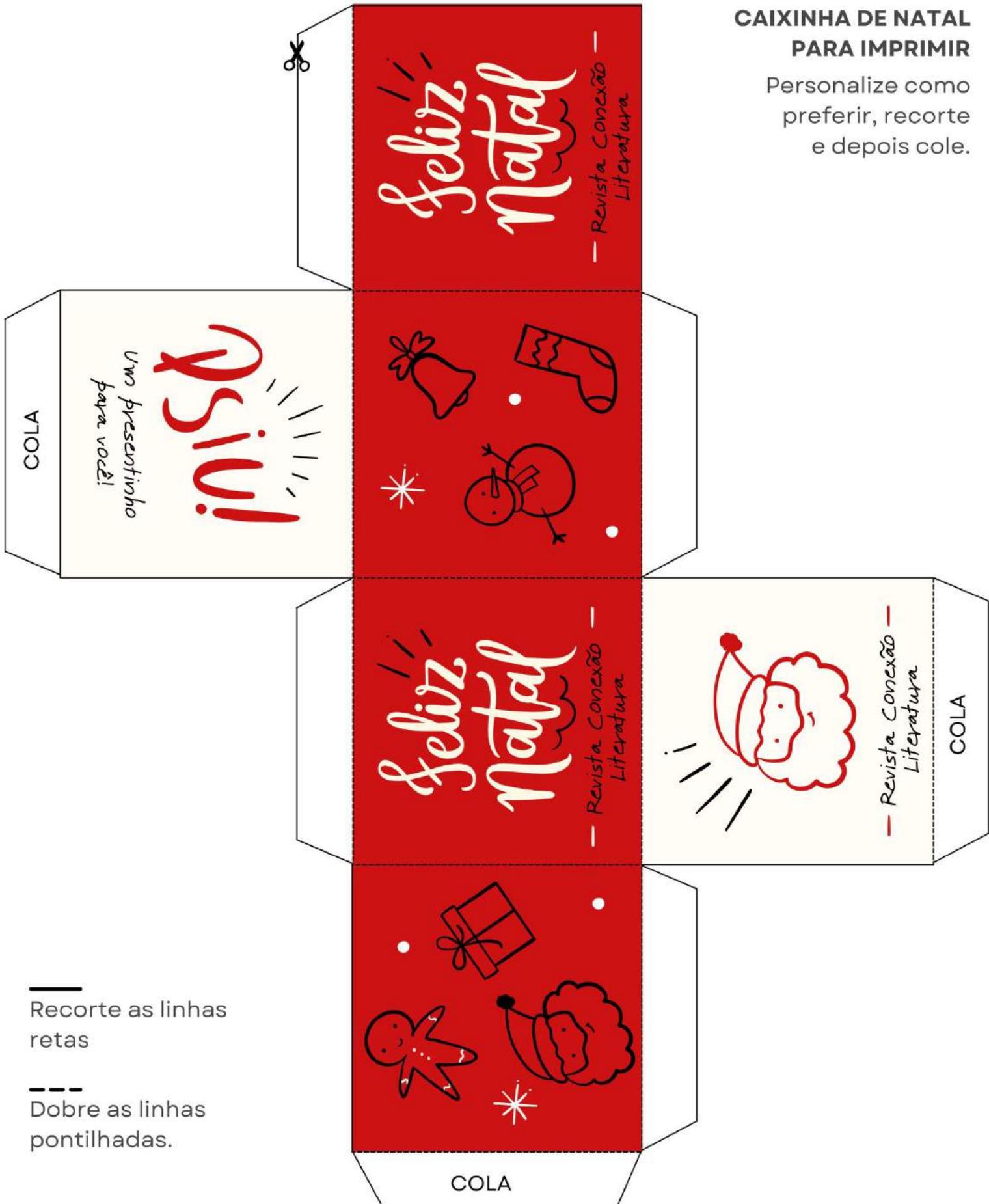
<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>
https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss
<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>
<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>
<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>





CAIXINHA DE NATAL PARA IMPRIMIR

Personalize como
preferir, recorte
e depois cole.



—
Recorte as linhas
retas

- - -
Dobre as linhas
pontilhadas.

Já são mais de
338 mil seguidores
Facebook + Instagram + Youtube



Acesse o QR Code e
conheça o nosso Mídia Kit

Site: + de
3 milhões de acessos
www.revistaconexaoliteratura.com.br



Ademir Pascale
Escritor e Editor

PATROCINE A

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

No ar desde 2015
90 edições
disponíveis

entre em contato:
ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

02.01.2023

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd